

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE
HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALEXANDRE PIERRY NEGRÃO

A AVENTURA DA BÍBLIA NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: A
JORNADA DOS COLPORTORES, DESBRAVADORES ANÔNIMOS

PONTA GROSSA

2021

ALEXANDRE PIERRY NEGRÃO

A AVENTURA DA BÍBLIA NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: A
JORNADA DOS COLPORTORES, DESBRAVADORES ANÔNIMOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Discursos, representações: produção de sentidos).

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva

PONTA GROSSA

2021

N385 Negrão, Alexandre Pierry
A aventura da bíblia no Brasil na segunda metade do século XIX: a jornada dos colportores, desbravadores anônimos / Alexandre Pierry Negrão. Ponta Grossa, 2022.
90 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva.

1. Colportores. 2. Colportagem. 3. Sociedade bíblica. 4. Bíblia no Brasil. 5. Protestantismo Brasileiro. I. Silva, Edson Armando. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III. T.

CDD: 981



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO



TERMO DE APROVAÇÃO

ALEXANDRE PIERRY NEGRÃO

A AVENTURA DA BÍBLIA NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: A JORNADA DOS COLPORTORES, DESBRAVADORES ANÔNIMOS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 10/11/2021, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Edson Armando Silva (UEPG)
(Orientador)

Prof. Dr. Rosângela Wosiak Zulian (UEPG)

Prof. Dr. José Henrique Rollo Gonçalves (UEM)

Prof. Dr. Márcio Ornat (UEPG)



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela W. Zulian, Professor(a)** em 17/11/2021, às 18:58, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Jose Ornat, Professor(a)** em 25/11/2021, às 10:27, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Edson Armando Silva, Professor(a)** em 25/02/2022, às 11:08, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **0757620** e o código CRC **99D4ACBB**.



RESUMO

A inserção do protestantismo no Brasil e suas raízes históricas de consolidação das práticas proselitistas confessionais, tem como fator central a disseminação da bíblia. Distribuição realizada por vendedores ambulantes de literatura cristã, os colportores, trabalho primeiramente feito por missionários estrangeiros e também por brasileiros. Não obstante, a trajetória da bíblia nesse período conta com o apoio majoritário das sociedades bíblicas, americana e britânica, imbuídas em tornar a bíblia acessível. Destaca-se nesse contexto de liberdade religiosa a partir do paradigma constitucional de 1824, uma tensão nos relatos dos colportores nas suas andanças pelas cidades e vilarejos devido à oposição do clero romano. A presente dissertação irá denotar as vicissitudes enfrentadas pelos colportores pelas capitais e interiores do Brasil, obstaculizado pelas dimensões brasileiras bem como precárias vias de transporte, que tornavam as viagens dispendiosas, difíceis e perigosas. Nesse sentido, o texto quer abordar a aventura em si de pioneirismo realizada por esses vendedores ambulantes, suas representações e permanências ocultas a partir dos seus relatos nas atas anuais emitidas por essas sociedades bíblicas, no período de 1850 a 1900 e suas biografias.

Palavras-Chave: Colportores – Bíblia – Sociedades Bíblicas – Protestantismo

ABSTRACT

The insertion of protestantism in Brazil and its historical roots of consolidation of confessional proselytizing practices, has the dissemination of the bible as a central factor. Distribution carried out by street vendors of christian literature, the colporteurs, work primarily done by foreign missionaries and a posteriori also by brazilians. Nevertheless, the trajectory of the bible in this period has the majority support of biblical societies, american and british, imbued with making the bible accessible. It stands out in this context of religious freedom from the constitutional paradigm of 1824, a tension in the reports of the colporteurs in their travels through the cities and villages due to the opposition of the Roman clergy. The present dissertation will denote the vicissitudes faced by the colporteurs in the capitals and interiors of Brazil, hampered by the brazilian dimensions as well as precarious transport routes, which made the trips expensive, difficult and dangerous. In this sense, the text wants to address the pioneering adventure itself carried out by these street vendors, their representations and hidden permanences from their reports in the annual reports issued by these biblical societies, in the period from 1850 to 1900 and their biographies.

Key words: Colporteurs - Bible - Bible Societies – Protestantism

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
1 O BRASIL RELIGIOSO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	12
1.1 PANORAMA SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL BRASILEIRO DO PERÍODO	12
1.2 O CONTEXTO RELIGIOSO BRASILEIRO DO PERÍODO	14
1.3 A BÍBLIA ANTES DE 1850 NO BRASIL	18
1.4 A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL	19
1.5 ESTRATÉGIAS DE IMIGRAÇÃO E DE MISSÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL	26
2 A AVENTURA DA BÍBLIA	31
2.1 AS SOCIEDADES BÍBLICAS E SEUS AGENTES	34
2.2 A VIAGEM DA BÍBLIA ATÉ O BRASIL	39
2.3 A CHEGADA DA BÍBLIA NA AGÊNCIA	41
2.4 COMPRADORES CURIOSOS.....	43
2.5 O AVENTUREIRO COLPORTOR	45
2.6 GRANDES DISTÂNCIAS, GRANDES AUSÊNCIAS	46
2.7 MÚLTIPLAS ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO NO COTIDIANO DO COLPORTOR ..	49
2.8 AS TENSÕES COM CLÉRIGOS CATÓLICOS.....	51
2.9 PRISÕES, VIOLÊNCIAS E EXPULSÕES	53
2.10 MULHERES COLPORTORAS	56
2.11 DOENÇAS E FALECIMENTOS NO CAMPO MISSIONÁRIO	56
3 OS COLPORTORES E SUAS REPRESENTAÇÕES	59
3.1 A TRAMA QUE ENVOLVE O COLPORTOR	61
3.2 AS NARRATIVAS EM TORNO DA BÍBLIA	67
3.3 O CLIMA “HERÉTICO”	69
3.4 A DISSEMINAÇÃO DE BÍBLIAS NAS CAPITAIS E NOS INTERIORES	73

3.5 O ENCONTRO DAS TEODICEIAS	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	88

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A primeira carta magna brasileira de 1824¹ no seu artigo quinto atribuía liberdade restrita de culto para qualquer religião, mesmo sendo ainda o catolicismo a religião oficial do estado. Teoricamente essa constituição contribuía significativamente para o estabelecimento da liberdade religiosa no Brasil. Não obstante, a segunda metade do século XIX no Brasil foi também um período marcado por grandes transformações econômicas, políticas, sociais, ideológicas e religiosas. O segundo Império a partir de 1850 foi o início da “modernização” do Brasil. Nesse aspecto, sem dúvida nenhuma a abolição da escravatura, a Proclamação da República, o advento de um sistema político regalista², bem como uma legislação favorável a tolerância religiosa tornou o Brasil atrativo ao ingresso de imigrantes.

A partir dos idos de 1850 missionários ingleses e americanos chegam ao Brasil com o projeto resolutivo de disseminação e popularização da bíblia por todo o território brasileiro. Nesse trabalho de fazer prosélitos, as sociedades bíblicas³, organizações civis cristãs britânicas e americanas, percebem uma oportunidade de tornar a bíblia um livro popular no Brasil, haja vista denotar-se certas restrições à disseminação da mesma. Nesse tocante, como parte do discurso do primeiro representante da sociedade bíblica americana no Brasil, o missionário protestante Daniel Parish Kidder, alega que embora a bíblia não tenha sido proibida no Brasil, *é totalmente desconhecida na língua portuguesa*.⁴

Essa era a representação que Daniel Parish Kidder⁵ fazia nas suas primeiras impressões aqui no Brasil. Kidder foi o primeiro missionário que empreendeu esforço sistemático de difusão das escrituras cristãs no Brasil. Contudo, a bíblia já existia há muito tempo na *terra brasilis*. Desde sua oficialização em 1540, a *Companhia de Jesus*, na figura dos religiosos jesuítas, foram os primeiros missionários e educadores no Brasil Colônia. Padres como Manoel da Nóbrega e José de Anchieta exerceram grande influência sobre a formação religiosa e cultural do povo brasileiro.

¹ A Constituição (1824) determinava: “Art. 5º - A religião católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.”

² Regalismo: Sistema político que sustentava o direito que tinham os reis de interferir na vida interna da igreja.

³ Sociedades Bíblicas: SBBE – Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira fundada em Londres na Inglaterra em 1804 e a SBA – Sociedade Bíblica Americana Fundada em 1816 na cidade de Nova Iorque nos Estados Unidos.

⁴ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil**. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1972, p. 107.

⁵ Missionário metodista que chegou ao Brasil em 1837 aos 22 anos de idade e retornou aos Estados Unidos em 1840, em virtude o falecimento da sua esposa Cynthia Kidder.

Não obstante, a bíblia não estava entre os livros adotados nas escolas jesuíticas para estudo dos alunos, pois desde 1564 com a publicação da bula *Dominici Gregis*, pelo papa PIO IV, a mesma era proibida de ser lida pelos leigos da Igreja Católica. Também nesse projeto amplo de fazer prosélitos através da leitura direta da bíblia pela população geral, havia o obstáculo do analfabetismo:

No final do Brasil Colônia, embora existissem duas traduções da bíblia na língua portuguesa, a população brasileira era composta de 99% de analfabetos. O desinteresse da Igreja Católica em divulgar a bíblia e o altíssimo índice de analfabetismo tornaram a bíblia um livro desconhecido no Brasil desde a sua descoberta, no final do século XV, até 1808, no início do Brasil Império.⁶

A instrução era difícil, acessível a poucos, o analfabetismo era regra geral e os estudos eram considerados sinal de classe e distinção, e não uma necessidade. Nesse panorama que surge um elemento de tensão mais latente em todo esse projeto de expansão da bíblia, revelada na prática diária e no cotidiano do missionário, que são as tensões e conflitos ligados à Igreja Católica quanto à disseminação da bíblia “herética” dos protestantes. Empreendimento executado principalmente pelos colportores (vendedores ambulantes de literaturas cristãs), realizado primeiramente por missionários imigrantes e posteriormente por brasileiros.

Não obstante, quando o jornal católico, *O Apóstolo*⁷ acusou o protestantismo de ser a “porta para a infidelidade”, citando que teólogos protestantes negavam a divindade de Cristo e que por essa razão não eram o tipo de imigrantes que se devia permitir entrar no Brasil⁸, bem como em 1859 o Núncio Apostólico formalizou um comunicado com diversas queixas contra o missionário escocês Robert Reid Kalley⁹ que também era médico, por exercício ilegal da medicina, propagandista de doutrinas contrárias à religião, e tentativa de converter católicos a fé protestante,¹⁰ denota-se que os conflitos religiosos eram e faziam parte da vida diária. Como resposta Kalley elabora um documento com diversas questões a ser enviado aos três melhores juristas brasileiros da época: Joaquim Nabuco, Caetano Alberto Soares e Urbano Pessoa de

⁶ GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri-SP, 2012, p. 51.

⁷ “O Protestantismo e a Incredulidade”, *O Apóstolo*, Rio, 23 de junho de 1867.

⁸ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF. Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 51.

⁹ O Reverendo Robert Reid Kalley é considerado por muitos o fundador da primeira igreja protestante no Brasil. Isto porque as congregações protestantes organizadas antes dele no Brasil, a anglicana em 1818 e as luteranas a partir de 1824, foram igrejas de imigração – seus cultos eram celebrados em inglês e alemão, para os imigrantes ingleses e alemães. A Igreja Evangélica Fluminense, por sua vez, era uma igreja de missão, e seus cultos eram celebrados em português para pessoas de língua portuguesa – brasileiros e portugueses. E a Igreja Evangélica Fluminense foi a primeira igreja protestante registrada oficialmente como entidade jurídica no Brasil. *A Bíblia na Brasil Império*, Luiz Antonio GiralDI.

¹⁰ GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri-SP, 2012, p. 176.

Melo, com uma pergunta questionando a liberdade religiosa existente: [...] *os cidadãos brasileiros adultos têm ou não têm liberdade perfeita de seguir a religião que quiserem?*¹¹

Os missionários apesar dessas tensões ligadas a liberdade religiosa tinham respaldo governamental que buscava assegurar ao religioso protestante liberdade de culto. Nota-se que nos centros urbanos de maior expressão as primeiras investidas dos clérigos católicos foram rechaçadas pelas autoridades civis e que a partir daí se deram de maneira esporádica e frouxa.¹² Contudo, é na disseminação pelo interior brasileiro que os conflitos em torno da bíblia se mostram na prática, a princípio, mais contundentes.

A partir daí que se dão as representações realizadas pelos colportores das permanências, rupturas e tensões que imbricavam a questão religiosa em torno do fator central chamado – bíblia. É nas cidades interioranas, onde a influência do padre católico é mais sentida nas mentalidades, que os confrontos com os vendedores ambulantes de literaturas cristãs se tornavam mais tensos.

Como já mencionado, o Brasil do século XIX era carente de meios de transporte e comunicação aos povoados mais distantes dos grandes centros. Nesse sentido, os colportores faziam isso de casa em casa, de porta em porta, seja nas grandes cidades ou nos lugares mais recônditos e afastados das regiões urbanas. Viajando pelos sertões e transportando seus livros no lombo de mulas ou em carroças, os desbravadores colportores levavam as literaturas cristãs a lugares e pessoas que nunca tinham ouvido falar das escrituras. É nessas localidades mais afastadas que enfrentavam forte oposição, como a registrada abaixo:

Em 1864, o delegado da cidade de Santo Amaro, Bahia, expulsou um colportor depois de apreender seus livros. Em 1867, um delegado da província de Sergipe negou a um colportor licença para vender bíblias. Em 1869, um delegado da cidade de Santos, São Paulo, expulsou um colportor da cidade, impedindo que ele retirasse uma caixa de bíblias da alfândega. Em 1871, o vigário da cidade de Olinda, Pernambuco, apreendeu as bíblias de um colportor que havia sido detido pelo delegado de polícia.¹³

Em outro relato pelo colportor Frederick Charles Glass registrado em seu livro diário *Aventuras com a bíblia no Brasil* de 1914:

Em outra ocasião, quando com dois companheiros cheguei a cavalo à pequena cidade de São Francisco, no estado de Minas Gerais, percebemos, imediatamente, que havia uma grande hostilidade do povo contra nós, experiência está bem fora do comum. O padre da localidade, evidentemente, havia sido informado sobre nosso trabalho bíblico nas demais cidades ou nas nossas viagens através do país e de tal modo envenenara

¹¹ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 117.

¹² RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico**. São Paulo, Pioneira, 1973, p. 47-48.

¹³ GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p. 229.

as mentes da população contra nós. Algumas pessoas fugiam a nossa aproximação, enquanto outros ameaçavam-nos abertamente com varapaus e pedras. Em todo o trabalho daquela tarde, conseguimos vender apenas dois ou três testamentos.¹⁴

Fontes primárias da representação dos missionários protestantes foram também as atas registradas das sociedades bíblicas nos seus relatórios anuais publicados pela Sociedade Bíblica Britânica Estrangeira (SBBE) de 1850 a 1900, e pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) de 1840 a 1880. Nesses “fechamentos” ou resumos dos trabalhos realizados para disseminação da bíblia em todo o mundo, as sociedades bíblicas registram em relatórios anuais as condições de como se davam o trabalho de divulgação da bíblia. Dificuldades, oportunidades, obstáculos, experiências e estratégias de como o trabalho acontece e como deveria ser desenvolvido.

Como exemplo, no seu relatório anual de 1860¹⁵, a SBA no tocante ao Brasil revela o trabalho do clérigo Daniel Parish Kidder pelo norte do país, foi realizado sem oposição. Acrescenta ainda que em vários momentos, religiosos¹⁶ favoreceram a distribuição da bíblia. Interessante que no fim desse relatório é mencionado que os sacerdotes papais exerceram oposição ao trabalho dos missionários.

Diante dessas tensões e contradições a dissertação tem como fator central compreender as narrativas e suas representações que os colportores e missionários protestantes produziam em seus discursos com a disseminação da bíblia a partir dos seus relatos biográficos e as atas anuais emitidas pelas sociedades bíblicas, no período de 1850 a 1900, tendo como fio condutor suas representações tensionais com os católicos.

Para responder a esse questionamento, no primeiro capítulo da dissertação será abordado o contexto religioso brasileiro na segunda metade do século XIX. Panorama necessário para compreender o campo religioso do entrante protestante que via na disseminação da bíblia seu fator central. Nesse sentido, um panorama sobre a historicidade do objeto, no caso a bíblia, será explorado até 1850, assim como, o entendimento da inserção do protestantismo no Brasil, esse com suas características, táticas e estratégias.

No segundo capítulo, a abordagem será a principal tática utilizada pelos missionários protestantes para a divulgação do protestantismo missiológico no Brasil, isto é, a “aventura” da chegada massificada das bíblias, com a vanguarda das sociedades bíblicas e dos seus vendedores ambulantes (colportores). Nesse capítulo, o enfoque será na trajetória da bíblia da Europa e América do Norte até as mãos dos colportores no Brasil. O cerne da dissertação é

¹⁴ GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a Bíblia no Brasil**. Associação Educativa Evangélica, São Paulo, 2018, p. 56.

¹⁵ Annual Reports of the American Bible Society, Vol. II, New York, 1860, p. 68.

¹⁶ No original o termo utilizado é “ecclesiastics”.

trazer as narrativas, as representações e as tensões que os missionários estrangeiros e brasileiros faziam das suas jornadas e aventuras com a bíblia no contexto religioso brasileiro, bem como as publicações anuais dos relatórios produzidos pela SBBE e SBA. Para analisar esses discursos que tem como material as fontes primárias escritas por esses desbravadores anônimos, os princípios e procedimentos da análise de discurso de Eni Puccinelli Orlandi aplainaram o caminho para entendimento do funcionamento da linguagem e sua compreensão como prática simbólica. Não obstante, compreender o conceito de representação tendo como embasamento teórico de Roger Chartier, onde o autor denota que a *História Cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*.¹⁷

No terceiro capítulo, o propósito é compreender o encontro tensional das teodiceias católicas e protestantes no cotidiano brasileiro, por meio da difusão da bíblia em território nacional. Nesse ponto, “o problema da teodiceia” será aclarado pelo sociólogo Peter L. Berger. Destarte, compreender as rupturas, permanências e sentido com a disseminação da bíblia na segunda metade do século XIX objetiva também compreender os conceitos ligados à difusão do livro, conforme denotado por Robert Darnton:

História social e cultural da comunicação impressa... sua finalidade é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos.¹⁸

Diante desses apontamentos, compete analisar os aspectos do Brasil Religioso na Segunda Metade do século XIX.

¹⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. 2 ed. Portugal, Difel, 2002, p. 16-17.

¹⁸ DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Companhia das Letras. São Paulo, 1990, p. 65.

1 O BRASIL RELIGIOSO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

1.1 PANORAMA SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL BRASILEIRO DO PERÍODO

Marcadamente é a partir da segunda metade do século XIX que a realidade sociocultural do brasileiro começa a se modificar de maneira mais dramática. Desde os atos políticos da “abertura dos portos” que entre outras coisas derrubou a proibição da entrada de estrangeiros até 1808,¹⁹ e a Constituição de 15 de março de 1824, outorgada por Dom Pedro I, com ideias iluministas e liberais, profundas transformações ocorreram no ambiente político, econômico e social brasileiro.

As lutas do liberalismo brasileiro do período em favor da imigração, da completa liberdade de religião, do casamento civil, do fim da escravidão, do desmembramento gradual entre Igreja e Estado,²⁰ ideias que primeiro vieram da França para o Brasil por meio de jornais e livros, e num segundo momento pelo pensamento liberal inglês, em face da tremenda influência trinitária sobre o Brasil, isto é, econômica, militar e política. As ideologias importadas preconizavam mudanças e rupturas, em todos os aspectos do cotidiano, e se não traziam flutuações sociais no curto prazo, deixaram a médio e longo prazo abruptos movimentos políticos e sociais, na medida em que influenciavam e moldavam a aristocracia dos bacharéis, formados nas universidades europeias e das “gentes” comuns, sendo esses militares, políticos e bacharéis de segundo escalão.

Dentro do campo político, o século XIX deixou marcas reverberantes no perfil do brasileiro. Primeiro com a emancipação em relação a Portugal, seguida da queda de dois monarcas, tendo notadamente na queda de Dom Pedro II o fim do império em 1889, a partir daí o surgimento de uma nova plataforma de estado-nação, a República. A política nesse período era dominada pela aristocracia rural: senhores de engenho e latifundiários.

No aspecto econômico essa atualização ou “modernização” tinha como motor principal a indústria cafeeira, principal *commodity* do período que alterou radicalmente o arcaico sistema econômico brasileiro fornecendo grande parte da infraestrutura e capital. Somando-se a isso proporcionaram as grandes transformações no sistema de mão-de-obra, da escrava ao advento do imigrante. Nesse sentido, numa estrutura econômica essencialmente agrária acontece de

¹⁹ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 1980, p. 65.

²⁰ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 38.

maneira paulatina a “industrialização”, onde os idos de 1850 marcam uma etapa de progresso industrial. É a era das construções de ferrovias e dos telégrafos, tempos em que os meios de transporte e comunicação eram precários no território brasileiro.

Fator importante nesse tempo “expansionista” foi a proibição do tráfico negreiro e a abolição da escravatura posteriormente, fomentando a necessidade de contratação de mão-de-obra assalariada, essa vinda massivamente dos campos europeus, tendo o Brasil agora que gestar um surto imigratório que trazia no seu bojo além da cultura europeia, suas formas religiosas majoritariamente protestantes. Condicionado por fatores geográficos de um país continental, com interior, montanha, sertão e litoral não se pode conceber um perfil universalizante do cidadão brasileiro. Contudo, algumas características eram peculiares e tocavam as sensibilidades de todo o povo brasileiro, tais como: a exploração colonial, o isolamento devido as grandes distâncias, miséria social, a escravidão, censura da forma de pensar e de expressão com o jugo do coronelismo, muito embora tendo na religião o seu fator central aglutinador.

Destarte, o mote “europeizar é preciso” fez do processo de branqueamento uma bandeira marcante desse período histórico. Nesse tempo, a população brasileira dobra seu número chegando a dez milhões de brasileiros, constituída por ampla maioria de escravos, negros libertos, índios e pardos. A mestiçagem incomodava as elites brasileiras que optaram pela abertura política ao branco europeu, iniciando uma corrida pelo messianismo “branco”.²¹

Diante desses pontos o Brasil da segunda metade do século XIX vê crescer um movimento contínuo de europeização, era o mito da civilização, em detrimento estereotipado dos valores culturais afro-brasileiros e indígenas como meras expressões tupiniquins, ou melhor, “selvagens”. Não podem ser detalhados aqui detidamente, mas ressalte-se:

Parece ser comum a católicos e protestantes o fato de atribuírem à implantação de seus respectivos projetos de igreja um caráter profundamente civilizador, o que traz implícita uma concepção de superioridade da cultura europeia em relação à autóctone. Não é difícil demonstrar que em várias ocasiões esta postura revelava uma profunda insensibilidade em relação à cultura das populações autóctones e mal disfarçava o preconceito racial que lhe era implícito.²²

Retomando, o Brasil deixou de ser colônia territorial de Portugal, mas passou a ser colônia intelectual e cultural de franceses, ingleses e alemães. É nessa confluência de fatos e

²¹ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 70, 154, 156, 179.

²² DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 75.

fatores que a imigração europeia vai se dar, donde não há processo migratório por menor que seja, incapaz de deixar ao longo de movimentos sincrônicos e diacrônicos suas permanências, pensamentos, formas e sentido, que esse texto buscará mostrar.

1.2 O CONTEXTO RELIGIOSO BRASILEIRO DO PERÍODO

Na sociedade brasileira imperial “Igreja Católica Romana” e “sistema religioso” estão imbricadas e homogêneas na mesma frase. O catolicismo brasileiro assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório.²³ Essa simbiose envolvia toda a organização social, isto é, registro de nascimentos, casamentos, batismos, óbitos, sepultamentos. A presença física da Igreja Católica não era somente religiosa, mas também jurídica concernente à formação dos bairros, vilas, cidades e municípios brasileiros estavam intimamente ligados à igreja. Portanto, toda a esfera social tinha sua identidade suportada na religião católica, era praticamente impossível viver integrado no Brasil sem seguir ou pelo menos respeitar o catolicismo.

Nesse tempo encontrava-se o catolicismo tridentino, focado na missa e no sacerdócio e outro catolicismo dito popular, dos santos de devoção pessoal, também conhecido como catolicismo patriarcal²⁴. Era uma religião difusa, não sistematizada, estava em tudo e em todos, sendo produzida e consumida como o eram os outros bens necessários à existência. Era coletiva e indiferenciada, sem autonomia como o era a própria sociedade a ela correspondente, vindo de encontro ao que Pierre Bourdieu concebeu:

[...] domínio prático de um conjunto de esquemas de pensamentos e de ação objetivamente sistemáticos, adquiridos em estado implícito por simples familiarização e, portanto, comuns a todos os membros do grupo e praticados segundo a modalidade pré-reflexiva [...].²⁵

A Igreja Católica brasileira estava numa condição precária no século XIX, a partir já da segunda metade do século XVIII uma mudança de atitude diante do catolicismo português começou a se materializar com o desmantelamento das ordens monásticas pelo Marquês de Pombal, visando uma “modernização” do Estado que tinha como pressuposto uma ampliação

²³ HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550 – 1800**. 2 ed. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1978, p. 13.

²⁴ Catolicismo patriarcal: significa a sacralização da nova sociedade implantada no Brasil pelos portugueses, isto é, uma forma de sacralização da ordem estabelecida. Ibidem, p. 74.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2007, p. 115.

do campo estatal. Destarte, havia uma crise de maior profundidade que abrangia não somente o âmbito político, mas também econômico e principalmente espiritual.

Mesmo com as conclusões do Concílio de Trento que posicionou a Igreja para lutar contra o avanço do protestantismo e do liberalismo, observava-se no início do século XIX notadamente a perda de espaço da Igreja nas esferas do poder temporal. A reforma Josefina consolidou o poder absolutista do imperador Dom Pedro II hegemonia que se firmou sobre os sistemas religioso e pedagógico.²⁶ Essa atitude veio um pouco tarde haja vista sob o padroado todos os assuntos eclesiásticos serem tratados e resolvidos pelo governo, ademais essa aproximação com Roma era vista pela ala liberal com desconfiança e hostilidade.

No Brasil como já mencionado, o Marquês de Pombal num projeto de consolidação a fim de modernizar o estado português, resolve submeter à igreja ao estado, para isso, limitando e até expulsando os jesuítas dos territórios luso-brasileiros em 1759, muito embora deixasse intactos os valores teológicos, tridentinos, vigente antes de suas reformas²⁷. Nesse crescente processo de emancipação do Império em relação à influência da Igreja Católica são as ideias iluministas com suas revoluções liberais que vão invadir os círculos políticos intelectuais da Corte brasileira e restringir consideravelmente a influência da Igreja Católica em ditar os novos rumos.

Esse enfraquecimento da Igreja Católica deveu-se também ao sacrifício das rendas nacionais em virtude do fim da escravidão e, por conseguinte, do braço escravo que era o sustentáculo do principal motor da economia brasileira que era a agricultura. O clero todo era pago pelo estado, as cômputas tendiam a ser mesquinhas e permaneceram as mesmas por diversas décadas, a despeito da inflação e do aumento constante no custo de vida.

²⁶ RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico**. São Paulo, Pioneira, 1973, p. 25.

²⁷ “É nesse ambiente cultural que devemos emoldurar o esforço empreendido por Marquês de Pombal no sentido de reorientar a cultura e modernizar o Estado português. Isso, entretanto, não significa a adesão ao iluminismo, na sua vertente francesa e inglesa, ou ao pensamento liberal. As ideias liberais e anticlericais, que ganharam legitimidade nesse ambiente cultural, sofrem pesadas restrições em Portugal que conserva uma concepção absolutista de poder procurando, entretanto, fundamentá-la numa racionalidade moderna.

Modifica-se os métodos e os objetivos do Estado ampliando sua esfera de ação e legitimando-a na noção de bem comum e de soberania nacional. Essa “modernização” do Estado significou, sobretudo a ampliação do campo da ação estatal e o aumento da sua eficácia. Todos os setores da vida social deveriam estar sob controle do Estado. Para isso procedeu-se a uma tendência de centralização e racionalização da estrutura administrativa cujas ramificações deveriam estender-se a todos os recantos do país através da organização de uma burocracia profissional e fiel ao soberano. Todos os obstáculos à autoridade do soberano foram combatidos, inclusive a interferência papal nos assuntos eclesiásticos dentro do reino. Não se trata de uma postura anticlerical, o clero continuou com grande influência no reino, especialmente em nível familiar e educacional. Trata-se, sobretudo, de submeter a estrutura eclesiástica às diretrizes do Estado”. SILVA, Edson Armando. **Identidades Franciscanas no Brasil: A Província da Imaculada Conceição – Entre a Restauração e o Vaticano II**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do Grau de Doutor. Rio de Janeiro, 2000, p. 143 e 144.

Muito embora o nível intelectual e moral do clero brasileiro apresentasse nuances e diferenças de região para região, do ponto de vista espiritual o clero católico brasileiro tendia a ser ou ignorante ou heterodoxo, envolvido em política, negligente em seus deveres espirituais e flagrante violador das regras do celibato²⁸. Isto se devia em parte pela quantidade insuficiente de sacerdotes para atender a amplitude territorial brasileira donde eram substituídos por leigos capelães que tinham nas cerimônias festivas de procissão ao ar livre sua reformulação de práticas religiosas.²⁹

O episcopado continuava pouco numeroso, não acompanhando o aumento da população, e sua influência não era significativa: a maior parte das funções episcopais era exercida pela instituição leiga do padroado; bispos e sacerdotes encarregados de paróquias eram nomeados e mantidos pelo rei. Pode-se dizer que a Igreja era, no Brasil, uma organização de leigos.³⁰

O quadro geral do clero brasileiro oscilava entre uma deficiência herdada de épocas anteriores e o esforço de reforma no tocante à formação sacerdotal, pois poucos eram os sacerdotes versados nas ciências e nas letras das sagradas escrituras:

[...] a falta de livros e a falta de universidades. O Brasil colonial constitui praticamente uma civilização sem livros... Um cristianismo sem livros se torna em pouco tempo uma religião sem fundamentação bíblica, divorciada da teologia, uma prática de devoções e cerimônias sem ligação com a vida.³¹

No seu livro *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, isso foi representado pelo missionário protestante Daniel Parish Kidder da seguinte maneira: [...] *os conventos estão em franco declínio, diminuem o número de padres seculares, as igrejas estão em ruínas e a irreligiosidade vai-se disseminando rapidamente.*³²

Em 1843 o Ministro da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos, Honório Hermeto Carneiro Leão, então político do Partido Conservador, expressou um panorama geral sobre a Igreja Católica em relatório a legislatura imperial:

É verdadeiramente alarmante a falta de clérigos que se dediquem com afinco aos trabalhos espirituais, bem como de novas vocações sacerdotais. Na província do Pará,

²⁸ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 27.

²⁹ RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico**. São Paulo, Pioneira, 1973, p. 56.

³⁰ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 1980, p. 13.

³¹ HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550 – 1800**. 2 ed. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1978, p. 20.

³² KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951, p. 253.

paróquias existem que há doze anos e mais não tem vigário. A região do Rio Negro compreende quatorze aldeamentos e dispõe de um único padre. Nas três comarcas de Belém, no baixo e alto Amazonas, existem trinta e seis paróquias vagas. Em Cuiabá, nenhuma igreja tem sacerdote permanentemente e os que eventualmente nelas oficiam não cumprem como deviam as instruções do bispo no sentido de instruir o povo e melhorar a paróquia. Na diocese do Rio de Janeiro a maioria das igrejas tem padres, mas, em muitas delas, apenas temporariamente. Esse bispado compreende quatro províncias, mas, durante os últimos nove anos, apenas cinco ou seis novos padres foram ordenados, anualmente. É interessante observar que o número de padres que falecem ou deixam a vida ativa por enfermidade ou excesso de idade está na razão de dois para um em relação aos novos. Mesmo dos que se ordenam, poucos se dedicam ao sacerdócio propriamente dito. Uns voltam suas vistas para outras atividades seculares, em busca de maiores vantagens e posição.³³

Havia necessidade de uma reforma do clero que tomasse como ponto de partida a realidade brasileira de um clero não celibatário e pouco distinto dos leigos. Tal comportamento religioso será percebido pelos proselitistas protestantes como uma oportunidade de agir sobre esse catolicismo em crise, aumentando ainda mais a distância entre os ditos dois catolicismos, o da vida e o da teologia.

A Igreja combatia em vários *fronts*, até mesmo com a maçonaria no que ficou conhecido como o Conflito Maçônico-Religioso de 1872, onde a maçonaria acabou exercendo posição privilegiada, controlando tanto o partido Liberal como o Conservador na “luta” contra o ultramontanismo.³⁴

As novas tendências de separação dos poderes civil e eclesiástico, em busca de maior autonomia da Igreja, levarão os bispos a dar maior atenção às normas emanadas de Roma, e aos poucos irão abalar o relacionamento amigável, de tantos anos, entre a Igreja e a maçonaria, até então unidas na liderança de todos os movimentos e acontecimentos do país.³⁵

Outro importante fator gerador de conflitos foi a Guerra do Paraguai, momento histórico que surge com força o prestígio dos militares na vida política e nas decisões do governo. De ideais republicanas sob a égide positivista o choque entre “liberais” e “ultramontanos” era em grande parte o resultado da dificuldade de harmonizar uma igreja conservadora com um estado progressista. Portanto, a união entre Igreja e Estado, era visto

³³ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951, p. 253-254.

³⁴ Ultramontanismo foi uma política da Igreja, afirmamos (...) que, muito mais do que um conjunto de teorias e ações, foi uma intenção, uma vontade da instituição católica de intervir no governo da *polis* para transformá-la na *Civitas Dei*, e essa vontade de intervenção estava em consonância com as funções que a Igreja sempre se atribuiu e em harmonia com sua filosofia e história. MANOEL, Ivan. O pêndulo da História, p. 21 apud ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre O Aggiornamento e a Solidão: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1999, p. 58.

³⁵ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 1980, p. 84.

como um estado permanente de tensão e que agora sofriam ataques mais intensos e mais diretos. Diante disso, o processo migratório viria a agravar as coisas, uma vez que os membros das outras religiões não gozariam a mesma igualdade com os membros da religião do Estado, em resumo desse tópico:

Os imigrantes encontraram uma Igreja que exibia os defeitos, os vícios e as distorções que o regime do padroado terminou por imprimir nela. Administrava-a um clero distante e avesso aos princípios doutrinários e às regras disciplinares ditados por Roma. Os imigrantes encontraram uma Igreja sufocada por uma mentalidade, que se esgotava em rituais e manifestações em que o profano costumava encobrir o lado religioso. Os imigrantes defrontaram-se, enfim, com uma Igreja carente de uma piedade autêntica, inspirada nos princípios da fé, uma Igreja sem vida sacramental.³⁶

Baseando-se nos fundamentos trazidos até aqui, a seguir é destacado os aspectos da Bíblia antes dos anos de 1850 no Brasil.

1.3 A BÍBLIA ANTES DE 1850 NO BRASIL

A colonização do Brasil foram empreendimentos conjuntos da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica. O Estado forneceu os recursos e tornou a Igreja Católica Romana a igreja oficial do país, em contrapartida detinha o Estado por meio do padroado a prerrogativa de nomear bispos, recolher os dízimos, aprovar documentos e interferir em quase todas as áreas da Igreja brasileira.

Não obstante, desde o século XIV, havia em Portugal livros do antigo e do novo testamento traduzidos para a língua portuguesa, em 1681 foi impressa a primeira edição do novo testamento em português, traduzido por João Ferreira de Almeida, contudo, durante o Brasil colônia, a bíblia não estava entre os livros adotados nas escolas jesuíticas para estudo de seus alunos. Isto se explica pelo fato de ser a leitura da bíblia, desde 1564, proibida aos leigos do catolicismo (já mencionado o motivo anteriormente).

Esse desconhecimento aparente da bíblia perpassa dois pontos importantes, primeiro suas restrições de leitura expressas pela própria Igreja Católica por parte dos leigos e por uma condição social ligada ao altíssimo nível de analfabetismo entre os brasileiros, beirando os 90%. Em 1827 o pastor luterano Karl Leopold Voges em correspondência a SBBE afirmava da seguinte maneira: [...] *Entre os sacerdotes no Brasil raras vezes se acha um novo testamento,*

³⁶ DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 59.

*e muito menos ainda uma bíblia inteira. Entre os leigos, não se acha nem um novo testamento nem uma bíblia inteira.*³⁷

O contato do povo com a bíblia se fazia através de representações, por ocasião dos ciclos festivos envolvendo o calendário católico brasileiro à *bíblia idiotorum*³⁸. Em 1858, viajando pelo sul do Brasil, constata Avé-Lallemant: [...] *Cordial alegria me causou ver em casa do velho Manuel Joaquim, sobre sua mesa, um novo testamento em português, que parecia merecer-lhe conscienciosa leitura. Foi a primeira vez que, em minha viagem, encontrei numa casa o novo testamento*³⁹. Nas missas não era costume ler, em vernáculo, os textos bíblicos da liturgia⁴⁰. Havia uma norma pastoral⁴¹ a recomendação tridentina de que era expressamente proibido permitir a leitura da bíblia em vulgar, a menos que as pessoas que se julgarem “avançadas” em conhecimento e “virtudes”.⁴²

1.4 A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Ao iniciar o século XIX praticamente não havia no Brasil vestígio de protestantismo, os indivíduos que por aqui passaram não deixaram traço no sistema religioso da sociedade. As tentativas, já distantes, de franceses e holandeses, apenas resultaram no estereótipo de protestante com invasor.

Com a vinda da família real portuguesa em 1810 é assinado um Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação com a Coroa Inglesa criando um impasse com a hegemonia católica, abrindo a partir daí a primeira consistente brecha no sistema fechado religioso brasileiro. Não obstante, circunstâncias favoráveis propiciaram a inserção do protestantismo no Brasil, contudo, sem dúvida a questão econômica foi a principal. Com o fim do tráfico de escravos, carecia de mão-de-obra agora assalariada para a manutenção da principal monocultura brasileira daquele período, o café. Portanto, havia uma necessidade latente de imigrantes virem para o Brasil, atendendo um programa de civilização capitaneado pelo imperador Dom Pedro II, do qual segundo dependia o “futuro” do país.

³⁷ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 62.

³⁸ A expressão “bíblia idiotorum” tem aqui o sentido de “a bíblia dos leigos ou iletrados”.

³⁹ Ibidem, p. 210.

⁴⁰ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 107.

⁴¹ A bula *Dominici Gregis*, editada pelo papa Pio IV em 1564, a bíblia só podia ser lida pelos católicos com uma licença especial da Igreja. GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Império*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p. 55.

⁴² HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 1980, p. 210.

No tratado de 1810 ficou permitido aos britânicos residentes nas colônias portuguesas o livre direito de professarem sua religião, sem serem importunados, contudo, dentro de suas casas, igrejas e capelas que não exteriorizassem forma de igreja, traçando as linhas mestras que seriam inseridas na primeira Constituição do Brasil, importante destacar que até 1863 apenas o casamento realizado pela Igreja Católica era civilmente reconhecido, os protestantes que contraíram matrimônio até essa data eram tidos como amasiados e seus filhos como ilegítimos. Foi através do decreto imperial número 1.144 de 1863 que foi concedida isonomia de direitos aos clérigos protestantes para também realizarem cerimônias de casamento, por fim somente depois de 1889, aí já no Brasil República os protestantes puderam ser enterrados nos mesmos cemitérios que católicos.

Em 1824 com a promulgação da Constituição do Império foi concedida liberdade restrita de culto, mantendo, porém, a Igreja Católica Romana como a igreja do Estado, o artigo 5 constava o seguinte: *[...] A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma algum exterior do templo.*⁴³

A Igreja Anglicana, uma das primeiras igrejas protestantes no país limitava-se ao atendimento religioso dos ingleses residentes ou em visita ao Brasil, antes disto eram os capelães da marinha britânica que atendiam os ingleses. Os cultos eram realizados no idioma inglês e os mesmos não procuravam fazer prosélitos, mas trouxeram com eles suas bíblias. Para atender o desejo de numerosos cidadãos ingleses que moravam na cidade do Rio de Janeiro foi inaugurada, no dia 26 de maio de 1822, uma capela com aparência externa de casa comum, portanto, o primeiro templo protestante no país.

No dia 23, três dias antes da inauguração, o ministro José Bonifácio enviou comunicado ao intendente-geral da polícia para evitar tumultos:

[...] sendo esta a primeira vez que se abre nesta cidade uma igreja protestante, podendo por isso acontecer que haja tal afluência popular, que mereça a atenção da polícia, que deve prevenir as perturbações que resultam dos ajuntamentos: manda o Príncipe Regente pela Secretaria do Estado dos Negócios do Reino e dos Negócios Estrangeiros, que o intendente-geral da polícia tome as medidas necessárias para se conservar a boa ordem e sossego público nesse dia, mandando para a rua dos Barbonos, onde está situada a dita capela, patrulhas rodantes da guarda da polícia encarregadas de manter a tranquilidade.⁴⁴

⁴³ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 48.

⁴⁴ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 54.

Não obstante, por influência do ministro José Bonifácio de Andrada e Silva, o imperador promoveu um programa de imigração destinado a trazer agricultores para povoarem o interior do Brasil. Os primeiros alemães que chegaram ao Brasil vieram pelos mesmos motivos que já haviam trazidos suíços em 1818, a crise econômica e o desemprego na Europa. Em sua obra *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul*, o médico alemão Robert Avé-Lallemant em 1858 denota:

Parece-me que os nossos bons compatriotas nesta terra sul-americana livre, onde estão expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolveram ainda mais determinação para resolver e agir. Por entre dificuldades começaram eles, mas conquistaram o solo e os que na Alemanha eram servos tornaram-se senhores pelo direito do trabalho.⁴⁵

Assim, grande parte dos alemães que emigraram eram operários, trabalhadores desempregados ou fugitivos políticos. O primeiro navio chegou ao Rio de Janeiro em janeiro de 1824 e o segundo no dia 14 de abril do mesmo ano. Foram instalados em Nova Friburgo onde fundaram em 3 de maio de 1824 a comunidade luterana de matriz protestante. Contudo, a maioria dos alemães imigrantes radicou-se nas províncias do sul do país, majoritariamente no Rio Grande do Sul, nas cidades de São Leopoldo e São Pedro de Alcântara. O relatório anual da SBBE registrou em 1827 uma doação de 200 bíblias e 200 testamentos em alemão, destinada aos imigrantes alemães que estavam no Brasil.⁴⁶

Os clérigos luteranos, ao contrário dos clérigos anglicanos, disseminavam bíblias em português, realizando com isso práticas prosélicas a católicos que demonstravam desejo de conhecer as escrituras. Em carta a SBBE no ano de 1827 o clérigo luterano Karl Leopold Voges dá um relatório sobre os alemães imigrantes no Sul:

Recebi corretamente a sua estimada carta do dia 27 de janeiro de 1826 e a fatura referente a cem bíblias e 250 novos testamentos encadernados, os quais a mui respeitável Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se tem dignado outorgar para o bem da comunidade evangélica alemã de São Leopoldo e que foram enviados via Rio de Janeiro ao sr. M. Kay. ...A colônia de São Leopoldo, na província do Rio Grande do Sul, ocupa uma área de doze léguas quadradas, tem 308 famílias, 1.380 almas; destas 52 famílias, 280 almas professam o catolicismo romano. A segunda colônia, São Pedro de Alcântara, na mesma província, ocupando uma área de 28 léguas quadradas, conta agora com apenas 96 famílias, 448 almas, das quais oito famílias, 27 almas, confessam a religião católica romana. ... a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se digna oferecer-me um número maior de bíblias para as comunidades alemãs no Brasil, em caso de necessidade. Por isso aceito a oferta benévola, pedindo mais oitocentas bíblias e oitocentos novos testamentos de que necessito muito para a divulgação da religião cristã, a fim de poder suprir cada família com uma bíblia ou com um novo testamento. Sobretudo, peço duzentos novos testamentos em língua

⁴⁵ PRIEN, Hans-Jurgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**. Editora Sinodal, São Leopoldo-RS,

⁴⁶ The Twenty-Third Report of the British and foreign Bible Society, London, 1827, p. 63.

portuguesa para acender a luz verdadeira da sagrada escritura entre os pobres portugueses.⁴⁷

Desde então, vários núcleos protestantes começaram a se estabelecer ao longo do país, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Espírito Santo.

Nesse sentido, a partir de 1835, igrejas norte-americanas passam a se interessar pela introdução do culto protestante entre os brasileiros. Os primeiros clérigos aqui enviados dedicaram-se à assistência religiosa aos norte-americanos, mas que passaram rapidamente ao estudo da viabilidade de propaganda doutrinária evangélica aos naturais do país.⁴⁸ Entre esses primeiros pastores destacam-se: Daniel Parish Kidder, James Cooley Fletcher e Robert Reid Kalley.

Daniel Parish Kidder, americano de matriz protestante metodista, viajou pelo Brasil na minoridade de Dom Pedro II, distribuindo bíblias e reunindo documentários registrados nos livros, *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil* e *O Brasil e os brasileiros*, esse último em parceria com James Cooley Fletcher⁴⁹. Chegou ao Brasil em 1837 com 22 anos de idade, acompanhado de sua esposa, vindo a se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro. Em 1839 visitou a província de São Paulo, lá conheceu o conselheiro Brotero, então secretário da Academia Jurídica de São Paulo e seu diretor em exercício, assim registrou: [...] *não eram muitos os livros sobre direito e belas letras, e, no que toca às ciências, era bem deficiente a livraria. Entre eles, porém, não havia um único exemplar da bíblia.*⁵⁰

Kidder foi o primeiro representante da SBA, empreendeu o primeiro esforço sistemático de uma larga difusão de bíblias no Brasil, passando a visitar as principais cidades do país, além do Rio e São Paulo, foi para Minas Gerais, Bahia, Pará e Pernambuco.

Durante nossa última viagem, tivemos ocasião de por em circulação numerosos exemplares das sagradas escrituras e cerca de sessenta mil páginas de publicações religiosas. Além disso, havíamos deixado exemplares do livro sagrado à venda em diversos lugares e panfletos para distribuição nas cidades mais importantes. Assim, estabelecendo depósitos nas cidades costeiras onde as escrituras pudessem ser procuradas pelo povo do interior, desde São Paulo até o Pará, deu-se um grande passo no sentido de divulgar a palavra de Deus a todo o país e convidar o público a recebê-la.⁵¹

⁴⁷ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 62.

⁴⁸ Ribeiro, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico**. Pioneira, São Paulo, 1973, p. 18.

⁴⁹ LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p. 28.

⁵⁰ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Sul)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, p. 212.

⁵¹ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Norte)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951, p. 221.

Com o falecimento de sua esposa Cynthia H. Russel em 1840, Kidder resolve voltar aos Estados Unidos, permaneceu no Brasil por cerca de dois anos e meio.

Outro influente propagandista na corte brasileira das ideias protestantes e de disseminação da bíblia foi o presbiteriano James Cooley Fletcher. Fletcher exercia outras funções além de clérigo, atuava como agente da Sociedade dos Amigos do Marujo e secretário da legação dos Estados Unidos. Como secretário americano de 1852 a 1853 no país, inúmeras portas foram abertas, inclusive a do próprio imperador Dom Pedro II, sendo posteriormente admitido como membro do Instituto Histórico Brasileiro.⁵²

O “empresário do progresso” conquistou um largo círculo de amizades, como era um fanfarrão, não se pode julgar acuradamente, apenas por seu livro, quais eram seus amigos reais⁵³. Fato é que notoriamente foi uma ponte para empresas americanas se instalarem no Brasil, do segmento educacional, passando por cultivo de sementes ao segmento ferroviário, nas suas andanças onde vislumbresse oportunidade o agente do “progresso” atuava com o fim de “ver o Brasil prosperar”. Um desses envolvimento foi o projeto de abertura do Amazonas à navegação internacional no que ficou conhecida a Expedição Thayer, sob a chefia do professor Louis Agassiz, notório abolicionista e que liderou com Fletcher um movimento antiescravagista, principalmente contribuindo com introdução de carregamento de livros sobre o assunto.

O envolvimento de Fletcher com a diplomacia americana e a política brasileira, foi duramente criticado por alguns missionários americanos. Ele respondeu as críticas num artigo publicado em setembro de 1862 no Journal of Commerce de Nova Iorque:

Sei que alguns dizem que não é papel de um missionário se envolver em negócios. Mas eu tenho um objetivo mais elevado do que o mero interesse mercantil em favor do meu país. Eu acredito que a religião e o comércio são meios que, com a benção de Deus, podem ser usados para promover os interesses mais nobres e mais altos da humanidade.⁵⁴

Fletcher iniciou suas atividades como missionário reunindo em sua casa no Rio de Janeiro um grupo pequeno de pessoas para ler a bíblia. Ele em suas reuniões sociais alegava que o “progresso” do Brasil chegaria à medida que o povo brasileiro aceitasse o evangelho e

⁵² LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p.

⁵³ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 83.

⁵⁴ GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p. 155.

seus ensinamentos. No início de 1854 aceitou o convite da SBA para ser seu segundo representante no Brasil e dar continuidade ao trabalho de Daniel Parish Kidder. Viajou por todo o país percorrendo mais de cinco mil quilômetros promovendo a distribuição de bíblias até 1856, quando retornou para os Estados Unidos e lançou em 1857 o livro *O Brasil e os Brasileiros*, obra que fez grande sucesso lá, sendo reeditada nove vezes até 1879.

Convidado por Fletcher para vir ao Brasil, o médico missionário escocês Robert Reid Kalley aportou em maio de 1855 na cidade do Rio de Janeiro com sua esposa Sarah Poulton Wilson Kalley, a continuar seu trabalho evangelístico que havia iniciado na Ilha da Madeira em Portugal. Lá Kalley chegou em 1838 exercendo atividade como médico onde era elogiado pelas autoridades locais. Contudo, no início de 1842 foi acusado pelo clero católico de propagar ideias heréticas, foi preso em 1843 e solto em 1844. Foram também proibidas na ilha a posse e a leitura da bíblia, embora a versão disseminada pelo clérigo protestante fosse a do padre católico Antonio Pereira de Figueiredo. Em 1846 Kalley deixou a ilha para evitar o pior haja vista as ameaças e agressões terem se tornado mais severas.

Durante seu tempo no território brasileiro Robert Kalley foi um grande aliado das sociedades bíblicas e promoveu com sistematicidade a disseminação da bíblia e demais literaturas cristãs. Não estava ligado a nenhuma missão específica, não representava, portanto, nenhuma igreja, apesar de pertencer originariamente a igreja congregacional, não estava preocupado com a instituição apesar de possuir fortes raízes doutrinárias puritanas.⁵⁵

Robert Reid Kalley é considerado em parte o fundador da primeira igreja protestante no Brasil em 1858, isso porque as matrizes protestantes fundadas antes dele, anglicana e luterana foram igrejas de imigração, onde seus cultos eram celebrados em inglês e alemão. A Igreja Evangélica Fluminense foi a primeira “igreja de missão” no país, e sua prédica era em língua portuguesa, isto é, para brasileiros e portugueses, daí seu conhecimento da língua na sua passagem missionária pela Ilha da Madeira. A igreja foi organizada por cinco britânicos, oito portugueses, inclusive três casais que também haviam fugido da Ilha da Madeira, bem como José Pereira de Souza Louro, o primeiro “crente” que Kalley havia batizado no Brasil, e ainda um brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade, batizado no dia da organização da igreja.⁵⁶ Adiciona-se a essa primazia, ter sido a primeira igreja registrada oficialmente como entidade jurídica no Brasil.

Cauteloso após os reveses sofridos na Ilha da Madeira, Kalley trabalhava dentro dos limites estabelecidos pelas leis brasileiras. Para isso adotou como modelo básico de

⁵⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. São Paulo, Editora IMS, 1995, p. 178.

⁵⁶ REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 115.

evangelização o “culto doméstico”, que acabou influenciando diretamente na forma de realização do culto protestante no Brasil. No Rio de Janeiro, havia reuniões em português na casa de Francisco da Gama e, em inglês, na residência de William Dreaton Pitt. No final de 1856 começaram a surgir na imprensa do Rio de Janeiro artigos acusando Kalley de fazer “propaganda protestante” e distribuir “bíblia falsas”.

Não obstante, as tensões com o clero católico sobem de nível em 1859 com o governo imperial emitindo um comunicado contendo diversas queixas contra o missionário entregue a legação Britânica no Rio de Janeiro. Essas queixas vieram do Núncio Apostólico⁵⁷ que o denunciavam por prática ilegal de medicina, propaganda doutrinária e tentativa de fazer prosélitos. Até que no dia 29 de agosto de 1859 defendeu tese na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, sendo reconhecido oficialmente como médico e, portanto, autorizado a exercer a profissão no território brasileiro. Nesse ínterim recebeu forte apoio da parte de brasileiros e estrangeiros, onde acabou formulando uma defesa sob consulta dos juristas notoriamente reconhecidos da época: Joaquim Nabuco, Urbano Pessoa de Melo e Caetano Alberto Soares. Assim descreve Kalley no livro memória de seu filho adotivo João Gomes da Rocha:

Quanto a minha propaganda, desde que fiquei convencido de que a bíblia contém a revelação divina, tenho tido por costume guardar exemplares dela, na língua do país onde moro, para colocá-los, quando se oferece ocasião, nas mãos daqueles com quem tenho relações. A única bíblia que posto nas mãos dos brasileiros é a tradução Católica Romana do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. A Sua Excelência, o Sr. Ministro de Negócios Estrangeiros, há de ser quase impossível considerar a publicação da bíblia Romana, como prova de “propaganda protestante”.⁵⁸

Nessa consulta Kalley apresentou uma série de conceitos e questionamentos que foram acatados pelo cônsul que conclui que suas atividades religiosas estavam dentro dos limites da lei, ameaçando, caso o governo insistisse em suas tentativas de silenciá-lo, se sentiria no direito de publicar seu parecer contrário e levá-lo ao conhecimento de todos os países onde o Brasil esperava receber colonos, sem dúvida nenhuma após essa investida da Legação Britânica as queixas formais contra o missionário, por questões óbvias, cessaram e o governo imperial se deu por satisfeito.

Como já mencionado, Kalley foi um grande promotor da disseminação de literaturas cristãs. Ele descobriu desde o início do seu trabalho que a massificação da bíblia de casa em casa era essencial para o desenvolvimento do empreendimento missionário. Contratou os

⁵⁷ O Núncio Apostólico era o representante do papa no Brasil. Nota do autor.

⁵⁸ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 98.

colportores Francisco da Gama e Manoel Fernandes, madeirenses, e passou a importar as bíblias de Londres em sua parceria com a SBBE, abriu sua primeira agência no Rio de Janeiro em 1856.

1.5 ESTRATÉGIAS DE IMIGRAÇÃO E DE MISSÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Peter Berger diz que *toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento*.⁵⁹ Para Berger essa construção do mundo social humano se faz e refaz em processos dialéticos, onde se deduz que não existe realidade social sem homem, conclui-se então, o homem também como fruto dessa sociedade. Nesse processo dialético segundo Berger três momentos se distinguem: A exteriorização, a objetivação e a interiorização.

Só se poderá manter uma visão adequadamente empírica da sociedade se se entender conjuntamente esses três momentos. A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropiação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade.⁶⁰

Então, se a teologia expressa também essa dialética da relação entre o homem e o mundo a partir do qual a religião pode ser vista como uma empresa construtora de mundos justifica-se a necessidade de aclarar as estratégias e os métodos usados para inserir o protestantismo no Brasil. Se até aqui ficou explícito a influência inglesa e americana (essa sendo preponderante), cabe compreender o “espírito” do protestantismo europeu e do norte-americano e essas ideias que desembocaram no Brasil em duas estratégias distintas: a primeira de imigração e a segunda e mais contundente para efeitos de doutrinação, a de missão.

Os imigrantes europeus que se fixaram no Brasil, a partir da primeira metade do século XIX, não o fizeram por razões religiosas, as motivações notadamente foram sociais.

⁵⁹ BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. Edições Paulinas, São Paulo, 1985, p. 15.

⁶⁰ BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. Edições Paulinas, São Paulo, 1985, p. 16.

São os sobrantes da penetração de relações capitalistas no campo e os desempregados dos centros industrializados da Europa, que encontraram na emigração uma possibilidade de reconquistar as condições de sobrevivência que haviam perdido em seus países de origem.⁶¹

Nesse sentido, a instalação dos imigrantes no território brasileiro representou um novo paradigma na história do país, sob vários aspectos concebe Arthur Blasio Rambo:

Implantaram a pequena propriedade familiar voltada para uma agricultura diversificada; generalizou a formação de comunidades solidamente organizadas em torno de suas igrejas, escolas e instalações de lazer; fomentou e desenvolveu uma variada infraestrutura artesanal, que em não poucos casos evoluiu para indústrias de pequeno e médio porte; foi a responsável pelo surgimento de uma sólida classe média rural. Uma das contribuições mais significativas, no entanto, foi o perfil de igreja ou de igrejas, que de então para cá atendem aos fiéis das diversas confissões religiosas.⁶²

Não obstante, a igreja protestante de imigração exibiu um perfil nitidamente de uma igreja confinada à comunidade. Era uma igreja mantida pela comunidade, servindo aos interesses da comunidade. Portanto, não há resquícios das dimensões de uma igreja com aspirações de fazer prosélitos ou de expansão mundial:

Vai surgindo uma Igreja que tem sua característica no pronome possessivo “nossa”. Os primeiros cultos foram realizados em casas [...] logo, foi construído o primeiro prédio comunitário, uma escola que serviria também de templo. Desse prédio derivou-se o binômio constante para o protestantismo de imigração no Brasil: igreja e escola. Essa escola quer possibilitar o aprendizado do catecismo. Igreja e escola perfazem o centro da vida, na qual, ao lado da escola igreja se encontra o cemitério. Nessa estruturação eclesial tudo é “nosso”: nossa igreja, nossa escola, nosso cemitério, nosso pastor.⁶³

Já a partir de 1835 com crescimento substancial nos idos de 1850 instalou-se no Brasil o que se convencionou chamar de protestantismo de missão. Essa forma de protestantismo quando chegou ao país veio sem povo e teve que criar para si tal povo. A grande maioria dos missionários protestantes que atuaram na segunda metade do século XIX vieram dos Estados Unidos da América. Era a herança puritana que chegou no navio *Mayflower* vinda da Inglaterra no século XVII. *In God we trust* (confiamos em Deus) expressão da moeda, revelava que a influência da religião se alargava para toda a nova vida e formação da nação americana. Os ideais, os pensamentos, a linguagem, os costumes, os valores, as instituições sociais estavam

⁶¹ DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 74.

⁶² DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 71.

⁶³ DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 69.

tão entrelaçados com os conceitos cristãos que a própria cultura era nutrida e mantida pela cosmovisão cristã. Era a crença não somente da nova terra, mas também do “novo céu”, na possibilidade da realização do reino de Deus na terra. Assim como os semitas haviam sido “escolhidos” no passado, cabia agora a civilização anglo-saxônica o “destino manifesto” de conduzir outras nações à “salvação”, era o messianismo nacional.

Destarte, sua atividade concentrou-se, predominantemente, na tentativa de converter para sua denominação os fiéis que não podiam ser acompanhados pela Igreja Católica Romana, onde a estrutura eclesiástica norte-americana, essencialmente denominacional, apresentava algumas características essenciais: Primeiro, o princípio do voluntarismo que reunia elementos de autoconfiança e esforço da causa religiosa no que tange a liberdade total de confissão. Segundo que a toda a denominação possuía um propósito, uma razão de ser, com crenças comuns e objetivos tangíveis e definidos, com o foco central na propagação de suas ideias. Terceiro que não eram exclusivistas, apesar de possuir uma “placa” de igreja, nenhuma denominação afirmava ser a igreja única ou verdadeira, reconhecia em síntese que por causa da fragilidade humana nenhuma instituição poderia refletir perfeitamente a unidade verdadeira da Igreja de Cristo⁶⁴. Isso fica bem claro ao longo desta dissertação nas parcerias e alianças que os missionários estabeleceram entre si, de modo interdenominacional. Isso explica porque nos primeiros estágios de implantação do protestantismo de missão no Brasil não ter sido dado ênfase na “denominação”, pois nesse estágio inicial seria contraproducente apresentar aos prosélitos as complicações teológicas de cada tradição, criando assim sem razão ares de competição e concorrência.⁶⁵ Por fim, a denominação era um meio para um fim, isto é, a materialização da cristianização da sociedade. Com o propósito central de compartilhar os benefícios da bíblia, da Reforma e da civilização cristã, resumidamente, das “vantagens” que a sua denominação particular oferecia.

Muito embora a unidade fosse propalada pelos adeptos das denominações protestantes americanas, os Estados Unidos viviam uma contradição religiosa e política com a nação dividida entre os nortistas e sulistas sob a causa nevrálgica da escravidão. No Norte a igreja buscava o avivalismo⁶⁶ e a reforma social, já no Sul a manutenção do *status quo*, isso acabou afetando as denominações que também vieram a se dividir pela questão escravocrata. Os metodistas em 1844, os batistas em 1845, os presbiterianos em 1861. Interessante que a maioria

⁶⁴ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 39.

⁶⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo, Editora IMS, 1995, p. 191.

⁶⁶ Ênfase na conversão instantânea e o consequente redirecionamento da vida para a obtenção da perfeição. Nota do autor.

dos missionários que vieram para o Brasil era do Sul, e que davam ênfase na conversão individual, na vida de oração e na ética pessoal, faltando como visto a tradução dessa vida cristã em luta pela justiça e liberdade de todos.

Não obstante, a expansão missionária das igrejas americanas foi produto do sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos. Havia uma ideia que a Igreja Católica era legitimadora de regimes políticos antagônicos aos ideais norte-americanos, sendo o Brasil o maior país da América Latina formando assim um bloco rigidamente católico. Denota-se a preocupação norte-americana nesse grande esforço da empresa missionária com volume maior no Brasil do que noutros países latino-americanos no envio de missionários.

Dentro da especificidade das táticas e estratégias a educação nunca deixou de acompanhar os clérigos norte-americanos, os missionários protestantes sempre desempenharam o papel de evangelistas e professores, principalmente mulheres, *tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas*, disse o primeiro missionário batista William B. Bagby.

O protestantismo trazia no seu bojo um “modo de ser”, e aceitá-lo implicava necessariamente em mudanças de padrões culturais. Para esse intento o veículo intencional dos colégios, cuja clientela majoritariamente era de alunos das classes dominadoras, haja vista o constrangimento enfrentado pelos missionários no tocante ao nível de analfabetismo das classes inferiores. A “religião do livro” ou a cultura do livro, que marca o protestantismo, tem na leitura da bíblia não somente seu material litúrgico central, como também a instrução e principalmente como postulado teleológico a “conversão”. O livre exame do texto sagrado um dos pilares da Reforma Protestante, exigia que o indivíduo tivesse acesso total a ele, portanto, para atender essa demanda a necessidade da escola.

Anexa à igreja estava a escola, e a escola bíblica dominical desde as primeiras incursões missiológicas reunia imigrantes e brasileiros. Em 1836 quando a missão metodista americana enviou Justin R. Spaulding, este criou uma escola dominical no qual também filhos de escravos eram acolhidos. Mais à frente será retomado esse ponto, denotando o protagonismo feminino no ensino religioso e o papel das colportoras nesse contexto.

Portanto, em linhas gerais o protestantismo de missão apresentava algumas características: Primeiro, ampla maioria de missionários norte-americanos, segundo, traziam consigo um aparato cultural que buscava reproduzir no contexto brasileiro, terceiro, a penetração no campo religioso ocorria também através de atividades propagandistas, como mencionado no papel desempenhado pelo missionário diplomata James C. Fletcher. Quarto, atingir as elites através dos colégios que ocorria, via de regra, através das capitais. Quinto,

através de reuniões em casas e posteriormente na abertura de igrejas à medida que as regras impositivas de liberdade religiosa eram afrouxadas ou abrandadas.⁶⁷

Não obstante, sem dúvida nenhuma a liberdade para vender e distribuir bíblias por parte dos missionários protestantes constitui-se num fator central da estratégia protestante.

O estrangeiro e especialmente o suposto herege, que quiser trabalhar pela propagação da verdadeira religião, tem que aguardar oportunidades providenciais ao invés de elaborar seus planos antecipadamente. Em tais circunstâncias o missionário aprende uma lição de proveito próprio, qual seja a de se valer de todas as ocasiões, por menores que sejam de praticar o bem em nome do mestre. As noções românticas que alguns ainda alimentam com relação ao trabalho missionário, por certo se desvanecerão ao contato frio da realidade.⁶⁸

Nesse sentido, é nessa principal estratégia que o capítulo dois desta dissertação irá se concentrar, nos dois principais agentes e sujeitos da disseminação da bíblia no Brasil: as sociedades bíblicas e os vendedores ambulantes de literatura cristã.

⁶⁷ DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002, p. 127-130.

⁶⁸ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Sul)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, p. 261.

2 A AVENTURA DA BÍBLIA

A compreensão dos fenômenos históricos e sociais depende, na maioria das vezes, do percurso de longos e sinuosos caminhos. No intento de responder questões levantadas no início dessa dissertação, “caminhar” pelas atas e os escritos dos colportores não é um trabalho fácil. Dadas as trilhas, atalhos e encruzilhadas que as vezes parecem conduzir a lugar nenhum, a seleção, tiras e enxertos desses “vendedores de aventuras”, pareceram um emaranhado e que só é possível sua compreensão tirando lascas e puxando as pontas desse tecido. Nesse sentido, sabemos que nesses discursos e narrativas não há neutralidade, a entrada nos rituais da linguagem precisa estar paramentada com o conceito de que *não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que língua faz sentido*.⁶⁹

Não obstante, o conhecimento foi produzido a partir dos textos contidos nas atas das sociedades bíblicas e o escrito dos colportores, onde a partir do acontecimento se vê que ele tem uma materialidade simbólica própria e significativa, discursividade onde não se separam forma e conteúdo. Nesse sentido, concebe Eni P. Orlandi:

O sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.⁷⁰

Portanto, a busca não será por um sentido verdadeiro, mas pela literalidade contextualizada pelo tempo histórico, pelos dispositivos de compreensão e análise, contando uma história que se dá a partir de gestos de interpretação em busca de respostas. Essa dissertação narra à história dos colportores e com os escritos temos condições de saber quais eram seus pensamentos e sentimentos, seus temores, esperanças, ironias, raivas e desesperos. As fontes espelham um realismo que os trazem para perto de nós: são homens e mulheres como nós, mas também pessoas muito diferentes de nós⁷¹. Para entender como os colportores representavam os seus conflitos exteriores com a Igreja católica, antes é necessário compreender seus conflitos interiores no qual o trabalho da colportagem se dava.

⁶⁹ ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso, princípios e procedimentos**. 13 ed. Campinas-SP, Pontes Editores, 2020, p. 15.

⁷⁰ ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso, princípios e procedimentos**. 13 ed. Campinas-SP, Pontes Editores, 2020, p. 18.

⁷¹ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo, Companhia das Letras, 2016, p. 9.

Destarte, o imigrante protestante veio para o Brasil trazendo consigo sua religião e fé, crença que se baseava na leitura das escrituras sagradas, o livro como parte da cultura protestante.⁷² Os navios que trouxeram os imigrantes também traziam homens e mulheres com bíblia para serem distribuídas no território brasileiro. O início da distribuição de bíblias no Brasil se dá por cópias das escrituras suportadas, por marinheiros, capelães, missionários, homens de negócios, e outros, que vinham para o Brasil de portos da Europa, Estados Unidos, etc. Em 1826 denota a ata da sociedade de Londres o envio de 350 bíblias e testamentos ao “reverendo” Voges na colônia alemã de São Leopoldo, no relatório de 1827 um “respeitável mercador” do Rio de Janeiro, dizendo que a bíblia era muito requisitada e que poderia facilmente distribuir elas.

Não obstante, mesmo que em pequeno número as literaturas cristãs não paravam de vir, em 1843 a sociedade transcreve em seu relatório anual parte da correspondência de James Thornton:

Eu tenho estado em constante comunicação com nossos amigos no *Brazils*, que continuam com seus esforços em realizar vendas, e promover a distribuição das bíblias e testamentos em português... com moderado sucesso... pois outros trabalhadores têm entrado no campo, embora a circulação esteja centrada num canal de distribuição e tenha diminuído, tem, sem dúvida, tido um considerável número de volumes, desde 1841.⁷³

No relatório de 1852 consta o envio através da empresa Messrs. Dadson e Co.⁷⁴, uma remessa adicional de 700 Bíblias em português. A referida empresa remeteu a sociedade o valor de 165 libras de vendas realizadas, ainda o comitê reconheceu que a circulação de bíblias se deve a dois livreiros⁷⁵ da cidade do Rio de Janeiro, que tem anunciado as escrituras em seus almanaques de vendas, e esforços para introduzir dentro das escolas. Aportava no Pará, Pernambuco, Bahia e no Rio de Janeiro, dali até o Amazonas e para interior do país, segundo o relatório anual da sociedade bíblica americana de 1853 através de seu correspondente James

⁷² CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro*. São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 122.

⁷³ **The Thirty-Eight Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1852, p. 137.

⁷⁴ Dadson e Co., propriedade de Guilherme Smith Dadson um negociante inglês. No diário do Rio de Janeiro de 1851 edição 8590 de 07 de janeiro, na seção “parte comercial” página 03 consta o recebimento na alfândega pela empresa de “Livros 1 caixa”.

⁷⁵ Na edição nr. 256 de 18 de setembro de 1850 o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro consta anúncio com destaque na página 03 em letras garrafais “Escriptura Sagrada” da Livraria Garnier irmãos, localizada na rua do ouvidor n.69. Na edição nr.12 de 12 janeiro de 1851 também no Jornal do Commercio, consta anúncio com destaque “Bíblia Sagrada” traduzida em português traduzida por Antônio Pereira de Figueiredo – nova edição de 1850 a venda na Livraria Agostinho de Freitas Guimarães e Co., localizada na rua do sabão n. 26. Na edição nr.308 de 09 de novembro de 1851 no mesmo jornal, consta anúncio do livreiro Carlos Moll ter recebido lote de livros vindo de Londres, dentre esses, a Bíblia. Livreiro localizado na rua da Quitanda nr. 52.

Henderson não paravam de chegar pedidos de bíblias dos lugares mais remotos e inacessíveis do Brasil⁷⁶. Nesse sentido, havia uma necessidade por bíblias a partir da demanda gerada dos imigrantes protestantes.

Um fluxo de correspondência dos imigrantes e viajantes no Brasil chegava à sede das organizações bíblicas estrangeiras, pois como denota João Gomes da Rocha em sua obra *Lembranças do Passado*:

O tamanho do Brasil e as suas relações políticas, naquela época, não permitiam que fossem um país ignorado. Diversas sociedades religioso-filantrópicas velavam pelo estado espiritual dos marinheiros, nos portos e dos habitantes – brancos ou pretos, livres ou escravos – no continente.⁷⁷

Destarte, as sociedades bíblicas, a britânica e a americana, mesmo que realizando envios pontuais viam a necessidade da constituição de agências fixas com o propósito de sistematizar o processo de distribuição, pois ainda os envios de literaturas cristãs eram realizados de maneira esparsa, descentralizada e ocasional. Assim a oportunidade de tornar a bíblia um livro acessível ao povo do Brasil dentro da perspectiva missiológica era grande, pois:

Na década de 1850, quando o missionário J. C. Fletcher importou a versão de 1821 da sociedade bíblica de Londres, é que os brasileiros tiveram acesso às escrituras em sua própria língua – embora, mesmo então, alguns bispos tenham deblaterado contra essa leitura.⁷⁸

Parte integrante dos primeiros discursos dos protestantes que aqui vieram partia da ideia da ausência de bíblias no Brasil. Era um “chamado” sedutor que instrumentalizava muito as lutas simbólicas na inserção do projeto salvacionista protestante, o mote: “um país sem bíblias”, irá estimular soma de recursos humanos e financeiros. Não obstante, os observadores protestantes que visitaram o Brasil sempre notaram a ausência da bíblia,⁷⁹ portanto, a constituição da agência envolvia o trabalho direto da colportagem⁸⁰, isto é, dos vendedores

⁷⁶ **Annual Reports of the American Bible Society**, Vol.I. New York, 1853, p. 835.

⁷⁷ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Centro Brasileiro de Publicidade, Rio de Janeiro, 1941, p. 14.

⁷⁸ HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. Edusp, São Paulo, 2017, p. 100-101.

⁷⁹ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 77.

⁸⁰ Venda ambulante de impressos "em papel", ou seja, não encadernados, contendo normalmente textos de literatura popular ou de circulação clandestina. Os *colporteurs* começaram por ser, no século XV, agentes dos primeiros impressores, encarregados de difundir as novas publicações pelas feiras da Europa. Consigo, levavam panfletos publicitando títulos e casas impressoras. Com o movimento ideológico da Reforma, os *colporteurs* tiveram um papel importante, na Alemanha sobretudo, ao divulgarem literatura panfletária protestante. Na França, durante todo o Antigo Regime, estiveram associados à venda de textos heréticos ou contrários ao poder real. Em Portugal, vários foram chamados a testemunhar junto da Inquisição por estarem a vender textos não autorizados pela censura. FEBVRE, Lucien; MARTIN, HenriJean. **O Aparecimento do Livro**. Edusp, 2 ed. São Paulo, 2017.

ambulantes de literatura cristã, missionários voluntários que investiram seus recursos, no trabalho de proselitismo protestante por todas as regiões do Brasil. Debaixo de um cenário brasileiro recheado de tensões e rupturas religiosas que reverberavam nos seus diários, cartas e correspondências. No relatório do agente Richard Corfield de 1859 a SBBE, ele assume que suas anotações não eram precisas, não se importando em gravar tudo, e isso se devia por fazer esses registros no final do dia onde estava fatigado e cansado, reconhecendo ele que deveria entregar isso melhor, contudo, pede empatia da sociedade em reconhecer os enfrentamentos diários a que estava sujeito⁸¹. Mais do que entender o papel do colportor na distribuição da bíblia esse texto se centraliza na sua humanidade.

2.1 AS SOCIEDADES BÍBLICAS E SEUS AGENTES

A sociedade bíblica britânica e estrangeira (SBBE), *british and foreign bible society*, fundada em Londres no dia 7 de março de 1804 com o propósito de distribuir a bíblia para o mundo sem notas e comentários, lançou em 1809 uma revisão do novo testamento e em 1819 a bíblia completa em português na versão Almeida⁸². A primeira menção ao território brasileiro é o termo *Brazils*⁸³ do relatório de 1823,⁸⁴ do trabalho realizado por “ele” (um anônimo), correspondente de Boa Vista que havia distribuído bíblias entre os “trabalhadores do sal”. Nesse mesmo relatório informa a chegada de 1.000 bíblias e 1.500 novos testamentos. No relatório de 1825 consta o envio de uma carta do Rio de Janeiro pelo “Bispo of Durham”, um capelão *velho e bem conhecido amigo da sociedade*, por seu trabalho junto aos marinheiros, onde o clérigo solicita o envio de bíblias para pessoas *famintas e sedentas pela bíblia em sua língua*. Em outra comunicação o capelão escreveu que suas bíblias foram vendidas em três horas e os testamentos em três dias, perguntando ainda na carta quando chegariam mais. Outro colaborador na fase inicial das operações de disseminação de literaturas cristãs no Brasil realizado pela SBBE foi John Armstrong, na sua carta enviada a matriz da sociedade em Londres, Armstrong sobre sua nomeação escreve que não pouparia esforços no propósito da sociedade mesmo *liberando a sociedade das minhas despesas*. Seu propósito era dirigido as províncias do Prata, incluindo

⁸¹ **The Fifty-Fifth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1859, p. 275.

⁸² A primeira tradução completa da Bíblia para a língua portuguesa foi feita na segunda metade do século XVII, pelo português João Ferreira de Almeida, publicada em 1753, na cidade de Batávia, pela Companhia Holandesa das Índias Orientais. GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império. Sociedade Bíblica do Brasil**. Barueri-SP, 2012, p. 24, 80 e 83.

⁸³ O termo *Brazils* aqui denota a representação da Sociedade de Londres em referência a vastidão da territorialidade brasileira e suas respectivas fronteiras que tocavam vários países da América do Sul.

⁸⁴ O ano calendário de confecção dos relatórios anuais tinha início no dia primeiro de abril e fechamento em 31 de março do ano seguinte.

também Chile e Brasil. Nesse período ele distribuiu 1.200 bíblias e testamentos, em Monte Vídeo, Rio de Janeiro, Chile, Mendonça e Córdoba. Ele relata ainda que do Rio de Janeiro recebeu um pedido de 500 bíblias em português, e que um segundo requerente foi apontado como desejoso de realizar a distribuição da bíblia no Brasil, a esse foram enviadas 100 cópias. Ressalta ainda o relatório que *um desejo parece despertar nesse país de possuir esse até agora desconhecido livro*, assim registrado no relatório. Assim se denota o segundo aspecto da discursividade missionária no que tange a “sede e fome” do povo brasileiro pela bíblia, o que se adere bem e um conseqüente da primeira que era a ausência da bíblia no território brasileiro. São partes de uma narrativa que vai se construindo e irão moldar a mentalidade dos colportores, pois como atesta Roger Chartier, *a mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens do seu tempo*.⁸⁵

O relatório continua, 350 bíblias e testamentos foram enviados ao reverendo “Sr. Voges”, ministro de uma colônia alemã na cidade de São Leopoldo, onde sua congregação possuía membros pertencentes a igreja reformada luterana. Nesse relatório denota que havia muita comunicação e informação trocada entre as sociedades espalhadas com o intuito de fazer avançar a distribuição de bíblias. No relatório de 1827 revela que John Armstrong nutria uma extensa correspondência com diferentes partes da América do Sul. Nos relatórios da SBBE de 1827 a 1855 o Brasil é pouco citado, apenas com relatos esparsos de distribuição de bíblias, deixando registrado em várias partes dos relatórios a dificuldade de encontrar um agente efetivo para o país, no relatório de 1853 *a sociedade resigna-se em estar negligenciando esta parte do mundo, por não ter encontrado um indivíduo adequado para aventurar-se numa missão exploratória pelo país*.

O primeiro agente da SBBE no Brasil foi o inglês Richard Corfield em 1856, segundo o relatório recomendado como *um sujeito de um caráter cristão excepcional, bom senso, muito zeloso e com longa experiência comercial e negocial*, tinha no passado residido no Brasil como um homem de negócios. Esse agente converteu o “descontentamento” palavra recorrente nos relatórios da agência em relação às operações no Brasil, para “sucesso” na sua trajetória de quase sete anos a frente da superintendência. Retorna para a Inglaterra em 1861 segundo o relatório devido estar *em meio a vários perigos expostos*, e posteriormente o deslocando para atuar na América espanhola.

⁸⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002, p. 41.

Em 1864 assume a agência o missionário escocês Richard Holden, realizou incursões por todo o país, expandindo a rede de distribuição de bíblias, atingindo a cifra histórica de 7.465 cópias vendidas no ano de 1871, ficou na agência até 1872. Holden atuou fortemente na contratação de colportores, completando em 1865 uma equipe de dez vendedores ambulantes. Esses espalhados pelas regiões brasileiras, sendo dois em Pernambuco, um na Bahia, cinco no Rio de Janeiro, um em São Paulo e um no Rio Grande do Sul.

A partir daí assume o português José de Carvalho, continua o projeto de ampliação da rede de colportores e assim conseguiu aumentar a circulação de escrituras, em 1876 reportou venda total de 10.354 cópias. O brasileiro João Manoel Gonçalves dos Santos copastor da igreja Evangélica Fluminense, assume a frente da sociedade no país em 1878 onde permaneceu até 1901.

João Manoel dos Santos, esse brasileiro, foi a maior expressão como agente da SBBE no Brasil do século XIX. Isso se corrobora pelos mais de vinte anos a frente das operações no Brasil, onde distribuiu mais de 300.000 mil cópias. Foi o grande estrategista para expansão da disseminação das escrituras com a abertura de pontos de distribuição espalhados nas principais cidades do Brasil, os chamados “depósitos regionais” de bíblias. O Rio de Janeiro era a sede da agência e João Manoel dos Santos até 1886 já tinha aberto 32 desses depósitos regionais. Na primeira metade do século a sociedade havia distribuído 16 mil cópias, na segunda metade disseminou um total de 418 mil cópias⁸⁶. Importante destacar que o trabalho dos representantes, isto é, dos agentes dessas sociedades não era somente de contratar colportores, mas principalmente cuidar dos depósitos, receber os lotes de bíblias, enviar relatórios e dos demais cuidados de uma organização como essa, soma-se a essas tarefas o trabalho em si da colportagem em suas viagens exploratórias pelo país.

A sociedade bíblica americana (SBA), *american bible society*, fundada em 08 de maio de 1816, na cidade de Nova Iorque surgiu como uma reunião de várias sociedades missionárias bíblicas americanas, onde resolveram de modo unânime estabelecer uma instituição bíblica geral com o intuito da sua ampla circulação, seja em países cristãos, muçulmanos ou pagãos, sem notas ou comentários (artigo primeiro da constituição da SBA).⁸⁷

A “era das bíblias”, foi como a SBA chamou esse tempo de mudanças sociais, políticas e religiosas a nível mundial. No seu relatório anual enaltece o trabalho da SBBE e na sua proposta constituidora estabelece um trabalho de cooperação com a agência inglesa. A SBA segundo seus fundadores propõe que *mesmas forças quando aplicadas numa única direção,*

⁸⁶ Relatórios anuais da sociedade bíblica britânica estrangeira, 1823 a 1900.

⁸⁷ **Annual Reports of the American Bible Society**, Vol. I. New York, 1838, p. 10.

*produzirão resultados impossíveis do que se estivessem separados*⁸⁸. Na sua vinda para o Brasil a SBA tinha como pilares: Baratear o custo da bíblia, torná-la acessível, padronizar a versão, realizar impressão no território brasileiro e estabelecer uma ampla rede de distribuição.

Primeira correspondência com a menção do Brasil nos informes da SBA é no relatório de 1829, onde consta uma carta escrita por S. Kelby do Rio de Janeiro em 14 de junho de 1828. A correspondência é direcionada ao reverendo J. C. Brigham que fez uma viagem à América do Sul em 1824 como parte da inteligência da sociedade para iniciar operações no continente.⁸⁹ A primeira remessa de bíblias para o Brasil no relatório de 1835, entregue ao capitão Thos. Sullivan *para venda ou distribuição gratuita no Rio Grande, Brazil*, o lote continha: 25 bíblias em inglês, 5 bíblias e 20 testamentos⁹⁰ em francês, 50 em alemão e 25 em português⁹¹. Nos primeiros anos a SBA enviava as bíblias publicadas pela SBBE, somente em 1839 é que a agência americana passou a publicar bíblias e novos testamentos em português.⁹²

O primeiro representante da SBA no Brasil, como já mencionado foi o missionário americano metodista Daniel Parisk Kidder. Embora sua primeira intenção fosse se tornar um missionário na China, acabou aceitando o convite da sociedade para trabalhar no Brasil, aos 22 anos de idade embarcou para o Brasil acompanhado de sua esposa Cynthia e se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro. Kidder empreendeu o primeiro esforço sistemático de promoção abrangente da bíblia no Brasil, junto com o missionário Justus Parish Spaulding (o primeiro missionário metodista no Brasil) que já estava no país há um ano, realizaram incursões pelas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Depois de três anos deixou o Brasil devido o falecimento de sua esposa Cynthia.

Seu posto como representante só foi assumindo em 1854 com a contratação do agente James Cooley Fletcher, diplomata americano e missionário que ficou a frente da operação Brasil até 1856. Fixou residência no Rio de Janeiro e realizou incursões por todo o país, percorrendo cerca de cinco mil quilômetros, promovendo a distribuição de bíblias. Fletcher pela sua posição de diplomata possuía contatos com o imperador Dom Pedro II. No ano de 1855 Fletcher realizou incursões por várias regiões do Brasil, partindo do Rio de Janeiro, foi a Minas Gerais e rumou para o norte indo até Salvador e Pernambuco, distribuindo segundo o relatório do ano 481 bíblias e 1.150 testamentos em português, francês, alemão e latim. Interessante destacar que além dos agentes que trabalhavam para as sociedades bíblicas, essas possuíam sua inteligência

⁸⁸ **Annual Reports of the American Bible Society**, Vol. I. New York, 1838, p. 14.

⁸⁹ **Thirteenth Annual Reports of the American Bible Society** – Appendix. New York, 1829, p. 491.

⁹⁰ “Testamento” era a abreviação para o novo testamento da bíblia.

⁹¹ **Nineteenth Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1835, p. 778.

⁹² GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p. 145.

peçoal, proveniente de viajantes que para o Brasil vinham ou residentes. No mesmo informe a sociedade acusa o recebimento de uma correspondência de um senhor chamado “Montsalvatge”, adjetivando de “sucesso” o trabalho realizado pelo missionário Fletcher naquele período. No relatório de 1856 devido a caso de doença na família de Fletcher ele retorna para a Europa.

Em 1856 Roberto Nesbit no lugar de Fletcher, foi comissionado principalmente para trabalhar na região norte do império, designado que ele subisse o rio Amazonas, até chegar ao Peru, local onde ele teve um negócio no passado. Segundo o relatório da agência, *ele é instruído, como todos os nossos agentes são, sem interferir em qualquer nível, com a política ou outros afazeres públicos dos países visitados, mas com discrição difundir a bíblia nas famílias, escolas, hospitais, tanto quanto as circunstâncias permitirem*⁹³. Nesbit ficou até 1858 quando veio a falecer vítima da febre amarela, e a agência da sociedade foi assumida por Richard Holden em 1860 onde permaneceu até 1865. Continuando o trabalho de Nesbit na região norte do Brasil, com forte atuação na província do Pará. Lá divulgou a bíblia na imprensa e promoveu a distribuição navegando pelos rios da Amazônia. Manteve em Belém longa polêmica com o bispo católico, Dom Antônio de Macedo Costa⁹⁴, defendendo o direito de promover e disseminar a bíblia⁹⁵. O missionário presbiteriano americano Ashbel Green Simonton⁹⁶ e seu cunhado o missionário Alexander Latimer Blackford, “gentilmente”, segundo o relatório de 1865 da SBA, assumiram a posição deixada por Holden. A partir do falecimento de Simonton em 1867 de febre biliosa, Blackford assume como representante até 1876, quando definitivamente é levado a posto de agente oficial da sociedade no Brasil até 1880. Nesse ano o missionário William Campbell Brown deu continuidade ao trabalho de Blackford até 1887, realizando viagens com outros colportores em diversas províncias do país. Em 1886 visitou o

⁹³ **Forty-First Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1857, p. 321.

⁹⁴ Dom Antônio de Macedo Costa (1830-1891), baiano, aos 31 anos foi indicado por Dom Pedro II para assumir como bispo de Belém do Pará. Dom Macedo Costa é o exemplo do clérigo mais afinado com as diretrizes de PIO IX, composto por prelados que haviam realizado na Europa sua formação, em centros de erudição teológica em que se cultivava a estreita obediência e fidelidade à ortodoxia católica romana. Foi destaque no processo de reforma da Igreja católica a partir de 1861 quando emitiu carta pastoral na tentativa de moralizar e disciplinar o clero brasileiro, investindo contra os sacerdotes que estavam envolvidos em políticas e deixando de lado sua missão precípua que era a evangelização e o cuidado das almas. Foi um dos protagonistas na Questão Religiosa de 1872. CHAVANTE, Esdras Cordeiro. **Apontamentos Históricos sobre a presença e atuação social e religiosa de Robert Reid Kalley no Brasil oitocentista.** ABHR, 2º Simpósio Internacional de História das Religiões, UFSC, 2016.

⁹⁵ GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Império.* Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p.

⁹⁶ Ashbel Green Simonton chegou ao Brasil em 1859 e fundou no dia 12 de janeiro de 1862 a primeira igreja Presbiteriana do Brasil. Fundou também o primeiro jornal evangélico do Brasil, a Imprensa Evangélica que funcionou de 1864 até 1892. Simonton também fundou o primeiro seminário evangélico do Brasil, o Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro. GIRALDI, Luiz Antonio. **A Bíblia no Brasil Império.** Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012.

Paraná com o colportor Francisco Alves de Oliveira, promovendo a distribuição de bíblias de casa em casa nas cidades de Curitiba, Irati, Campo Largo, Ponta Grossa, Castro e Tibagi.⁹⁷

Em 1887 o americano Hugh Clarence Tucker foi nomeado agente, missionário metodista, permaneceu no Brasil quase meio século e foi um dos maiores disseminadores das escrituras no país. Esse agente foi o responsável pela primeira publicação das escrituras em Braille, em 1887 conseguiu em parceria com o Instituto dos Cegos Benjamin Constant, criada em 1854 no Rio de Janeiro, imprimir 500 exemplares do evangelho de São João em Braille português. É uma tradição desde fundação das sociedades bíblicas até hoje entregar bíblias em Braille para os deficientes visuais de graça. Na primeira metade do século a sociedade americana havia distribuído 7 mil cópias, na segunda metade disseminou um total de 489 mil cópias, onde 90% dessa distribuição se deu a partir de 1880.

Portanto, a construção do perfil ideal do trabalhador da colportagem e sua generalização vai marcar a representação social do religioso protestante, tanto no que tange ao processo de recrutamento como na coesão interna do projeto missionário, o discurso de um ambiente “difícil” dá sentido e propósito de vida como parte constituinte do que é ser missionário, alguém que se doa por completo a uma causa. Esse significado é poderoso, pois responde uma das perguntas mais “caras” a qualquer ser humano: Por que nasci? O colportor se vê como um vocacionado. Daí que orgulhoso de distribuir bíblias e pregar o evangelho aos “infieis” se movia no sentido de *combater o bom combate* da fé, pois se havia oposição a esse ideal, havia “inimigos” a serem enfrentados, e a colportagem estava no Brasil para atender a esse projeto religioso.

2.2 A VIAGEM DA BÍBLIA ATÉ O BRASIL

O único meio de trazer a bíblia para o Brasil era pelo navio, aqui começa a aventura, as dificuldades de transporte para o livro eram variadas:

Mercadoria preciosa, mas também pesada e atravancadora. Nessa época, em que as despesas de transporte eram elevadas, seu preço era muitas vezes onerado. O livro é também uma mercadoria frágil. Havia então apenas dois meios de transporte: o navio ou o carro, as folhas corriam o risco de se molhar no fundo de um porão ou de serem estragadas por intempéries. Para protegê-las tanto quanto possível é preciso colocar

⁹⁷ MATOS, Alderi Souza de. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil**. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2004, p. 51.

os fardos de livros em caixas de madeira. Apesar dessas precauções, frequentemente os livros chegavam molhados e estragados.⁹⁸

No relatório da sociedade bíblica americana de 1839 consta, *remessa a sociedade missionária da Igreja Metodista Episcopal no Rio de Janeiro, 50 bíblias e 150 testamentos em português, em lugar de livros destruídos*⁹⁹. As baldeações também eram dificuldades enfrentadas até sua chegada nas mãos do representante:

Nessas baldeações os riscos de erro são bem maiores, porque aqueles que as efetuam não sabem ler: o que indica o destino, mais do que o endereço escrito, é o sinal em forma de monograma inscrito nas caixas, que deve muitas vezes facilitar a confusão.¹⁰⁰

No relatório de 1846 da sociedade inglesa reporta que uma caixa de bíblias em português foi enviada ao Rio de Janeiro, o qual foi vendido em leilão público pela aduaneira brasileira por um alto preço, além de seu preço real. Esses infortúnios podiam acontecer na alfândega assim como os atrasos recorrentes no seu despacho, o agente e também colportor inglês Richard Corfield reporta a SBBE no relatório de 1857 que *apesar das poucas semanas na cidade e os vexatórios atrasos em passar as escrituras na alfândega*. No relatório da SBA de 1840, o autor do relatório na sua conclusão denota os embaraços dos custos aduaneiros e das circunstâncias para liberação dos livros, *existe em quase todas as partes da terra amizades duradouras dessa sociedade, existem auxiliares locais, cujo auxílio não seja diminuído por perturbações comerciais*.¹⁰¹ Contudo, todas as circunstâncias eram oportunidades para práticas prosélicas dos missionários, Corfield registra trecho de vendas realizadas a oficiais da alfândega:

No dia 20 de maio durante o exame dos meus casos junto a alfândega eu vendi 20 das melhores bíblias vermelhas para os oficiais da casa, onde eu passei um bom tempo com eles. Meus livros foram maravilhosamente admirados, e nós todos parecemos nos dar muito bem...eles ficaram surpresos com o preço baixo da bíblia. Foi uma cena refrescante ver uma grande companhia de homens inteligentes tão ansiosos para ouvir a palavra, e para um ou dois deles eu notei que estavam lendo o texto de João 6:35, que declara que Cristo é o *pão da vida*.¹⁰²

Ainda, no relatório de 1833 da SBBE algo pitoresco, o relatório informa que devido a guerra da Cisplatina e o bloqueio a Argentina, o governo brasileiro havia apreendido os bens do navio com destino final a Argentina, dentre essas apreensões encontravam-se sete lotes de

⁹⁸ FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Edusp, São Paulo, 2017, p. 317.

⁹⁹ **Twenty-Third Annual Reports of the American Bible Society**, New York, 1839, p. 16.

¹⁰⁰ FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Edusp, São Paulo, 2017, p. 319.

¹⁰¹ **Twenty-Fourth Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1840, p. 79.

¹⁰² **The Fifty-Fourth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1858, p. 185.

bíblias. *O comitê iria aguardar encontrar um canal diferente para entregar essa remessa de bíblias.*

As representações depois de assentado a ideia de “vir ao Brasil”, irão girar em torno do tema “oposição”. Desde a chegada da bíblia propriamente dita ao Brasil toda a narrativa se dará pela “dificuldade”. São construções políticas necessárias que dão forma e sentido ao plano de inserção, elementos essenciais das lutas de representação que vão se infiltrando nos discursos dos colportores de modo muitas vezes inconsciente, apropriações e reverberações que foram desenhadas e edificadas pela experiência em outros planos de implantação. Com isso não se trata simplesmente de uma importação de projeto missionário, mas adequações ao plano brasileiro de evangelização e messianismo mundial que marca os missionários anglo-saxões e o propósito das sociedades bíblicas.

2.3 A CHEGADA DA BÍBLIA NA AGÊNCIA

Segundo o relatório da SBBE de 1860 o trabalho da distribuição segue como sempre de duas maneiras: primeiro, pelas doações de bíblias preparadas e enviadas da sede das agências e segundo, por ajuda de fundos que fornecem publicação das escrituras no exterior. O agente é de fato a pessoa contratada pela sociedade para operacionalizar a distribuição dos livros. Constrói conexões e relações complexas com auxiliares locais organizados (sociedades, igrejas e indivíduos) e sustentados por eles, permitem assim reunir os recursos para o plano da disseminação, isso com muito menos gasto que se fosse realizado de outra maneira. As sociedades entendiam que essa era a melhor forma de condução do trabalho, o agente detinha papel nevrálgico no sistema, em caso de retirar o agente do campo de atuação, as sociedades locais imediatamente, com uma exceção ou outra, definhavam por inanição, e deixavam de existir¹⁰³. Portanto, as sociedades na maioria das vezes forneciam somente o lote dos livros, o agente com as vendas e contribuições dos auxiliares é que iriam viabilizar praticamente toda a operação, exemplo dessa rede se percebe no relatório da SBA de 1860 onde são reportados no mundo possuir 43 agentes, três no campo estrangeiro, 85 colportores e 24.836 voluntários locais. Para se ter uma compreensão da ramificação, no relatório da SBA de 1879 o imperador do Brasil, Dom Pedro II, consta na lista de *members of life*, isto é, pessoas que contribuiram financeiramente para a causa da bíblia e sua propagação, depois de visita do mesmo aos Estados Unidos. Em correspondência do reverendo E. Van Orden registrado pela SBA em seu relatório

¹⁰³ **Forty-Fifth Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1861, p. 650.

anual de 1876 a visita do imperador *foi sem dúvida um grande serviço à causa da bíblia na terra que ele governa.*

Não obstante, ao agente cabia tornar a distribuição uma operação em escala, onde a coleta de dinheiro é uma parte pequena das tarefas do agente. A maior parte do dinheiro recebido por eles não aparece nos seus relatórios. Por isso, o relatório denota que o agente deve ser estimado pelo seu “valor”, para a sociedade e para os auxiliares.

No relatório de 1887 registra que o agente João Manoel dos Santos ficava diariamente no depósito do Rio das 10 horas até às 2 horas da tarde, pois acumulava função de ser pastor da Igreja Evangélica Fluminense e gerenciava os colportores, provendo eles de livros e dinheiro, traduzindo seus relatórios mensais e ocasionalmente fazendo viagens, com o intuito sempre de abrir novas frentes de distribuição (depósitos regionais).

Havia uma grande necessidade de colportores, primeiro porque havia uma necessidade para aumentar os canais de distribuição locais, devido a demanda por bíblias que se asseverava, depois estabelecer uma rede ampla de parceiros. O relatório da SBA de 1855 denota como *indispensável o emprego de numerosos corpos de agentes para ampla distribuição de bíblias*, e por fim fatores econômicos – economia e eficiência – eram as palavras usadas no relatório de 1860. Nesse relatório, *embora o limite do Relatório Anual requer condensação*, suficiente para evidenciar claramente o estado atual da causa, e seus superintendentes nas agências nos seus respectivos campos missionários. O emprego de agentes pela SBA era assunto de *constante atenção*, com vistas a possibilitar modificações no interesse de ambos, eficiência e economia, as duas palavras de ordem na SBA. A melhor economia é o que assegura a alta eficiência, onde esse agente na imperativa necessidade de estimular auxiliares a fim de manter o trabalho de distribuição por todas as partes do país.

Nos relatórios das agências até a década de 1870 se tinha por norma e hábito não registrar os nomes completos, locais e cidades, a fim de preservar os missionários que muitas vezes realizavam a distribuição em circunstâncias de forte oposição, pois os relatórios eram divulgados anualmente e sem restrição de circulação. O missionário escocês doutor Robert Reid Kalley em carta de 23 de novembro de 1853, não aceitou trabalhar para SBA após convite de James C. Fletcher em virtude que não aprovava os métodos da sociedade principalmente porque necessitava publicar notícias, nomes e referências dos colportores nos países onde havia perseguição.¹⁰⁴

¹⁰⁴ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Centro Brasileiro de Publicidade, Rio de Janeiro, 1941, p. 17.

De modo geral os relatórios divulgados pelas sociedades continham muitas lacunas devidas ausências dos informes dos agentes. Como diz novamente o informe de 1860 da SBA “embora o limite do Relatório Anual requer condensação”, era necessário evidenciar claramente o estado atual da causa no país. No informe de 1867 essa mesma agência relata que apesar de Simonton e Blackford, agenciarem sem pagamento, o trabalho do ano não agradou a SBA devido um recebimento parcial de relatórios acerca do trabalho, contudo, sugere o relatório que o atraso das informações se daria, pois estavam no caminho, “provavelmente detidas no correio”.

A SBBE também registra essa precariedade das informações da agência no Brasil, em 1888 “poucos detalhes dessas visitas ou do trabalho dos colportores é reportado”, no de 1893, “poucos relatórios são mais breves que a do amigo fiel da sociedade, Sr. Dos Santos, do Rio”. Mas é no relatório de Corfield, como já mencionado, que a humanidade do colporteur fica evidente, ele assume que *suas anotações não eram precisas, não se importando em gravar tudo, e isso se devia por fazer esses registros no final do dia onde estava fatigado e cansado, ele reconhece que deveria entregar isso melhor*, por isso, pede compreensão do comitê.

A falta de trabalhadores para os campos religiosos brasileiros serão registro normal e comum em todas as atas das sociedades bíblicas desde que o Brasil é mencionado nelas. A carência de atender a demanda existente de disseminação de bíblias pelas capitais e interiores do território brasileiro serão fortemente trabalhadas pela inteligência protestante como propaganda missionária. Oposição que leva a dificuldade de agenciamento de operários, sendo necessária a importação desses primeiros colportores até a conversão dos primeiros brasileiros, seguido por sua agenciamento à prática proselitista da colportagem. Portanto, os relatórios das atas das sociedades almejam não somente dar um panorama de como anda a distribuição de bíblias pelo Brasil, não é somente um registro pelo registro, mas uma forma de dar sentido e instigar uma aderência maior por parte dos protestantes. Seja “enviando” investindo nessas sociedades com recursos financeiros, seja “indo” recrutando missionários em suas denominações filiadas a essas sociedades bíblicas.

2.4 COMPRADORES CURIOSOS

A bíblia rompia com toda forma de representação das coisas, porque despe as figuras e os signos de seus mistérios, retira dos sacerdotes o monopólio da interpretação¹⁰⁵. Nesse

¹⁰⁵ CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido**. 2 ed. Campinas-SP, Mercados de Letras, 2011, p. 21.

sentido, o contato do povo com a bíblia se fazia através de representações, principalmente no ciclo do natal e na semana santa. As imagens, relevos e pinturas das igrejas exerciam o papel de bíblia dos pobres¹⁰⁶, pois mais de 85% do povo nesse período era analfabeto. Diz Saint-Hilaire que só viu dois exemplares da bíblia em Minas Gerais¹⁰⁷, um negociador do Rio percebeu existir entre as pessoas *um impulso de curiosidade em conhecer aquilo que deles foi ocultado por tanto tempo*¹⁰⁸, pois a primeira afirmação da identidade esteve ligada a censura e a interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas¹⁰⁹. No relatório de 1859 a SBBE registra uma correspondência de Corfield onde diz: *O que possa ser o efeito da nossa circulação de bíblias nós talvez nunca saibamos, grande parte dos livros é adquirida por compradores curiosos*. No mesmo registro em sua viagem a Minas Gerais pontua venda de 727 cópias, onde pela *curiosidade da população muitos foram induzidos a comprar*. Essa curiosidade se suscitava, segundo expressos nos relatórios anuais das sociedades, nos embates dos jornais e pela própria propaganda dos padres nos púlpitos das igrejas a exortar o povo a não adquirir as “falsas bíblias dos hereges protestantes”, isso é denotado no relatório de 1865, onde *as bíblias eram vendidas por desejo motivado pelos interditos dos padres e o baixo custo de aquisição*. Ainda em 1880 quatro colportores: Manoel dos Anjos, Manoel P. C. Bastos, Manoel J. S. Vianna e Antonio L. Jesus, passaram por grande oposição, e que muitas desses sofrimentos e perseguições constituem vendas, pois *muitas vezes as pessoas compram livros das suas mãos em ver como os colportores sofrem, não respondendo com palavras ofensivas, mas com paciência, então se perguntam que tipo de livro a Bíblia é?*¹¹⁰

O missionário proselitista Daniel Parish Kidder, a um amigo em Nova Iorque:

Há, além da controvérsia, um desejo de ler as escrituras. A venda de bíblias em português e latim tem crescido de várias formas. Algumas circunstâncias têm ocorrido, desde nossa chegada, que estamos espantados. Parece que o irmão Spaulding tem realizado conexões para distribuição de livros e folhetos. Na última quarta-feira ele recebeu pedidos de diretores de escolas, e 60 testamentos e diversos tipos de folhetos foram dados.¹¹¹

O missionário Eduardo Lane da Missão Americana Presbiteriana em correspondência com a SBBE diz que a distribuição das bíblias foi favoravelmente fortalecida em virtude dos

¹⁰⁶ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 106 e 107.

¹⁰⁷ HAUCK, João Fagundes. BEOZZO, José Oscar. (org.) **História da Igreja no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, 1980, p. 107.

¹⁰⁸ **The Twenty-Third Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1827, p. 63.

¹⁰⁹ CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**. São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 23.

¹¹⁰ **The Seventy-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1880, p. 196.

¹¹¹ **Twenty-Second Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1838, p. 961.

conflitos e tensões entre o poder civil e o papa. Segundo Lane nos últimos cinco anos entre o povo não se viu desejo tão grande de obter as escrituras.

Mais um elemento importante da representação do colporteur, pois *a obra só adquire sentido através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações*¹¹². Denota-se nessas narrativas um início do desmembramento de interesses, ou seja, *povo versus padres*, o povo “ansioso” na expectativa de ler e ter a bíblia, amplamente divulgado pelos missionários como objeto negado ao povo do Brasil, e de outro lado o clérigo católico que se opõe a essa divulgação e promoção. O adversário já é conhecido – a Igreja, não o povo, o povo é “massa de manobra dos padres”.

2.5 O AVENTUREIRO COLPORTOR

Para esse trabalho precisava ter um *espírito de aventura*, conforme denota o relatório da SBA de 1840, mas não só isso, dadas as vicissitudes enfrentadas pelo vendedor ambulante de bíblias no Brasil, outros requisitos eram exigidos para essa árdua tarefa. A SBA em 1870 concebe não ter nada de interesse especial de dizer do Brasil, pois a distribuição de bíblia tem sido temporariamente afetada por uma necessidade de pessoas “qualificadas” para agir como colporteur. O missionário americano Alexander Blackford, escrevendo do Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1869: *Nosso colporteur contratado no último ano fez bem o seu trabalho no início, mas depois se demitiu, o irmão ‘C.’ está buscando um homem adequado, mas não tem tido sucesso*¹¹³, no ano seguinte a SBA cogitou suspender temporariamente as operações no Brasil se não encontrasse pessoas qualificadas.

O colporteur era uma peça fundamental na engrenagem da disseminação de bíblias, antes do “pastor” ou “reverendo” nas comunidades e cidades, antes das igrejas edificadas, lá esteve o colporteur. O trabalho denotava certas peculiaridades e habilidades que reunidas construía o termo pessoa “qualificada” no grau de exigência das sociedades. Além de professar a fé cristã o colporteur tinha que ser muito zeloso com o transporte e manuseio dos livros, haja vista tratar-se de carga frágil, as suas vendas vinham da apresentação também dos livros. Seu sustento dependia das vendas, pois parte dos recursos eram destinados à sua manutenção nas viagens. Corfield no relatório de 1857 é tido pela sociedade inglesa como um *crístão zeloso e com longa experiência comercial e negocial*. Outro atributo várias vezes mencionado nos relatórios,

¹¹² CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002, p. 59.

¹¹³ **Fifty-Fourth Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1870, p. 728.

discrição. Como veremos, a circulação das literaturas cristãs onde chegavam geravam tensões, e a discrição permitia que o colportor atingisse seu objetivo sem interrupções. O relatório da SBBE de 1871 sobre Richard Holden o descreve como um missionário que conduz as operações da maneira mais discreta possível, atestada prudência e piedade, confiável em realizar suas tarefas com cuidado e discrição em diferentes locais¹¹⁴. O colportor precisava ser como cita o relatório de 1859 da SBBE “homem perseverante e que se nega a si” em executar a disseminação de bíblias, ainda mais se o trabalho fosse para regiões mais afastadas das grandes cidades. Isso é compreendido no resumo de 1880 da sociedade londrina para a contratação de mais um colportor a fim de atuar no interior, pois os três colportores que distribuía no Rio de Janeiro e arredores não tem perfil para as maiores dificuldades do interior (Anjos, Bastos e Antonio), *é muito difícil encontrar alguém que se sujeite a sofrer desaforos das pessoas, vender livros e por um baixo salário*.¹¹⁵

Não obstante, o “princípio do voluntarismo”, era o epicentro do perfil desejado, o doutor Robert Reid Kalley no informe de 1882 da SBBE lamenta a saída de um colportor:

Veio para o Brasil com a família custeando ele próprio suas despesas e aqui prestou inestimável serviço como colportor e missionário na cidade por 20 anos. Apesar de sua baixa instrução era muito sábio, ele sofreu grandemente, e Kalley o considerava realmente um herói.¹¹⁶

Ressaltado o princípio do voluntarismo, no próximo tópico destaca-se as grandes distâncias e grandes ausências.

2.6 GRANDES DISTÂNCIAS, GRANDES AUSÊNCIAS

As distâncias muito grandes, quantidade de vilas e caminhos ruins, em grande parte o trabalho era feito nas costas de cavalos e mulas, rios que necessitam ser transpostos a pé, e não poucos perigos encontrados. Além disso, o envio de colportores do Rio de Janeiro para províncias mais distantes eram consideravelmente dispendiosas, às vezes era necessário comprar cavalos para o transporte e no fim da jornada ter que vendê-los pelo “preço que conseguir”, abaixo o trecho de um colportor:

¹¹⁴ **The Sixty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1871, p. 309.

¹¹⁵ **The Seventy-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1880, p. 196.

¹¹⁶ **The Seventy-Eighth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1882, p. 280-281.

Eu tentei atravessar o rio às onze da noite, mas como não pude, tive que esperar até às duas da manhã, e então eu atravessei a pé, pois o rio já estava raso, então atravessei a floresta por cerca de cinco quilômetros.¹¹⁷

Os relatórios mencionam várias vezes sobre os altos custos de viagens, o pesado frete dos barcos, pois segundo a sociedade de Londres as despesas de viagens no Brasil eram maiores do que em outros países¹¹⁸. Portanto, algumas vezes as sociedades julgavam algumas despesas para ver se realmente justificavam empregar recursos em alguns casos. As despesas no interior são grandes e amiúde as vendas não correspondem ao investimento. Diz João Manoel dos Santos, agente da SBBE, *eu desejo disseminar as escrituras no interior, contudo, eu estou com medo das despesas*¹¹⁹. Em 1877 o registro de Eduardo Lane missionário em Campinas, transcrito pela SBBE:

A bíblia tem chegado em cada recanto ou esquina dessa porção do Brasil. Dois dos colportores chegaram aqui hoje, eles estavam fora já há dois meses, uma longa e bem-sucedida jornada, vendendo e distribuindo bíblias e outros livros. Esta parte do trabalho é muito animadora, mas contém também revezes. O custo alto das viagens e a vastidão do país, tornam muito difícil o serviço do colporteur... escrevo ainda para a sociedade em Londres que possa empregar tempo integral ou parte do tempo um dos colportores.¹²⁰

Nesse relato explica-se porque muitos colportores trabalhavam alguns meses do ano somente, e voltavam no ano posterior para dedicar-se mais alguns meses a tarefa missionária, pois como na maioria das vezes era um trabalho voluntário, os demais meses o colporteur trabalhava para sustentar a sua família.

Destarte, não é necessário traçar os passos de cada colporteur, mas denotar que suas viagens eram longas e fatigantes¹²¹. As dimensões do país eram um dos grandes desafios da colportagem, onde uma província poderia levar até seis meses para ser percorrida por um vendedor ambulante de bíblias. No informe de 1885 a SBBE diz: *Os homens que trabalham no interior desse vasto país merecem nossa simpatia e admiração*, continua o relatório atestando que são tão grandes as distâncias que um colporteur pode ficar meses sem comunicação com o centro de operações e até por anos longe da família. O colporteur na Bahia Thomaz Gallart que atuava na região do rio São Francisco em 1865 preocupou muito a sociedade de Londres por ficar incomunicável, no relatório dizia que o agente Richard Holden não tinha notícias do paradeiro do colporteur.

¹¹⁷ **The Seventy-Ninth Report of the British and Foreign Bible Society**, p. 225.

¹¹⁸ **The Ninety-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society**, p. 304.

¹¹⁹ **The Seventy-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1880, p. 196.

¹²⁰ **The Seventy-Third Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1877, p. 232-233.

¹²¹ **The Sixty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1871, p. 311.

Outra dificuldade revelada nos relatórios eram os espaçamentos entre as cidades e vilarejos, o país era imenso, mas segundo o relatório pouco habitado. O vendedor saía da base com um destino, muitas vezes incerto, pois enquanto não vendesse o seu estoque de livros ele não retornava. No relatório de 1869 da SBBE diz que as viagens pelo interior eram “raramente ótimas”, variando muito de lugar para lugar, o autor do informe compara as vendas de um colportor na Europa que numa semana, numa única cidade vendia até 75 bíblias, já no Brasil para atingir essa quantidade de vendas poderia levar um mês.

Essas vicissitudes refletiam no tempo que o voluntário da bíblia dedicava do seu tempo na tarefa, o colportor escocês Samuel Elliott que atuava na região sul do país desistiu do trabalho em 1886 justificando para sua saída, *longa ausência de casa, não reunir as condições para sustentar esposa e família*. Nesse sentido, o agente brasileiro João Manoel dos Santos propôs “dividir” o Brasil em dez províncias e procurar colportores dessas regiões, assim essas longas e dispendiosas viagens, bem como as ausências de casa seriam mitigadas¹²². Abaixo transcrição de uma semana iniciada no dia 17 de março de 1870, seu nome permanece anônimo:

Dia 17 - Depois do café da manhã eu saí com os livros, oferecendo eles de casa em casa, eu estava com algumas bíblias de Londres edição de 1828. Entre essas pessoas as escrituras são pouco conhecidas. Eu tive um dia agradável falando em algumas casas sobre o amor de Jesus... Fiquei sabendo hoje que o vigário havia solicitado ao delegado de polícia que não vendesse minhas bíblias aqui, mas até o presente momento eu não recebi nenhuma intimação.

Dia 18 – O dia inteiro na rua sem ter conseguido vender mais que 2 bíblias. O vigário conclamou o povo a não comprar as bíblias e com as autoridades a proibiu.

Dia 19 – Fiquei sabendo que amanhã o vigário irá pregar contra os meus livros, isso me deu ocupação em muitas casas para mostrar que não existe falsificação nos livros.

Vendi uma bíblia e seis testamentos. Dia 21 – O vigário leu a pastoral do Arcebispo da Bahia, e pediu ao povo que entregasse a ele todas as bíblias compradas pelo povo, ainda nesse dia o vigário percorreu algumas casas que eu havia passado solicitando que as bíblias fossem entregues a ele, mas as pessoas negaram seu pedido. Hoje foi um dia agradável em algumas casas pois as pessoas me pediram para mostrar como elas devem seguir a Jesus, outras querem saber onde na bíblia contém oposição ao clero romano. Vendi 2 bíblias, 15 testamentos, 12 evangelhos.¹²³

O intenso simbolismo nessas histórias e declarações mostra a força que existe por detrás das ideias, o controle e registro dessas narrativas irão autenticar a necessidade de inserção do protestantismo no Brasil. Contudo, importante também destacar que essa construção imaginativa não pode ser julgada como fantasiosa, são fatos e não podem ser ignorados, são registros que precisam ser trabalhados e retrabalhados, mas não emparedados como *sepulcros caiados*, encaixotados naquele perigo de piorar a história, *só porque ouvimos falar que tudo é*

¹²² **The Eighty-Second Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1886, p. 298.

¹²³ **The Sixty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1871, p. 311.

discurso, concebe Robert Darnton na sua obra *O Beijo de Lamourette*. Claro que o contexto dessas narrativas modela o conteúdo das notícias contidas nas atas e nos escritos dos colportores, assim os textos adquirem forma sob a inegável cosmovisão de uma religião, no caso a protestante, com todo o seu arcabouço ideológico, epistemológico e metodológico. São todos elementos contraditórios, mas que adquirem sentido juntos na sua formação e construção.

2.7 MÚLTIPLAS ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO NO COTIDIANO DO COLPORTOR

O papel da representatividade dos colportores é denotada na variedade empregada de estratégias para circular bíblias, *o melhor livro para um livreiro é o que vende bem*¹²⁴. Cada situação era oportunizada para disseminação de escrituras bem como exercer práticas prosélicas, o campo de ação era vasto e as circunstâncias também. O agente Richard Corfield em seu informe de 1859 começava o seu trabalho de divulgação da bíblia procurando nos locais imigrantes protestantes, em trecho da sua correspondência diz: *Este homem simpático tem calorosamente me suportado e o cônsul holandês também*, a partir das vendas a essas pessoas ele estendia a população em geral. Outra estratégia:

Nós descemos a rua oferecendo a bíblia, nesta cidade é difícil ter acesso as casas, pois muitas pessoas vivem na parte detrás delas e nunca aparecem na frente, então fomos obrigados a oferecer as crianças nas ruas e elas ocasionalmente proporcionavam que falássemos com a família, João vendeu 2 bíblias e 1 testamento.¹²⁵

Nichos de vendas também eram amplamente explorados, um deles foi de colportores que atuavam somente nas estações ferroviárias, menciona no relatório de 1873 *o trabalho nesse novo nicho de atuação se mostrou muito favorável que excedeu as expectativas, foram vendidas nessa estratégia 183 bíblias e 424 testamentos*. Os vendedores ambulantes também investiam em festividades, no Rio de Janeiro na semana da páscoa, dois colportores, Bastos e Manoel dos Anjos direcionados pelo agente José de Carvalho:

Eu pedi para eles nas festividades de quarta e sexta-feira da paixão e morte de Jesus Cristo, tendo em mente que lugar do livro isso aparece, e no sábado que era dia da ascensão de Cristo e a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, vendessem porções do livro de Atos dos apóstolos. Pedi a eles que não tivessem longas conversas com as pessoas, a fim de que eles não tivessem tempo de saber se tratar da bíblia. Nessa estratégia fico feliz em comunicar que esses dois colportores distribuam 637 dessas pequenas cópias. Eu pretendo usar a mesma estratégia em outras ocasiões.¹²⁶

¹²⁴ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 115.

¹²⁵ *The Sixty-Fourth Report of the British and Foreign Bible Society*. London, 1868, p. 238.

¹²⁶ *The Seventy-First Report of the British and Foreign Bible Society*. London, 1875, p. 204.

Nesse relato se percebe a ampliação dos produtos vendidos com a inserção das “porções”, isto é, livros específicos da bíblia ou parte dela que a partir dos relatórios de 1874 da SBBE fazem as vendas praticamente dobrarem. Outra estratégia comercial mirabolante realizada por um colportor não pertencente à SBBE e que obteve sucesso, aparece no relatório da agência de 1878 onde ele anunciava uma exibição com uma lanterna mágica, a entrada era franca, mas quando as pessoas viam, ele polidamente dizia as pessoas que embora elas não tenham dado nada para entrar, deviam comprar uma bíblia, livro que iria explicar as fotos que eles tinham vindo ver.

O agente João dos Santos revela uma estratégia semântica no cemitério, pois o simples nome “bíblia” era sinônimo de desprezo pelo povo devido às tensões ligadas a propaganda católica:

Houve um dia quando o povo se dirigia aos cemitérios para visitação dos parentes mortos, eles acendiam as velas, traziam flores e então lamentavam. Naquele dia, 2 de novembro, eu preparei seis placas (para os seis cem terios aqui) com as seguintes palavras em letras bem grandes: *CONSOLAÇÃO – Deus enxugar  toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem sofrimento, nem choro, nem mais dor. Esta consola o pode ser obtida de nosso Senhor Jesus Cristo através do seu evangelho – UM EVANGELHO, 40 REIS.*¹²⁷

Depois de um dia de tantas nuances o colportor Joaquim José de S. Silva precisa de um lugar para passar a noite e oportuniza para fazer proselitismo:

Viajando pelo estado do Espírito Santo, num lugar chamado Jacarandá, no fim do dia eu estava procurando um local para passar a noite, acabei conhecendo um homem e sua esposa na rua, ofereci a eles os livros, e depois de conversarmos eu pedi permissão para ficar na casa deles. Eles disseram sim, a noite conversamos sobre o evangelho... eles ouviram atentamente e compraram uma bíblia.¹²⁸

Era um trabalho que “amargava o fgado”, mas como diziam os colportores *não havia melhor meio de forma o vocacional*, dois anos no “treinamento” da colportagem ajudava a dissipar algum orgulho ou ar de superioridade, resultantes do pensamento de “destino manifesto” estadunidense, pois tornava o obreiro mais natural e mais simpático, isso   o que diz os registros das atas. Fato   que o colportor aprendia mais sobre as condi es sociais brasileiras do que se possa imaginar, e com isso apesar das individualidades formaram uma representa o única da colportagem na segunda metade do século XIX.

¹²⁷ **The Seventy-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1881, p. 186.

¹²⁸ **The Ninetieth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1894, p. 296.

2.8 AS TENSÕES COM CLÉRIGOS CATÓLICOS

A bíblia neste período tinha como norma pastoral a recomendação tridentina de que se não permitia a leitura da bíblia por leigos, com o avanço do protestantismo a bíblia passa a ser vista como um “perigo protestante”¹²⁹. O direito de censura é sempre objeto de rivalidades agudas, revelação das tensões sociopolíticas que marcam uma sociedade num dado momento histórico¹³⁰. Nesse sentido, a encíclica de Gregório XVI contra o trabalho das sociedades bíblicas teve ampla repercussão no Brasil, a igreja procurava espalhar entre o povo a ideia de que os protestantes não eram cristãos, ser protestante significava ser pagão, perigoso, mau¹³¹, tidos como hereges. O episcopado brasileiro sustentava que só a “verdade católica e não o erro liberal ou protestante” tem direito de existência e de divulgação, essa postura é resultado dos direcionamentos provenientes da *Bula Syllabus* e do *Vaticano I* que revelavam uma postura ultramontana da igreja¹³², a igreja sentia um medo obsessivo diante da leitura da bíblia por todos os cristãos.¹³³

É no relatório de 1847 da sociedade de Londres a primeira menção das tensões envolvendo a circulação de bíblias no Brasil, a correspondência diz acerca da proibição de vendas de bíblias pela igreja católica, da Bahia o “Sr. Hogg” reitera a inalterada hostilidade dos padres em relação à circulação da bíblia¹³⁴. Robert Nesbit no relatório de 1858 menciona que alguns clérigos tem manifestado oposição ao seu trabalho, e um bispo oficialmente proibiu a recepção dos livros. Richard Holden em 1865 diz que enviou o colportor João A. De Souza para Pernambuco com o intuito de ajudar Antonio Marinho da Silva, juntos encontraram muita oposição por parte do vigário geral que não poupou esforços em impedir o trabalho dos colportores. Também pela sociedade de Londres em 1866, ativa oposição dos padres da igreja católica, sob uma das acusações que as bíblias distribuídas pela SBBE eram falsificadas. Em Pernambuco os embates, segundo o relatório, atingiram a esfera governamental onde

¹²⁹ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 211.

¹³⁰ CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**. São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 38.

¹³¹ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 128.

¹³² O concílio Vaticano I (1869-1870) – o episcopado brasileiro, colocou-se numa linha intransigente de defesa da Infalibilidade Pontifícia. FRAGOSO, Hugo; org. BEOZZO, José Oscar. **História da Igreja no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, 1980, p. 183.

¹³³ CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**. São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 109.

¹³⁴ **The Fifty-Third Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1857, p. 231.

reconheceu o Ministro da Agricultura como requisito essencial da promoção da imigração aumentar os limites da liberdade religiosa, ainda parecendo bem restritas na prática.

Detalhe interessante no informe de 1869 é que as tensões que envolviam a disseminação de bíblias parecem se asseverar no interior, *a constituição apesar de promover escudo para disseminação livre das escrituras, especialmente em distritos remotos das esferas governamentais, esforços têm sido feitos para interditar a venda da bíblia*. Os bispos romanos publicaram pastorais falando sobre as bíblias falsas¹³⁵, no interior os magistrados às vezes tentavam proibir a circulação das escrituras, por isso cada colportor carregava consigo a resolução imperial de 1868¹³⁶ que autoriza a circulação de bíblias como ramo de atividade ligado a indústria e comércio¹³⁷. O agente brasileiro João Manoel dos Santos no seu quinto ano à frente da SBBE no Brasil, ressalta que os colportores em todo o lugar que chegam recebem a oposição dos padres, e que as pessoas não creem nas acusações deles contra os livros e compram bíblias:

Os colportores tem sofrido com o povo. Uma vez em São Paulo, um foi preso em São Paulo por horas e proibido de vender as escrituras. Este lugar chamado Itu, onde existe um enorme colégio jesuíta, e alguns dos livros foram feitos em pedaços. Em Pernambuco alguns livros foram queimados, e o colportor ficou em perigo a noite toda, escondido numa casa.¹³⁸

Esses atritos mais ferozes no interior se avolumavam com as interferências dos magistrados e das autoridades policiais influenciados pelos clérigos, pois a presença física da igreja era também presença jurídica, pois as formações das vilas e cidades estavam intimamente ligadas à igreja¹³⁹, portanto, asseveram os relatórios com pedidos de licenças para realizar vendas e multas. Corfield relata em 1858 que deixando São Paulo foi para Campinas onde foi multado por não possuir licença para vender e acusado de vender “bens roubados”. Decidiu retroceder em virtude da perseguição feroz, registrando apenas a venda de 170 cópias em Campinas. Em 1866 Antonio do Patrocínio Dias distribuiu na região do Rio de Janeiro por

¹³⁵ A bíblia sagrada traduzida em português (1778-1790) segundo a Vulgata Latina, pelo padre Antônio Pereira Figueiredo, a primeira edição dessa Bíblia saiu provavelmente em 1864. VIEIRA, David Gueiros. O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil. Editora Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1980, p. 207. Durante o Brasil Império, a tradução católica de Figueiredo foi mais usada pela SBBE do que a tradução protestante de Almeida. GIRALDI, Luiz Antonio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, p. 31.

¹³⁶ Em 1868 o colportor Torquato Martins Cardoso foi preso em Sergipe por vender Bíblias. Em decisão histórica o imperador D. Pedro II, em 4 de maio de 1868, decreta a soltura do vendedor e por consequência a legalização da colportagem. GIRALDI, Luiz Antonio. **Semeadores da Palavra**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2015, p. 104.

¹³⁷ **The Seventy-Eighth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1882, p. 281- 282.

¹³⁸ **The Ninety-Third Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1897, p. 266-267.

¹³⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo, Editora IMS, 1995, p. 119.

cinco meses total de 198 volumes, numa passagem por Angra Dos Reis teve seu passaporte “visado”¹⁴⁰ pelas autoridades policiais, retornando ao Rio de Janeiro. Depois de passar um tempo no Rio retorna a Angra dos Reis para conhecer uma nova forma de oposição vinda agora da Câmara Municipal, o qual proibiu suas vendas sem uma licença. Essa mesma Câmara não disse qual licença era exigida e o seu custo, o propósito era atrasar o trabalho, segundo denota o informe¹⁴¹. Em 1877 Antonio da Silva em vendas pela região de Angra dos Reis as autoridades não deixaram que ele vendesse sem uma licença, inflacionada de repente para 9 libras, uma “soma astronômica”, diz o relatório.¹⁴²

Estes conflitos geraram escritos de acusação que foram amplificados e culminaram na discursividade em torno da “baixa moralidade dos clérigos católicos”. A denúncia é elemento eficaz na construção de arquétipos e avanço nas questões fundamentais da missão. A *representação dos religiosos como dissolutos e infiéis atende a objetivos políticos*¹⁴³, é o claro choque tensional entre duas teodiceias, a católica e a protestante. Isso irá constituir enredos que buscarão equilibrar as tensões nesse jogo de representações, produzindo modificações sociais e religiosas não interpostas a princípio, mas que no intercruzamento de ambas, mudarão e serão mudadas, resultando naquilo que Roger Chartier atesta, *numa figura inédita de interdependências*.

2.9 PRISÕES, VIOLÊNCIAS E EXPULSÕES

Segundo a sociedade de Londres no relatório de 1866 já há meses sem notícias de Thomaz Gallart, gerando muita apreensão e ansiedade na SBBE em vista de outro colportor ter ouvido falar da passagem de Gallart pela cidade de Juazeiro, e nessa localidade ter sofrido uma feroz oposição, terminado em apedrejamento, mesmo assim continuava seu trabalho de vendas de escrituras. No mesmo resumo em determinado lugar Bastos foi preso pela polícia, pagou fiança de 20 dólares, e foi dado 24 horas para deixar o lugar. O colportor Felix Manoel Ferreira no dia 05 de agosto de 1865 obtendo razoável sucesso na cidade de Curitiba foi preso por

¹⁴⁰ No “Sixty-Second Report” da SBBE é usado o termo *visé*, carimbado com restrição.

¹⁴¹ **The Sixty-Second Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1866, p. 231.

¹⁴² **The Seventy-Third Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1877, p. 232.

¹⁴³ SILVA, Edson Armando. **Identidades Franciscanas no Brasil: A Província da Imaculada Conceição – Entre a Restauração e o Vaticano II.** Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do Grau de Doutor. Rio de Janeiro, 2000, p. 159.

suspeito de ser espião paraguaio¹⁴⁴, liberado depois de ter sido reconhecido por um médico que o tinha visto dois anos antes na região norte.¹⁴⁵

O colportor português Manoel José da Silva Vianna em Pernambuco:

Eu não estava vendendo nada aqui e pelas minhas custas fui da cidade de Escada para Camelheira... essa jornada levou 22 dias, eu levei nas minhas costas sob tanto calor que fiquei impressionado com a força que Deus tinha me dado. No décimo quarto dia eu me preparava para ir à cidade de Nazaré, quando o lugar onde eu estava foi cercado e pegaram o senhor da casa e ‘abriram’ sua cabeça. Ele conseguiu entrar em casa e fechou portas e janelas. Eles derrubaram então os muros da casa e me viram na sala e gritaram: ‘Lá está o ministro anticristo, nós tiraremos sua pele fora essa noite’, daí eu imediatamente apaguei a luz. O distúrbio durou uma hora e meia. Pela manhã do dia 15, saí da cidade e fui para Nazaré onde eu vendi todos os livros que eu tinha, e o povo ainda queria mais.¹⁴⁶

Outro acontecimento registrado foi a “conversão” de uma senhora com a leitura do novo testamento deixou o padre enfurecido, e no dia de páscoa o padre reuniu fundos e mandou fazer uma fogueira, pois o “Judas” seria queimado. No dia 31 de agosto uma “grotesca figura”, com uma bíblia nas mãos, foi enforcada, mas havia na cidade pessoas que reverenciavam as escrituras e resgataram o “Judas” e não permitiram o sacrilégio do padre¹⁴⁷. Em outro informe um momento enfrentado por um anônimo colportor:

Eu fui até o mercado oferecer bíblias para vender. Um grande número de pessoas se juntara perto de mim, um deles começou a blasfemar, dizendo que ver a bíblia diante dele era o mesmo que ver o diabo, ao mesmo tempo vangloriava-se de ser católico romano. ...Eu permaneci firme, mas frutas podres foram jogadas em mim, eu fui atingido no rosto e então fui embora.¹⁴⁸

Não obstante, o incidente que acabou em prisão do colportor baiano Torquato Martins Cardozo se tornou o mais célebre em virtude dos seus desdobramentos. Esse colportor começou seu trabalho na SBBE em 1865 na cidade de Juazeiro, na Bahia. No seu primeiro ano como vendedor ambulante vendeu 580 bíblias em seis meses, com forte atuação também em todo o Nordeste brasileiro durante doze anos, isto é, de 1865 a 1876. O referido vendedor ambulante se tornou famoso quando da sua prisão por um chefe de polícia de Sergipe por estar vendendo

¹⁴⁴ O Jornal paranaense Dezenove de Dezembro de 05 de agosto de 1865 na sua edição de nr. 865 na página 03, denota como forma de compreender o acontecido, da prisão de espião paraguaio na cidade de Formiga em Minas Gerais sob suspeita dele estar vendo o movimento das tropas brasileiras em tempos vividos da Guerra com o Paraguai.

¹⁴⁵ **The Sixty-Second Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1866, p. 231.

¹⁴⁶ **The Seventy-Third Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1877, p. 2 32.

¹⁴⁷ **Sixty-Second Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1878, p. 82.

¹⁴⁸ **The Eighty-First Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1885, p. 251.

livros protestantes. Em decisão inédita do imperador Dom Pedro II de 4 de maio de 1868 além de libertar o colportor, ele praticamente legaliza o trabalho da colportagem:

Resolução do governo imperial a respeito da circulação das Escrituras Sagradas pela Sociedade Bíblica.

Rio de Janeiro, 4 de maio de 1868.

Foi presente à S.M. o Imperador a representação de Torquato Martins Cardozo contra o ato dessa presidência e do chefe de polícia dessa província, negando a licença para a venda de livros sagrados, por serem reputados contrários às doutrinas da religião católica apostólica romana. E o mesmo Augusto Senhor, tendo ouvido a seção de justiça do Conselho de Estado, com cujo parecer se conformou por sua imperial e imediata resolução de 22 do mês próximo passado, houve por bem mandar declarar a V. Exa.:

1º - Que é do rigoroso dever dessa presidência respeitar e manter a liberdade individual, consagrada no artigo 170 – 1º, 5º e 24º da constituição;

2º - Que o chefe de polícia não podia proceder contra o reclamante senão nos casos expressos nos artigos 277 e 278 do código, não arbitrariamente senão por via do processo;

3º - Que não é lícito a um delegado do governo imperial o dizer e sustentar o propósito de proceder arbitrariamente no caso de deficiência das leis do país. O que lhe comunico para sua inteligência e devida execução.

Deus Guarde a V.Exa.

Martim Francisco Ribeiro de Andrade, Ministro da Justiça – Sr. Presidente da Província de Sergipe.¹⁴⁹

No relatório de 1866 da SBBE o registro de que Richard Holden destaca que Torquato Martins *percorrendo Maceió em face de uma inveterada oposição por parte dos padres, mostrou-se ser pessoa de mansidão, ousadia e firmeza diante das várias situações vividas por esse colportor.*

Em toda a sociedade, as formas de apropriação de textos, dos códigos, dos modelos partilhados são tão distintas que as práticas próprias a cada grupo social¹⁵⁰, nos relatos muitos pobres adquiriam as bíblias, pois quanto mais baixo o nível, mais intenso o estudo¹⁵¹. No relatório de 1898 a SBBE atesta que o colportor Antonio B. S. Miranda, no interior da Bahia, passou muitos perigos e dificuldades, foi maltratado, e quase morto uma vez pela população. Por fim, no relatório anual seguinte, em Pernambuco um surto de perseguição que culminou no homicídio de um protestante¹⁵², esse apontamento foi o mais grave registro denotado dos relatórios das atas e nos escritos dos colportores.

¹⁴⁹ **Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brasil.** Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1868, p. 126.

¹⁵⁰ CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido.** 2 ed. Campinas-SP, Mercados de Letras, 2011, p. 151.

¹⁵¹ DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 129.

¹⁵² **The Eighty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1890, p. 278.

2.10 MULHERES COLPORTORAS

As mulheres tiveram um papel importante no desenvolvimento da colportagem no Brasil, pois suportavam com o marido e a família as intempéries do “chamado” e muitas vezes atuaram efetivamente na disseminação das escrituras¹⁵³. É no relatório de 1858 da SBA o registro histórico da primeira colportora do Brasil, a esposa de Robert Nesbit, segundo o relatório que mantém o seu nome no anonimato, se distingue a esposa de Nesbit *pelo espírito de benevolência e atividade*, acompanhou o marido na jornada e proveu grande ajuda no trabalho. No relatório do ano posterior, Nesbit atuando no Pará, destaca o relatório a venda de 2.000 cópias e que *parte do seu estoque de cópias foi distribuída pela sua excelente esposa, ela permaneceu no Pará vendendo enquanto ele subia o Amazonas*.¹⁵⁴

Outra mulher de destaque nas ações proselitistas de circulação de bíblias foi a esposa do doutor Robert Reid Kalley, a inglesa Sarah Poulton Kalley. Sarah possuía dons artísticos, revelados nas áreas da poesia, pintura e da música e a ajudaram em seu trabalho missionário, apesar do falecimento do seu marido em 1887, ela viveu muitos anos e deu continuidade no seu trabalho missionário do Brasil¹⁵⁵. Ela possui registro na galeria dos promotores da colportagem do Brasil Império com data início em 1886 atuando no Rio de Janeiro, arquivado no museu da bíblia em Barueri. Ainda a destacar, no dia 19 de agosto de 1855, a família Kalley residindo em Petrópolis, Sarah inaugurou uma escola dominical, de instrução bíblica para crianças e disseminação de literatura cristã, ainda, dois ou três domingos depois, o doutor Kalley havia ampliado para uma classe composta de homens de cor.¹⁵⁶

2.11 DOENÇAS E FALECIMENTOS NO CAMPO MISSIONÁRIO

No seu relatório anual de 1864 a SBA resume que possuía 38 agentes pelo mundo, destes 7 estavam em campos estrangeiros, durante o ano 12 novos agentes foram recrutados, 2 haviam desistido e 9 morrido. *Alguns destes devotados agentes por pouco escaparam de grandes perigos enquanto realizavam seus trabalhos*. Pelas vicissitudes enfrentadas no trabalho da colportagem a morte era algo comum.

¹⁵³ LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p. 84.

¹⁵⁴ **Forty-Third Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1859, p. 513.

¹⁵⁵ GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri-SP, 2012, pp. 171- 220.

¹⁵⁶ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Centro Brasileiro de Publicidade, Rio de Janeiro, 1941, p. 33.

Robert Nesbit é o primeiro óbito em campo missionário registrado nos relatórios das sociedades bíblicas americana e britânica. Ele tinha partido de Belém no barco *Tabatinga*, quando contraiu febre amarela, morreu no barco antes de ter conseguido ajuda. Este “doloroso evento” atesta o informe é descrito numa carta de sua companheira sobrevivente do Pará¹⁵⁷. A febre amarela e a cólera eram os mais frequentes riscos que os colportores podiam encontrar, essas moléstias assombraram o Brasil império por muitos anos, tendo surtos sucessivos ao longo do século XIX.

Thomas Gallart em expedição a Minas Gerais não foi bem-sucedido, em seis meses ele vendeu somente 67 bíblias e 38 testamentos, isso se deu em virtude, segundo o relatório de 1870, por uma doença pessoal e por fome, causada pela longa seca do verão anterior. O colportor Manoel da Silva teve suas viagens interrompidas por doença e forçado a retornar para casa, teve um decréscimo expressivo nas suas vendas. Em 1877 Torquato Cardoso foi impedido não somente pela doença, mas pela perda de sua esposa que o deixou com cinco crianças.

As viagens sempre aparecem nos relatórios realizadas debaixo de dificuldades e penúrias, as longas distâncias percorridas em condições insalubres, com falta de comida, hospedagem e demais cuidados são fatos recorrentes nos informes. Em 1879 o colportor Antonio da Silva no seu retorno para o Rio de Janeiro depois de um período de vendas pela província de São Paulo, ficou doente e veio a falecer. O colportor Manoel Bastos em viagem por Minas Gerais também passa por problemas de saúde. Manoel dos Anjos, o colportor mais antigo, mas agora enfraquecido pela idade e doença, merece piedade¹⁵⁸. Ainda no mesmo relatório, João A. de Moura, impedido pela doença trabalhou quatro meses do ano. O superintendente da SBA Ashbel Green Simonton de febre biliosa faleceu prematuramente em 1868. A SBBE em 1872 comunica o falecimento do colportor José Bastos P. Rodrigues. A mesma agência bíblica em 1888 reporta o falecimento em abril de Manoel dos Anjos, *que tinha estado fraco e sofrendo dores*¹⁵⁹, ainda no mesmo resumo do ano:

É impossível terminar este relatório sem mencionar a pessoa do doutor Kalley e seu devotado trabalho na ilha da Madeira e no Brasil. A história dos seus labores e sofrimentos são dolorosamente interessantes. Ele morreu em Edimburgo no dia 17 de janeiro de 1887 depois de doença, o reverendo Hudson Taylor, seu amigo íntimo, conduziu seu funeral. A sociedade bíblica justamente honra um homem o qual a vida foi dada numa tarefa sem similaridade.¹⁶⁰

¹⁵⁷ **Forth-Third Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1859, p. 513.

¹⁵⁸ **The Eightieth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1884, p. 288.

¹⁵⁹ **The Eighty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1888, p. 364.

¹⁶⁰ **The Eighty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society.** London, 1888, p. 364-365.

Esses padecimentos se incorporam nos textos e escritos, de forma a legitimar o tê-los do campo missionário, não são uma representação negativa do trabalho da colportagem, mas justificativas que ganham força em ter suas demandas atendidas tanto na esfera interna de organização, quanto na esfera externa, relacionada principalmente a ganhos políticos. São perdas, mas que são convertidas em ganhos de representação adere bem ao cosmos da causa missionária, justificando os investimentos humanos e financeiros. Perdas humanas, mas que bem exploradas como “alto preço pago” demonstram e comprovam a necessidade do prolongamento da “luta” até a vitória final.

3 OS COLPORTORES E SUAS REPRESENTAÇÕES

Esta dissertação com o relatório das atas, as biografias, e os escritos, sintetiza e constrói uma representação compartilhada nas narrativas dos colportores que compõem uma memória de um grupo. Contudo, os discursos se derivam num campo de disputas onde na sobreposição das narrativas, acabam resultando em posicionamentos contraditórios e divergentes entre si, exemplo disso são os escritos das atas que passaram por transcrição pela característica do documento, a fim de atender normativas de produção e que, portanto, sofreram acréscimos e omissões. Não obstante, as tensões e conflitos vividos pela colportagem revelam a dificuldade na confecção desses documentos, mas que buscam conforme Roger Chartier, *sempre colocar suas ideias num campo de competições cujos desafios de enunciam em termos de poder e de dominação*.¹⁶¹ Mais do que expressar o ambiente em que se dava a disseminação das bíblias e as vicissitudes pela infiltração nos rincões brasileiros, denotado pela variação dos estilos literários, os documentos revelam um processo evolutivo de construção da realidade. Portanto, acompanhar a trajetória da bíblia até as mãos do colporteur no capítulo dois, mesmo percebendo algumas vezes certos “exageros” nessa produção, são reveladores no sentido de compreender o ambiente cultural dos escritos, como concebe Edson Armando Silva:

Busca-se perceber como esse esforço coletivo de atribuição de sentido ao vivido se constitui em um capital simbólico permanentemente apropriado por outras gerações e outras culturas. Nesses processos, os textos se tomam um quadro de referências através do qual a realidade é avaliada.¹⁶²

Destarte, a luta simbólica que acontece em torno do sentido representado pelos colportores sofre mutações, variações e alterações, isso dependendo da necessidade desse mercado religioso em expandir limites e conquistas. Desse modo, a fim de atender uma necessidade inicial de recrutamento para o campo brasileiro, as narrativas se contrastam com o que já foi escrito, se não, vejamos.

Em 1828 a Igreja Metodista Episcopal estadunidense realizou uma conferência geral com vistas à abertura de uma missão metodista na América do Sul, para tanto seria necessária

¹⁶¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002, p. 17.

¹⁶² SILVA, Edson Armando. **Identidades Franciscanas no Brasil: A Província da Imaculada Conceição – Entre a Restauração e o Vaticano II**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do Grau de Doutor. Rio de Janeiro, 2000, p. 71. Esse trecho foi tomado da noção de capital simbólico em Bourdieu, desenvolvido na obra, BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6 ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 2007.

uma sondagem para analisar a viabilidade do projeto. Contudo, somente na conferência de 1832 foi comissionado o clérigo Fountain E. Pitts com a tarefa de visitar o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. Chegando ao Rio de Janeiro, Pitts organizou uma pequena congregação metodista (apesar de sua passagem breve pelo país) e em correspondência a IME (Igreja Metodista Episcopal) recomendava a missão no Brasil alegando que *os privilégios religiosos permitidos pelo governo do Brasil são muito mais tolerantes do que eu esperava achar em um país católico*¹⁶³, continua Pitts na carta reiterando que em muitos lugares foi respeitosamente recebido pelo povo e da grande procura de bíblias em português.

Soma-se a esse relato, dos missionários Simonton e Blackford, no Rio de Janeiro em correspondência com a SBA informando que *o caminho parece mais aberto aqui para distribuição de bíblias, passamos por diversas ruas de vendedores de livros, tinha bíblias e livros religiosos a venda*¹⁶⁴. Ainda o relatório de 1856 da SBBE denota ter recebido várias cartas da América do Sul assegurando que havia uma “janela” de oportunidades para circulação da bíblia e cobrando da referida agência medidas efetivas para sua distribuição. Esses três relatos visam equilibrar o discurso denotados do capítulo dois a fim de responder a um dos objetivos da dissertação que é compreender se o paradigma constitucional de 1824 era respeitado no que tange a liberdade religiosa, isto é, se na prática do dia a dia do colportor isso era atestado ou apenas tido como uma representação a fim de consolidar um discurso legitimador.

Portanto, a partir do vendedor ambulante e suas representações pode-se entender a urdidura vivida pelo choque cultural do entrante protestante em busca de afirmação, mas que tensiona com outros dois projetos reformadores em andamento, isto é, o vivido pela Igreja Católica e pelo Império. Trata-se de uma realidade complexa e em transformação onde os agentes se inserem num contexto “tramado” pelas ideias-força da época e determinadas pelos interesses desses grupos. De um lado o missionário buscando afirmar-se, do outro o clero católico brasileiro vivendo uma ambiguidade, ou seja, ao mesmo tempo buscando a manutenção do *status quo*, do outro sua “libertação” do padroado régio, ou seja, podendo vir a ser o “uso” da bíblia o estopim e catalisador duma eventual mudança religiosa. Portanto, o alvo dos missionários protestantes era a disseminação da bíblia e do lado do clero católico a princípio,

¹⁶³ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 100.

¹⁶⁴ **Forth-Fifth Annual Reports of the American Bible Society**. New York, 1861, p. 702.

resistência. Nesse sentido, é fundamental antes a compreensão das questões políticas, econômicas e sociais que irão moldar os discursos de todos os agentes envolvidos nesse enredo.

3.1 A TRAMA QUE ENVOLVE O COLPORTOR

Seria exagero dizer que a segunda metade do século XIX foi o “grande acontecimento” da história brasileira? Tempo e espaço de acontecimentos tão perturbadores que impactaram e alteraram a realidade do país de maneira abrupta e até mesmo chocante. Não obstante, como se não bastassem os já citados no primeiro capítulo dessa dissertação, é no Brasil um momento histórico do desembarque desenfreado dos “ismos”. Do ponto de vista político, o positivismo, o liberalismo; do ponto de vista social, o iluminismo, o maçonarismo, o judaísmo, o garibaldismo (esse representante dos movimentos sociais eclodidos no século XIX); do ponto de vista religioso, o protestantismo, o ultramontanismo, o jansenismo¹⁶⁵, o galicanismo¹⁶⁶, o espiritismo. Bem verdade que alguns deles já estão aqui desde o século XVIII, mas que sobem aos “púlpitos” nos idos de 1850. Portanto, compreender a realidade e o discurso da colportagem se faz necessário alinhar com todos esses mecanismos que estão sim sendo tecidos, num ambiente recheado de disputas internas e externas e que irão interiorizar-se, objetivar-se e exteriorizar-se na vida e na narrativa do vendedor ambulante de literaturas cristãs. O ambiente está em ebulição, extremamente sensível, não há bandidos e mocinhos, apenas cada um em busca de sentido e legitimação, assim entrincheirados, os atores com táticas e estratégias rompem com a ideia de totalidade.

De modo que, analisar essas contingências, discontinuidades, dependências e transformações são apenas um ponto dessa dissertação, mas que de modo nenhum esgotam, aliás, nem beiram a isso e nem tem a pretensão.

¹⁶⁵ Jansenismo: Movimento religioso extremamente complexo, difundido na Europa a partir do século XVII, com implicações na esfera teológica, ética, litúrgica, jurídica e política. O jansenismo se estabelece primeiro na Igreja como uma luta contra o centralismo cada vez maior da Santa Sé. Segundo, por defender um caráter mais regionalista das Igrejas locais em tempo de afirmação dos nacionalismos na Europa, em contraposição ao princípio de uniformidade defendido por Roma. Por fim, seu pensamento anti-escolástico, onde contestavam as ideias filosóficas de Aristóteles tendo em Tomás de Aquino seu difusor. Os jansenistas em detrimento a esse ensino procuravam redescobrir e valorizar o pensamento agostiniano. AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal**. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 204- 206.

¹⁶⁶ Galicanismo é um termo que descreve várias teorias desenvolvidas na França concernentes às relações da Igreja Católica Francesa, assim como do Estado francês, com o papado. Do ponto de vista religioso significava que a Igreja e o clero franceses se outorgavam direitos próprios, independentes de Roma. Do ponto de vista do Estado, os reis franceses afirmavam ter recebido seus poderes diretamente de Deus, e que seus poderes temporais estavam fora da jurisdição papal. Pelos idos da Reforma, essas teorias foram incorporadas na “Declaração do clero francês”, da autoria do Bispo Jacques Benigne Bossuet (1627/1682), publicada em 1682. VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 28.

Isso posto, como atesta Riolando Azzi em sua obra *A crise da cristandade e o projeto liberal*¹⁶⁷, a época era de contradições, e é difícil dizer de maneira clara se a situação política e religiosa do Brasil vivia um tempo de perda de identidade, ou seria mais correto dizer talvez uma “atualização”. Fato é que as reformas pombalinas e as convulsões da Revolução Francesa fomentavam um desejo pelas novidades, termo esse que envolvia reivindicações sociais, mudanças no campo religioso e o “tempero picante” do liberalismo, esse último seja como doutrina ou como ideologia. A mentalidade liberal e a modernização do Estado iniciada no fim do século XVIII movimentou a dicotomia consolidada, Igreja-Império, dentro do regime do padroado régio, esse movimento sísmico abalou essa forma de poder, pendendo a favor do absolutismo imperial. A desativação dos colégios jesuítas acabou gerando uma crise na relação, esse período será marcado como um tempo de constantes atritos entre Igreja e Estado, na medida em que a Igreja buscava uma independência espiritual e o Império sua autoridade como poder único. Isso será mais percebido, sobretudo no final da Regência aonde periódicos de viés católico vão surgindo e defendendo a Igreja face às ideias liberais ou protestantes, exemplo disso, é o núncio Lourenço Cappi opondo-se ao tratado com a Inglaterra, devido à liberdade de culto (apesar de restrita) concedida aos ingleses, ressaltando ainda o referido núncio que desejava censura mais rigorosa por parte do Imperador, contra as ideias modernas¹⁶⁸. A supressão da irmandade jesuítica em 1759 levou também a uma crise de identidade na religião dos brasileiros, essa ausência de “pastor” (os jesuítas realmente conduziam o “rebanho”), gerou insegurança, falta de orientação, de unidade e pensamento, acelerando assim uma decadência da hegemonia católica dos centros de decisões da vida política e social.

Bem verdade também que essas ideias democráticas e liberais também entraram dentro da Igreja, pois a formação teológica de muitos bispos eram provenientes da Universidade de Coimbra (de mentalidade regalista / jansenista), *progressivamente uma parte significativa do clero brasileiro, sobretudo do clero urbano e letrado, passou a exercer suas atividades no Brasil sob influência do pensamento liberal*¹⁶⁹, eram ensinados que em assuntos religiosos, autoridade máxima e absoluta repousava sob a tutela do rei, bem como sua aprovação prévia (beneplácito), isto é, prioridade em relação aos ditames de Roma. Nesse sentido então, o padroado passou a ser visto como um entrave à emancipação. O padroado limitava as funções episcopais assim como a atividade pastoral dos bispos, pois a interferência estatal na Igreja

¹⁶⁷ AZZI, Riolando. *A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 223.

¹⁶⁸ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. *A Igreja no Brasil no Século XIX*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 79.

¹⁶⁹ AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal**. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 95.

praticamente anulava a jurisdição dos assuntos religiosos dos clérigos católicos. Nomeação de párocos, disciplinas, construção de igrejas, fundação de associações, irmandades, controle de manifestações religiosas, ficavam sob a maioria das vezes sob a égide do Estado.

As tensionalidades entre poder civil e eclesiástico levaram ao ideal reformador da ala católica, a Igreja buscava maior autonomia, e com isso conduzirá os líderes episcopais a dar maior atenção às orientações vindas de Roma. Era notória a preocupação das lideranças conservadoras católicas (ideologicamente ultramontanas) com a situação da religião no Brasil:

Sobre as causas desta decadência, compreendida em seus devidos termos, apresenta em 1864, Fr. Manuel de S. Agostinho quatro causas principais, que eram comuns então na vida dos conventos: Primeiramente a indiferença dos superiores diante dos abusos de seus súditos; em segundo lugar, o espírito de discórdia das comunidades; depois, a negligência nos estudos e na formação dos novos religiosos; e, por fim, a falta de critério na aceitação dos candidatos à vida regular.¹⁷⁰

O primeiro desses aspectos e que desoxigenou as ordens religiosas tradicionais foi que em 1855 o ministro da justiça proibiu a entrada de noviciados até que houvesse uma “reforma” das congregações em concordância com a Sé de Roma, esse decreto político sem dúvida nenhuma destinou uma morte lenta as irmandades, esse ato gravíssimo feriu a sustentabilidade de preenchimento das fileiras católicas, e que no início não foi percebido pela Igreja brasileira. Outro fator denotado foi consequência da primeira, a diminuição na observância das exigências internas a vida religiosa, pois o pouco número de clérigos nas paróquias e que paulatinamente se reduzia ainda mais, desembocava num relaxamento e em queixas que a pregação evangélica era pouco empregada pelo desleixo de seus chefes espirituais. Começa-se então a evidenciar-se a urgência de uma reforma na Igreja católica brasileira, donde se notava que o clero de modo geral não cumpria sua missão evangelizadora e ministerial. Daí a necessidade de um episcopado mais afinado com as diretrizes romanas que estavam naquele momento sob a vigência de PIO IX. Não obstante, o relacionamento de Roma com a Igreja do Brasil era praticamente inexistente, uma vez que o padroado era aceito por bispos e padres, destarte, os assuntos eclesiásticos eram tratados e resolvidos por órgãos do Governo.

É nesse contexto em busca de legitimação e identidade como instituição que a Igreja irá buscar refúgio no “romanismo” em detrimento da igreja “nacional”, pressuposto de sujeição total a Sé Romana. Invocará uma Igreja mais aderente à ortodoxia impulsionado pela bula papal *Syllabus* e o *Vaticano I*, que entre outros dispositivos estabeleciam a infalibilidade papal. Diante

¹⁷⁰ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 202.

dessa ratificação e retorno a “mãe” Roma, a contestação a programas liberais e protestantes (esses em contínuo progresso de assimilação no contexto nacional), serão vistos como “erro”, passaram a ser resistidos pela “verdade” católica, a única com direito de existência e divulgação. Assim essa “nova” Igreja nacional será fundamentalmente conservadora, assentada em cinco pontos fundamentais: Primeiro, na afirmação da autoridade de uma igreja institucional e hierárquica (episcopal) sobre todas as variações populares de catolicismo. Segundo, realizada através da instituição de seminários fechados, rigoristas, como única forma de acesso ao sacerdócio; visando o preparo de sacerdotes de intensa vida espiritual, afastados dos interesses familiares e da vida política, dedicados exclusivamente aos serviços religiosos. Terceiro, na negociação, por parte da Igreja brasileira, da vinda de congregações europeias, especialmente as missionárias, para viabilizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com rigidez doutrinária e moral, as quais se dedicariam, de maneira especial, ao atendimento aos imigrantes, naturalmente afastados dos cuidados espirituais que recebiam nos seus países de origem. Quarto, no empenho na consecução desses objetivos, mesmo à revelia dos interesses políticos locais, e por fim, na integração sistemática da Igreja brasileira, tanto do ponto de vista institucional quanto em termos ideológicos, nas políticas e visão de mundo da Sé romana¹⁷¹. Estas seriam as ações reformistas do episcopado centradas no controle da doutrina, da fé, das instituições, no enquadramento do laicato e na formação do clero, daí que então ratifica D. Macedo Costa: *A tese ultramontana daqui a pouco se chamará simplesmente católica.*¹⁷²

Nesse processo de reestruturação da Igreja no Brasil e de lutas que terá seu ápice na Questão Religiosa de 1872,¹⁷³ o qual se revelou não mero conflito entre bispos da Igreja contra

¹⁷¹ ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre O Aggiornamento e a Solidão:** práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1999, p. 54-55.

¹⁷² HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX.** Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 144.

¹⁷³ Nos momentos que antecederam a Independência, a maçonaria foi uma das mais importantes instituições de apoio ao movimento e na difusão dos ideais do liberalismo anticolonialista. Alguns dizem que a história do Brasil Império é a história da maçonaria que vem atuando desde os primeiros movimentos de liberdade, passando pelos Andradas no Primeiro Reinado e integrando importantes lideranças do Segundo. Em 1864, através da publicação do *Syllabus errorum*, o Pio IX condenou as relações entre católicos e maçons. No entanto, esta proibição não obteve o *placet* do imperador. Em 2 de março de 1872, o Grande Oriente do Brasil realizou sessão solene em comemoração à Lei do Ventre Livre. Nessa ocasião o orador principal foi o padre José Luís de Almeida Martins, cujo veemente discurso exaltou o primeiro-ministro, o Visconde do Rio Branco, grão-mestre da maçonaria. O pronunciamento foi publicado nos jornais do dia seguinte e D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, exigiu do sacerdote retratação pública e abandono da maçonaria. Este se negou às exigências do bispo e foi suspenso das ordens. A Questão propriamente dita se refere aos interditos lançados pelos bispos D. Antonio de Macedo Costa (Belém) e D. Vital Maria de Oliveira (Olinda) sobre as irmandades religiosas de Pernambuco e do Pará que se negassem expulsar os maçons de seus quadros. O governo imperial condenou os bispos a quatro anos de prisão (1874) com trabalhos forçados. No ano seguinte, com a queda do Gabinete Rio Branco e a nomeação de Caxias para primeiro-ministro, os bispos foram libertados. Mas as relações Igreja-Estado sofreram um significativo abalo. Cf. SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo.* São Paulo: Paulinas, 2004, p. 276; CHAGAS, Carlos. O

a maçonaria, mas o combate entre o liberalismo e a Igreja católica agora efetivamente romana. Essa disputa, segundo parte da historiografia, nada mais foi que a importação dos choques já vivenciados pelo catolicismo da Europa que estava impregnada de ideais liberais. A disputa reafirmou a posição do Estado e suas prerrogativas em querer dominar a Igreja, pois terminou com a prisão dos bispos envolvidos. Contudo, a Igreja não saiu completamente derrotada, a contrapartida foi mostrar que o clero católico brasileiro não podia e não iria mais sujeitar-se aos ditames do Estado em detrimento da sua missão apostólica, bem como interferir em como ela deveria gerir seus assuntos internos.

O último elemento dessa trama é a presença protestante de viés missionária, onde essa atuação de missão nutria verdadeiro desígnio pelo campo religioso brasileiro, com um plano de evangelização iniciado pela distribuição de bíblias, a pregação, formação de escolas e congregações autóctones, no intuito fim de fazer prosélitos. Nesse processo de assentamento o protestantismo missiológico se utilizará de variada gama de estratégias: políticas, propagandísticas, ideológicas, diplomáticas, sondando brechas na fraqueza do catolicismo dominante aqui já mencionados, e se aliará a estruturas de poder mais fortes que ela a fim de obter vantagens e ganhos expansionistas.

O regime de padroado tornava inefetiva qualquer intervenção de Roma nos assuntos e interesses da Igreja brasileira, com isso as primeiras concessões aos cultos não católicos se deram já a partir do início do século XIX. Outra brecha no sistema religioso brasileiro era a própria escassez de padres, combinada com uma profunda ânsia de expressão religiosa nas camadas populares que seriam saciadas com o ideal da reforma luterana do “sacerdócio universal”, isto é, a não necessidade do padre nas expressões religiosas. Terceiro, como já denotado, a ala liberal dentro da Igreja, provenientes das fileiras jansenistas ideologicamente regalistas que apresentavam interesse para leitura da bíblia. Nesse sentido, não seria anacrônico observar aspectos similares do contexto da Europa na pré-reforma e o ambiente brasileiro da segunda metade do século XIX, pois a reclamação de autonomia para as igrejas nacionais, o desprestígio do clero, o esvaziamento da Igreja como instituição, a proliferação das devoções populares e o interesse pela leitura da bíblia, se assemelham muito.¹⁷⁴

Brasil sem retoque (1808-1964): a História contada por jornais e jornalistas. v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 143. apud ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggiornamento e a Solidão**: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965). Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1999, p. 90.

¹⁷⁴ LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p. 27 – 45.

Não obstante, uma aproximação informal com a maçonaria fortaleceu e propagou os interesses dos protestantes. Em 1864 com a publicação da Igreja das encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus*, onde Roma conjuntamente condenava a maçonaria e as sociedades bíblicas, os documentos caíram como uma “bomba” no Brasil, pois tocavam nas leis e na cultura nacional, surgindo a partir daí uma simpatia de interesses em comum entre maçons e missionários, com a ideia de somar esforços no combate ao ultramontanismo. Há um desencadeamento natural e inevitável que culminaria na Questão Religiosa, que marcaria definitivamente a posição anticlerical das estruturas de poder que compunham as fileiras maçônicas. Nas atas da SBA não há nenhuma menção a maçonaria, já no caso das atas da SBBE aparecem duas referências. A primeira está no relatório de 1873 onde o representante José de Carvalho apenas registra os conflitos envolvendo católicos e maçons na polêmica de 1872, já no relatório de 1875 o mesmo representante cita acontecimentos envolvendo um dos seus colportores, Manoel José da Silva Vianna que atuava em Pernambuco e região: *Em Mamanguape o vicário começou a anunciar que meus livros eram falsos livros dos maçons. Quando fui para o trabalho na segunda-feira encontrei os livros sendo queimados*¹⁷⁵. O agente da SBA no Brasil Alexander L. Blackford em carta ao *The Christian World* em 1871, informava que a maçonaria era *um grande fato e um grande poder, um dos mais importantes meios de que Deus (tinha) usado e (estava) usando para quebrar o domínio do catolicismo no Brasil*¹⁷⁶. Não era uma aliança explícita e nem mesmo parceira, era mais uma luta de classes em busca de afirmação, pois em outra carta, agora de 1872, Blackford chama os maçons de “inimigos da verdade”, escreve: *Deus está preparando maravilhosamente o caminho por meios indiretos, fazendo que os próprios inimigos da verdade ajudem sua causa*.

Ora, então, que se pode observar é que de modo sincrônico três projetos reformadores estavam em atividade plena. O Império vivendo o seu apogeu de unidade nacional, forte e centralizante, curtindo um otimismo triunfalista com o mote de progresso nacional, com vistas à ampliação do seu poderio, principalmente no tocante a submeter à Igreja aos seus mandos, não querendo desvencilhar-se dela, mas subjuga-la. A Igreja católica brasileira se posicionando como essencialmente romana e lidando para se libertar das “amarras” do padroado régio, não que o negasse (acreditava na união sagrada “altar e trono”), mas que naqueles moldes de subserviência e mutilação evangélica não seriam mais tolerados, donde acabou com isso desenvolvendo uma consciência de sua missão específica de ser igreja apostólica. Por fim, o

¹⁷⁵ *The Seventy-First Report of the British and Foreign Bible Society*, p. 203.

¹⁷⁶ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 278.

protestantismo que se infiltra nesse contexto social buscará aproveitar-se das brechas impostas nessas lutas de representação e autoconsciências, a fim de impor também a sua ordem, onde é nesse distanciamento e ruptura entre poder civil e Igreja católica, buscar ter como estratégia esse alargamento e conseqüentemente aproximação com o primeiro. Todos esses interesses e motivações se plasam e vão moldando o campo religioso e político brasileiro, uma competição de narrativas intensamente vividas, de características acirradas e impositivas, comprovando o axioma de que o ser humano é resultado direto de relações sociais.

3.2 AS NARRATIVAS EM TORNO DA BÍBLIA

A bíblia disseminada no Brasil pelos missionários e colportores deveria abarcar três propósitos: Primeiro a evangelização propriamente dita, depois suprir a lacuna deixada pelo clero católico e por fim apresentar uma bíblia livre de interpretações, conservando assim um dos preceitos da Reforma Protestante – *sola scriptura* – sua leitura não necessitaria de intermediação para ser lida e compreendida.

O elemento fundante das sociedades bíblicas tinha como centro a disseminação das bíblias, era o meio pelo qual o projeto evangelizador se viabilizaria e proporcionaria o estabelecimento de missões autóctones. Para os protestantes os “crentes” precisam entender a fé, e para esse entendimento se concretizar, necessário leitura das doutrinas que estão contidas na bíblia. Daniel Parish Kidder atribuíu o adjetivo *missão precípua* para a circulação das literaturas cristãs, onde para os missionários o cristão deve ter a bíblia em língua que possa compreender, portanto, a religião protestante é o livro propriamente dito. Nesse sentido, a representação coletiva missionária visava atender interesses em que a autoridade da bíblia seria imposta como parte de justificação de escolhas e condutas¹⁷⁷, pois ela existiria não somente para dar expressão literária, mas também para impor os valores culturais e ideológicos. Os clérigos protestantes entendiam que aos poucos se infiltrando no povo com a disseminação das bíblias, haveria naturalmente uma maior disposição para a tolerância e liberdade religiosa como partes de uma narrativa de aprovação. Destarte, se entende quando Roger Chartier declara, *a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e a interdição dos textos lidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas.*¹⁷⁸

¹⁷⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002, p. 17.

¹⁷⁸ CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**. São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 23.

O clero católico como já denotado lutava em um campo concorrencial e de competição com o Império que enfraquecia a instituição e permitia exploração dessa lacuna deixada pela Igreja pelo entrante protestante. A narrativa do missionário se concentrava na ausência de bíblias, assim como na existência dum espaço religioso carente e rarefeito. No relatório de 1847 da SBBE a agência denota que o Brasil pertencia à porção do mundo com menos oportunidades de ocorrer distribuição das escrituras, provenientes das atitudes da Igreja Católica Romana em proibir sua circulação:

[...] os livros à venda se limitavam a obras sobre medicina e religião. Entre as religiosas, porém, não estava incluída a bíblia em vernáculo. ...o primeiro novo testamento em português, em tradução do padre Antônio Pereira Figueiredo, apareceu em 1778, seguido alguns anos mais tarde, pelo velho testamento, do mesmo tradutor. Todavia, sua exportação para o Brasil era proibida. Somente na década de 1850, quando Fletcher importou a versão de 1821 da Sociedade Bíblica de Londres, é que os brasileiros tiveram acesso às escrituras em sua própria língua – embora, mesmo então, alguns bispos tenham deblaterado contra essa leitura.¹⁷⁹

Nessa luta de representação a anomia religiosa era articulada e ideologicamente ajustada no discurso protestante como justificativa de ocupação do espaço religioso, denota Roger Chartier que esses mecanismos são utilizados quando um grupo deseja impor sua cosmovisão, valores e domínio, era a construção de uma nova realidade social incrementada pela narrativa messiânica do protestantismo que buscava apropriação. Nesse sentido, concebe Daniel P. Kidder:

Particulares e eclesiásticos, estadistas, comerciantes e políticos, todos concordam em que a situação religiosa é a mais baixa e desanimadora possível. Os conventos estão em franco declínio; diminui o número de padres seculares; as igrejas estão em ruínas e a irreligiosidade vai-se disseminando rapidamente.¹⁸⁰

Para que tudo isso fizesse sentido uma tradução livre de interpretações e comentários e a leitura sozinha do leigo corroborariam no combate a ideia de uma “falsa bíblia protestante”, ou seja, as primeiras traduções se utilizariam da própria tradução do Padre Figueiredo, depois aí sim com a tradução protestante de João Ferreira de Almeida. Buscando assim mostrar que não havia divergências substanciais entre elas, portanto, o alvo dos colportores era que as pessoas utilizassem somente a razão, que livre de preconceitos e pré-julgamentos pudesse se abrir à vontade divina revelada na escritura. Era o mito da “revelação não mediada”, ou seja,

¹⁷⁹ HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. 3 ed. São Paulo, Edusp, 2017, p. 100.

¹⁸⁰ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Norte)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951, p. 253.

direto da bíblia para a mente dos leitores, sem a mediação da tradição católica que baseava parte dessa transmissão em dogmas e rituais, sobre isso assevera Chartier:

[...] os párocos são adversários decididos da leitura camponesa. Por um lado, pretendem preservar desse modo a sua mediação necessária entre os fiéis e a bíblia... e por outro lado, temem que a difusão da leitura perturbe a escala das condições ou subverta a ordem entre os sexos.¹⁸¹

O processo reformador, portanto, parecia ser simples e de plausibilidade, pois primeiro era necessário ter constatado que a fonte bíblica era verdadeira, isto é, que a “bíblia protestante” não era falsificada e depois deixar que a razão terminasse o serviço. Exemplos dessas práticas prosélicas foram as “conversões” de dois clérigos católicos, José Manoel da Conceição e Antônio Teixeira de Albuquerque. O primeiro acabou se tornando o primeiro pastor protestante brasileiro pela Igreja Presbiteriana do Brasil na cidade de Brotas, província de São Paulo, onde por vários anos foi a maior congregação presbiteriana do Brasil. Segundo José Manoel, *a reforma veio, mas veio de Deus, donde só podia vir*¹⁸², esse trecho tirado da sua resposta à sentença de excomunhão expedida em 1867. Já o ex-padre Antônio Teixeira que ingressou na Igreja Batista da Bahia dá o seguinte relato:

Abalado na razão e na consciência, tive uma hora feliz; compenetrei-me no dever de estudar séria e cuidadosamente... as diversas versões, para certificar-me se havia bíblia falsa... fiquei surpreendido; pois todas as versões vinham do mesmo original e eram iguais. Não havia bíblia falsa. Estas coisas eram inteiramente novas para mim. O véu dos mistérios do papa foi se rasgando pouco a pouco ao passo que ia lendo a bíblia, ... e de tal maneira que pude descobrir muitas outras razões por que não devia mais me demorar em tal igreja.¹⁸³

Desse modo, compete citar que no próximo tópico destaca-se o clima “herético”.

3.3 O CLIMA “HERÉTICO”

Já diria o orientador dessa dissertação, *é justamente nos momentos de conflito que se podem avaliar as possibilidades, os limites do diálogo e a flexibilização das fronteiras das construções identitárias*, nesse sentido, a religião católica se considerava o principal vínculo de

¹⁸¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002, p. 146.

¹⁸² REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 135.

¹⁸³ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 150-151.

unidade nacional e estabelecer relações ecumênicas nesse momento não era interessante. Não obstante, um processo de pluralização religiosa havia se iniciado em 1810 com o tratado de comércio com a Inglaterra, essa exigindo liberdade de culto para os anglicanos. A partir daí uma sucessão de acontecimentos que pouco a pouco rompiam com o catolicismo monolítico. Acontece que duas questões foram catalisadoras dum alinhamento mais firme da Igreja em relação às práticas protestantistas, e que seriam utilizadas pelos colportores e missionários como instrumentos de defesa e divulgação, mas, sobretudo depois, apropriadas as suas narrativas de representação.

A primeira foi à contestação da Igreja em relação às infrações constitucionais de 1824 que não autorizavam a construção de templos religiosos acatólicos, isto é, o culto protestante somente poderia ser realizado em casas particulares e nem a prática de proselitismo. Na vida real isso não se cumpria de modo *ipsis literis*, pois os colportores na prática de vendas bíblicas invariavelmente sempre aproveitam oportunidades de evangelização e doutrinação protestante, bem como igrejas estavam sendo levantadas desde 1819 como a Anglicana no Rio e a dos luteranos em 1837, portanto, tratavam-se de transgressões a carta constituinte.

A segunda questão está no “problema” da bíblia neste período, como já mencionado, na vigência da norma tridentina que restringia a leitura das escrituras pelos chamados leigos. Assim um posicionamento “mais” romano da Igreja brasileira na segunda parte do reinado imperial se assevera, buscando ser aderente em cumprir os decretos de combate ao liberalismo e sua ideologia, maçonaria e sociedades bíblicas, expostos nas já citadas encíclicas papais *Syllabus* e *Quanta Cura* de 1864, que em linhas gerais descrevem o “erro” protestante e sua bíblia “falsa”, distribuída pelas suas agências ao redor do mundo. Dessa maneira, a representação que será construída pela Igreja brasileira será dos “hereges” protestantes, disseminadores de “bíblias falsas”, ou seja, uma visão e expressão religiosa enraizada no catolicismo luso-brasileiro. Sendo assim, a estratégia foi espalhar entre o povo a ideia de que os colportores não eram cristãos.

Assim se posicionou Dom Romualdo de Seixas¹⁸⁴: *esses inimigos implacáveis da Igreja Católica possuíam plena liberdade de percorrer nossas províncias distribuindo suas obras*

¹⁸⁴ Na primeira metade do século XIX merece um destaque particular, por sua posição antiliberal, o arcebispo da Bahia. Embora não muito conhecido e estudado na historiografia eclesial brasileira é ele um dos prelados mais importantes da história da Igreja no Brasil no século XIX, e de grande influência no pensamento católico. Seu governo episcopal foi muito longo, estendendo-se de 1827 a 1860. Dom Romualdo destacou-se não apenas pela ação pastoral, como também pela orientação doutrinal que imprimiu à Igreja do Brasil, suas opiniões são citadas com frequência por outros bispos brasileiros como normativas. AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal**. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 162.

*falsificadas, executando outros meios de proselitismo*¹⁸⁵. O bispo Dom Antônio de Macedo Costa emitiu carta pastoral em agosto de 1861 com o título, *sobre o protestantismo, prevenindo os fiéis contra a propaganda que se tem feito na diocese de bíblias falsificadas e outros opúsculos heréticos*, onde por doze páginas discorre que por tratarem-se de falsificações da bíblia, proibia o povo de comprá-la ou de tê-la em casa, e quem a possuísse deveria destruí-la. Portanto, a presença dos vendedores de bíblias e dos missionários no Brasil, era comumente representada, por aqueles que se opunham a essas atividades, como parte de uma conspiração religiosa.

O colportor Robert Reid Kalley talvez tenha sido o principal articulador e apologista do lado protestante das questões políticas e religiosas envolvendo a distribuição de bíblias. Na primeira questão, o médico missionário sabia que quando chegou ao Brasil em 1855 não devia evangelizar em português, e que sua atuação se restringiria a atender a comunidade e realizar serviços religiosos em língua estrangeira. Acontece que essa interpretação seria confrontada pelo religioso, pois alegava que na Constituição não estava de modo expresso que o culto deveria ser dirigido numa língua estrangeira, daí que inicia um processo automático para legalizar a atividade eclesiástica protestante. Isso começou em sua autodefesa para legalizar sua prática como médico na Escola de Medicina do Rio de Janeiro em agosto de 1859. Kalley, polemista, elabora um documento questionando a liberdade religiosa no país e envia aos grandes juristas da época: Joaquim Nabuco, Caetano Alberto Soares e Urbano Pessoa de Melo, que conjuntamente com a Legação Britânica foram favoráveis aos argumentos do missionário. Depois de legalizar sua profissão, estrategicamente Kalley percebeu que a melhor forma de fazer avançar a pauta protestante no país, seria tocando em temas sensíveis, relacionados ao casamento civil, imigração, estabelecimento de escolas e a questão dos cemitérios públicos, uma necessidade trazia outra. Nesse sentido, a década de 1860 a 1870 se caracteriza por uma elevação do “tom” nos conflitos religiosos, pois as temáticas sugeridas acima tocavam em áreas hipersensíveis dentro do ponto de vista religioso e político, mas principalmente social. Ademais o médico a partir de 1855 começa campanha na imprensa diária para doutrinar as massas lançando notas de propaganda religiosa, escreve vários artigos intitulados *Imperium in Império*, questionando a jurisdição absoluta do clérigo católico nos temas sociais citados, se utiliza ao longo de mais de 20 anos diversos pseudônimos, “um crente”, “devoto sincero”, “um roceiro do mato grosso”, “o católico protestante”, “um cristão verdadeiro”, etc. Isso será fonte de

¹⁸⁵ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 107.

irritação para a imprensa católica, pois Kalley se valendo de pseudônimos para propagar suas ideias, era notoriamente conhecido como autor dos escritos.

Todas as demandas sociais suscitadas pelos propagandistas protestantes avançaram, pois contavam com o apoio de boa parte das alas liberais da política e a simpatia do imperador Dom Pedro II, aliás, amigo íntimo de Roberto Reid Kalley¹⁸⁶. Nessa conjuntura decidiu intervir pessoalmente nas questões Kalley, pois em 1863 através do Decreto nº 1.144 o clérigo protestante pode realizar casamentos civis, legalização da colportagem como profissão em 1868 através de Decreto Imperial, em 1870 foi concedida sepultura aos acatólicos, mesmo ano teve a fundação do primeiro colégio presbiteriano em São Paulo, essas conquistas prepararam o caminho para o principal, a constituição dos templos acatólicos, o que aconteceu em novembro de 1880, quando o Império sancionou os estatutos da primeira igreja de missão do Brasil, a Igreja Evangélica Fluminense, do clérigo Robert Reid Kalley.

Quanto à discursividade da disseminação de bíblias falsas pelos vendedores ambulantes, era necessário contar histórias que mostrassem que a fonte era verdadeira, o colportor Frederick Charles Glass em conversa com sacerdote católico de Cuiabá:

Ofereci-lhe um novo testamento e quando ele hesitou em tocá-lo, eu me dei ao trabalho de provar que era o mesmo novo testamento que o próprio papa usava e ele devia usar, sendo uma tradução da Vulgata. Então me disse que não podia ler o novo testamento depois de officiar por tantos anos como sacerdote católico, e ele já era velho demais para mudar de religião.¹⁸⁷

O padre Pinto de Campos do Recife em entrave com o colportor Richard Holden predicava que a versão da bíblia pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo e distribuída pela SBBE, assim como a traduzida pelo padre João Ferreira D'Almeida e disseminada pela SBA eram falsas. O padre argumentou que ele mesmo tinha verificado os “erros”, mas que na verdade estava seguindo uma narrativa de Portugal e da Ilha da Madeira que devido algumas mudanças nos cabeçalhos dos textos e dos capítulos da edição em português, editada pela SBBE, não se mostravam *ipsis literis* com o texto de Figueiredo. Holden aproveitou a situação e deixou que a mesma fosse examinada na Bahia por um grupo de amigos e interessados para testificar que a versão era palavra por palavra, igual ao texto da bíblia do arcebispo da Bahia, versão de Figueiredo, o que veio a se confirmar.

¹⁸⁶ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 9.

¹⁸⁷ GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a Bíblia no Brasil**. São Paulo, Associação Educativa Evangélica, 2018.

Essas histórias eram representadas no sentido de mostrar o quanto a bíblia era acessível ao clero, provinham de um discurso construído através das experiências da atividade colportara em suas linhas de atuação, sem diferenciação, onde não se pode falar em metodologia proselitistas, mas representações que visavam atender interesses confessionais e dogmáticos. Daí que a estratégia difusora buscar se centrar na tradução do padre Antonio Figueiredo, autorizada pela hierarquia católica, se obtinha notório sucesso:

A tolerância e a liberdade religiosa foram aos poucos se infiltrando no povo, preparando-o para receber, com simpatia... Os exemplares postos à venda e anunciados pela imprensa encontraram logo compradores, não só na cidade como também nas províncias distantes. Na sede de nossa missão muitos livros foram distribuídos gratuitamente e, em diversas ocasiões, deu-se o que se poderia chamar de verdadeira corrida de pretendentes ao livro sagrado.¹⁸⁸

Nesse tópico, importante ressaltar que toda essa publicidade gerada pelas “bíblías falsificadas” favoreceu muito o discurso e a causa da disseminação das literaturas cristãs, polêmica sempre gera interesse, mostra disso são os embates de Richard Holden com Dom Macedo Costa através da imprensa em 1861, seguido por grande movimentação no depósito de bíblías do colportor, de pessoas que iam comprar os livros por simples curiosidade. Também aumentaram seus auditórios nos serviços religiosos em português, composto por porção de jovens intelectuais que manifestavam grande antagonismo à Igreja e à religião em geral. Os debates pela imprensa propiciaram bom número de argumentos aos protestantes até o cúmulo de Dom Macedo Costa em fevereiro de 1862, ter sido vaiado pelo povo e desacatado em frente à igreja pelo subdelegado do distrito. Vale denotar que Richard Holden era profundo admirador de seu adversário eclesiástico Dom Macedo Costa, dizia que o bispo era um homem sincero, profundamente religioso e muito inteligente. Na sua saída da agência Holden registra em seu diário que não poderia ter desejado adversário mais justo e mais cavalheiresco, segundo ele, Dom Macedo Costa nunca se tinha rebaixado de sua dignidade apostólica para recorrer a insultos pessoais, ou a usar linguagem ofensiva.¹⁸⁹

3.4 A DISSEMINAÇÃO DE BÍBLIAS NAS CAPITAIS E NOS INTERIORES

A distribuição de bíblías não se limitou as cidades onde o potencial de leitores era mais significativo. Estrategicamente a capital era à base das operações de distribuição, mas logo que

¹⁸⁸ LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p. 43.

¹⁸⁹ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 186-203.

essas posições fossem consolidadas seguiriam para regiões interioranas. Nesse sentido, o ponto é buscar compreender se nos embates envolvendo a difusão da bíblia entre clérigos católicos e protestantes, havia nuances ou mesmo diferenças nas vicissitudes representadas pelos colportores, nas suas andanças pelas capitais em detrimento dos interiores do estado brasileiro. Não obstante, atesta João Fagundes Hauck sobre as distinções envolvendo a religiosidade do campo e das cidades:

As formas de religiosidade variavam conforme o povo das cidades ou do campo. Nas cidades, o quadro religioso está dentro da moldura da sociedade urbana: sociedade estratificada em classes, festas tradicionais, o dia-a-dia de uma cidade. A religião das grandes cidades participa dos acontecimentos importantes de sua época, enquanto que nas pequenas cidades a religiosidade do povo está mais vinculado ao campo e aos acontecimentos da natureza: seca, inverno, plantação. No campo a religião do povo se expressa em sua forma mais autônoma e mais típica. A única forma de consciência do mundo, da natureza, da sociedade, da vida, que possuíam as populações interioranas, era dada pela religião.¹⁹⁰

Nas cidades como citado, o painel religioso se dá na relação envolvendo as classes sociais e suas formas de representação distintas em relação à bíblia. Isso se denota nos relatórios das sociedades bíblicas. Por exemplo, no relatório de 1882 da SBBE o termo utilizado para representar a diferença social foi “analfabetos” e “alfabetizados”, segundo concebe o relatório os iletrados são hostis na sua maioria porque aprenderam dos padres a pensar mal dos colportores e da bíblia, já os de melhor educação tratam ela com desprezo devido o sentimento de ver toda religião como “superstição”. A SBBE descreve uma cena no dia de um colportor em relação ao exposto:

Haviam algumas pessoas sob a sombra de uma árvore, algumas sentadas outras em pé. Eu ofereci a elas meus livros. Elas se olharam e começaram a rir. Um homem com um alto chapéu me perguntou se eu tinha uma bíblia. Quando eu falei de nosso Senhor Jesus Cristo, ele disse: *Não meu, ele não é meu Senhor*. Partindo, eles gritaram *bíblia, bíblia*, o termo mais desprezado pelas pessoas do Rio.¹⁹¹

Nota-se a influência do pensamento iluminista que ao mesmo tempo levanta problemas sociais, também questiona crenças religiosas cristãs estabelecidas, pois fornece um clima de liberdade intelectual que permite abandonar os dogmas e somente buscar na bíblia fontes de inspiração para a vida. Do Rio de Janeiro o colportor superintendente José de Carvalho, trata a *indiferença* como o câncer que destrói a sociedade, as pessoas segundo ele *acreditam em nada a não ser o prazer*. Já no relatório de 1879 da SBA, narra o clérigo protestante Eduardo Lane

¹⁹⁰ HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980, p. 221.

¹⁹¹ **The Seventy-Eighth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1882, p. 278.

de Campinas, *o romanismo tem cessado de influenciar as mentes, e o povo agora está exposto aos horrores do ateísmo*.¹⁹²

No caso das hostilidades nas capitais elas se deram, mas pela proximidade das instituições legais foram notoriamente tratadas pelo estado e resolvidas. Claro que nesse processo houve desgastes, como os que envolvendo o colportor Robert Reid Kalley no Rio de Janeiro e Niterói, registrados exaustivamente pelo seu filho adotivo João Gomes da Rocha na obra *Lembranças do Passado*. A agência que se instalava na capital também realizava cultos em casas, pequenas reuniões particulares, assim sob a forma de pequenos incidentes os anos de 1860 a 1864 protagonizaram-se episódios conflituosos envolvendo os membros da colportagem e população sob a tutela do clérigo católico. Esses anos os distúrbios anti-protestantes se caracterizavam pelos apedrejamentos as casas de reunião, ameaças de morte e confrontos de rua, Kalley, buscava através de todos os meios disponíveis: diplomáticos, políticos, policiais, propagandísticos, legitimação da causa protestante no mote “perseguição”.

Embora lamentáveis esses incidentes se deram sem gravidade, isto é, ninguém morreu, bem na verdade, nenhum relatório das sociedades bíblicas, biografias dos colportores, nem fontes secundárias registram qualquer óbito ocorrido pelo exercício da colportagem. Isso posto, o que se evidencia nos relatórios dessas agências da segunda metade do século XIX, ou seja, escritos de quase cinquenta anos, certo protagonismo do estado do Rio de Janeiro e o Nordeste nos conflitos. Do Rio de Janeiro pelo que já foi mencionado e por ser a porta de entrada dos missionários protestantes, e o Nordeste por concentrar liderança clerical de viés ultramontana já citada também nessa dissertação. No Nordeste permaneceu uma sensação de atmosfera de tensão progressiva, perdurando até início do século XX.

No interior, os relatórios das agências bíblicas e as biografias se marcam pela ambiguidade. De um lado a preferência dos colportores em atuar no interior em relação às cidades, muito devido ao modo como eram recepcionados pelo povo, de outro um campo religioso marcado pelos ditames das autoridades locais e clericais menos indulgentes as leis que protegiam a colportagem e o exercício de sua profissão. Uma vez sepultada em definitivo a censura, pelo menos na capital, o controle arbitrário sempre foi um problema nas províncias, no relatório de 1882 da SBBE, aponta que no interior os magistrados às vezes tentam proibir a circulação das escrituras, onde cada colportor carrega consigo a resolução imperial de 1868 que autoriza a circulação de bíblias como ramo de atividade ligado a indústria e comércio. No mesmo relatório menciona que no Ceará foi aprovada uma lei pela Assembleia que qualquer

¹⁹² **Sixty-Third Annual Reports of the American Bible Society** – 1879, New York, p. 87.

um pego vendendo livros não católicos deve pagar um imposto de 56 libras. Em fortaleza a Assembleia Legislativa estabeleceu o imposto de 500 mil réis para os vendedores de bíblias e de livros não católicos. Frederick Charles Glass na cidade de Santa Leopoldina, estado de Minas Gerais registra:

Aconteceu que tive grande infelicidade de ter um mal-entendido com o coletor local de impostos, não conseguindo explicar o negócio de modo satisfatório para ele, fui multado injustamente, tendo de pagar 12 mil réis por vender livros sem licença.¹⁹³

O colportor Ashbel Green Simonton em correspondência ao Conselho da Missão Presbiteriana escreve ser prudente realizar o trabalho de colportagem perto dos centros do governo imperial e região litorânea, assim poderia ser protegido, alegava não se sentir seguro se fosse para o interior, onde as leis eram muitas vezes esquecidas ou ignoradas pelas autoridades locais. Um incidente exemplifica como muitas vezes a lei recebia interpretações locais peculiares, no relatório de 1897 a SBBE registra *extenuante oposição dos bispos e clérigos da igreja de Roma*, seguido pelo relato do brasileiro João Manoel dos Santos:

Na Paraíba do Norte o colportor foi maltratado pelo povo orientado pelo padre romano, e quase foi morto. As autoridades não tem ideia desses acontecimentos no interior, onde eles estão sob influência dos padres. Nós temos uma boa lei, cheia de liberdade, e ela proíbe a perseguição a qualquer religião, mas a lei é letra morta em alguns lugares. Embora o papa publicando uma bula recomendando a leitura das escrituras, os bispos e padres estão em todo o lugar em oposição a circulação das escrituras.¹⁹⁴

Contudo, a contradição é explícita nos relatórios e registros da colportagem, na preferência e até mesmo tranquilidade dos vendedores ambulantes na disseminação de literaturas cristãs:

O interesse no evangelho manifesta-se mais nos sítios circunvizinhos do que na própria vila, a vantagem nisso é que a obra não dá tanto na vista dos adversários, e por isso é livre embaraços que aliás seriam postos nos caminhos. A simplicidade da vida dos ocupados na lavoura oferece a propagação mais rápida da verdade. Vive m mais isolados, sabem menos das afamadas “conveniências sociais”. Têm-no ouvido e aceito muitas vezes antes de saberem o que dizem fulano e sicrano, e estão firmes em opiniões formadas sobre a palavra de Deus, independente das prevenções dos homens.¹⁹⁵

¹⁹³ GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a Bíblia no Brasil**. São Paulo, Associação Educativa Evangélica, 2018, p. 19.

¹⁹⁴ **The Ninety-Third Report of the British and Foreign Bible Society**, p. 267.

¹⁹⁵ REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003, p. 131.

Porque o interior era mais receptivo à pregação dos colportores? Será que estes representariam melhor um modelo de tábua rasa? No relatório da SBBE de 1872 o relatório informa que apesar do sucesso dos colportores nas classes altas, estão mais adaptadas às classes menos favorecidas, pois nota-se indiferença para com a religião das pessoas nas capitais. Importante destacar que outros livros também preenchiam o imaginário intelectual brasileiro, basta lembrar que em 1859 foram lançados três livros que redirecionaram muita gente: *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, *Crítica da Política Econômica*, de Karl Marx, e *O que é Espiritismo*, de Allan Kardec. Não obstante, no relatório de 1876 da SBBE, o colportor escocês Samuel Elliott em suas viagens pela província do Paraná pontua:

Uma pergunta que geralmente os ingleses me fazem é: Os padres não tentam esconder a venda da Bíblia? Eu não sei a opinião dos padres sobre o assunto, pois não muitos deles nessas regiões distantes do país, geralmente apenas um, num espaço de 30 a 40 quilômetros.¹⁹⁶

Destarte, três relatos do aventureiro da bíblia Frederick Charles Glass que praticamente cruzou o Brasil vendendo bíblias e literaturas cristãs por quase quarenta anos, registra como era bem recebido pelo povo interiorano:

Deixando a cidade de Goiás, em uma segunda-feira do mês de julho, percorri uns quarenta e oito quilômetros no lombo de minha mula, ...Passamos a primeira noite em uma fazenda grande e bem aparelhada, escondida a cerca de cinco quilômetros da estrada principal. Fui recebido com a bondade e o agrado tão habituais ao povo do interior do Brasil”.

“Em outra ocasião, quando com dois companheiros cheguei a cavalo à pequena cidade de São Francisco, no estado de Minas Gerais, percebemos imediatamente que havia uma grande hostilidade do povo contra nós, experiência esta bem fora do comum”.

“Atravessando o São Francisco, na cidade de Nova Olinda...local onde a bíblia foi sempre bem recebida nesse grande estado, em todas as regiões cortadas pelos rios que atravessávamos e tornávamos a percorrer, uma após outra... onde as pessoas compravam um novo testamento, justamente porque ouvira o padre declarar que era um livro perverso, imoral e de leitura proibida.¹⁹⁷

A dicotomia capital-interior se insere nesse campo de rivalidades, intrigas e apropriações discursivas pelos colportores, como parte da narrativa constituinte da “nova religião”, assim representadas pelos sacerdotes católicos. Esses conflitos foram amplificados pelos missionários, seja por acusações de perseguição da parte dos clérigos católicos, assim como pela dissonante voz de frieza espiritual das classes ditas “superiores”, denotadas nos relatórios e nos escritos. As tensões ligadas às acusações são eficazes como dispositivos de se

¹⁹⁶ *The Seventy-Third Report of the British and Foreign Bible Society*, p. 230.

¹⁹⁷ GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. São Paulo, Associação Educativa Evangélica, 2018, p. 39, 56, 282.

obter vantagens nos embates de assimilação, mas muito mais para atingimento do objetivo final de valoração da própria missão, seja por parte do próprio corpo missionário protestante, buscando desse maior entusiasmo e engajamento na causa como bojo constituinte de táticas e estratégias de narrativas. Nesse sentido, tanto internamente como externamente, a representação dos clérigos como franco opositores, será utilizado também para cobrar o Estado medidas para manter um clima favorável para imigração, sob ameaça dos colportores estrangeiros denunciarem o Brasil como ambiente hostil e inóspito ao imigrante. Essa construção da relação cidades e interiores pela sua generalização irão de certa forma marcar a representação social do religioso evangélico. Apesar de certa negação dos próprios colportores em descrever “oposição”, “perseguição”, seguidos de *fui recebido com a bondade e o agrado tão habituais ao povo do interior do Brasil*, revelam as contradições e contrastes desse recorte historiográfico, recheado de lutas simbólicas. Claro que como observa Roger Chartier na sua obra *A Aventura do Livro*, historicamente a Igreja católica sempre teve verdadeira obsessão em proibir a leitura da bíblia, daí que o discurso do colportor ganha cada vez mais espaço como representação legítima do seu mundo e significado de verdade na medida em que são constantemente reafirmados pelos relatos de antagonismo da Igreja. Portanto, para romper com o pacto político-religioso que imperava no Brasil, gradativamente os discursos irão pressionar a legitimidade católica e as leis restritivas de liberdade religiosa. Esses conceitos e ideias força preencheram o imaginário da colportagem com o tê-los de restringir cada vez mais a ação da Igreja e minar sua legitimação como autoridade suprema eclesiástica.

3.5 O ENCONTRO DAS TEODICEIAS

Peter Berger na sua obra *O Dossel Sagrado*, diz que a *sociedade é a atividade humana objetivada, ou seja, que a sociedade é um produto da atividade humana que atingiu o status de realidade objetiva*, desse modo à sociedade exerce força de imposição como realidade. Não obstante, o indivíduo desse corpo social não é modelado como uma coisa passiva, inerte, ao contrário, ele é formado no curso de uma prolongada conversação. Age e passa a ser um coprodutor do mundo social e também de si, mesmo que seja limitada a sua capacidade de mudar as definições sociais da realidade¹⁹⁸. Isso foi posto para que se observe que a história da introdução e estabelecimento do protestantismo no Brasil testou a tolerância constitucional,

¹⁹⁸ BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. Edições Paulinas, São Paulo, 1985, p. 31.

com desenlaces principalmente no campo religioso instituído que se encontrava num processo penoso de contradições. A necessidade de se constituir indivíduo com as categorias que a sociedade dá e exige: cidadania, casamento, funeral, familiar e forma de religiosidade irá pressionar um ambiente de tolerância com restrições. Nesse sentido, o espaço religioso brasileiro de conflito constante a princípio, conduzirá inevitavelmente a acomodação social concernente à presença dos missionários protestantes.

Por isso então que o vendedor de literaturas cristãs busca integração no mundo social brasileiro nas suas andanças e perambulares pelas ruas, esquinas e vilas do país, pois apesar das tensões e desgastes que ocorrem com essa marcha em busca de sentido, constitui ameaça mais séria ainda ao indivíduo, atesta Peter Berger, *a anomia ou separação radical do mundo social*. Desse modo para o missionário à religião era o ponto máximo dos seus próprios sentidos sobre a realidade, a partir dela buscará explicação e justificação do ordenamento social, ou seja, sua legitimação. Destarte, será a bíblia o instrumento mais amplo e efetivo de apropriação, pois as escrituras se mostraram historicamente capazes de gerar divisões em sociedades em que as tensões sociais já se vinham acumulando, um exemplo disso, às revoluções ocorridas na Inglaterra no século XVII.

Sendo o protestantismo brasileiro ponta de lança do europeu e norte-americano, majoritariamente do segundo, a presença dos colportores no Brasil frente à cultura ibero-católica pode ser expressa num exemplo de choque cultural. De acordo com o que já foi exposto nessa dissertação o protestantismo só conseguiu se encaixar definitivamente quando condições políticas e sociais apresentaram possibilidades plausíveis de neutralizar a ideia-força protestante de posse religiosa ou mesmo que buscasse transformações sensíveis na cultura católica luso-brasileira. Por isso que essa acomodação do missionário no campo religioso brasileiro não foi tranquila, ao iniciar o século XIX, não havia no Brasil como já denotado, vestígio de protestantismo. A hegemonia católica sofre o primeiro golpe no tratado com a Inglaterra em 1810 e a partir dali é certo que os missionários colportores aproveitaram a oportunidade que o clima aparente de tolerância oferecia, tanto que ao final do século estudado todas as denominações históricas já estarão assentadas em solo brasileiro. Nesse sentido, a distribuição de bíblias era o fator estratégico importante da penetração evangélica, não se limitando às cidades-capitais onde o potencial de leitores era mais significativo, mas também entrando pelas áreas rurais.

Desse modo a visão que os colportores foram construindo do catolicismo brasileiro estruturou sua mensagem missionária, pautada nas suas ideias ideológicas, proselitistas e polêmicas, com vistas a apresentar uma alternativa religiosa verdadeira. A mensagem era um

convite para sair do erro e entrar na posse da “verdade” e, a partir daí, sim, uma reforma dos costumes no sentido dos padrões de moral típicos do protestantismo.¹⁹⁹ O protestantismo do século XIX no Brasil era o anúncio de uma “nova religião”, portanto, o confronto de duas teodiceias foi inevitável. A exposição da bíblia seguida das práticas prosélicas de conversão encontraram espaço social aberto e interstícios através dos quais pode penetrar e ocupar lacunas deixadas pela religiosidade dominante. Lacunas que se evidenciaram no distanciamento religioso verificado ao longo do texto, ou seja, religiosidade rarefeita, ausência de clérigos, rupturas políticas e sociais e, ainda pela necessidade de uma fé de experiência pessoal.

Nesse último aspecto, o protestantismo de missão se caracterizou pelo slogan “help for Brasil”, que dava grande ênfase a liberdade do indivíduo quanto a sua salvação. Essa responsabilidade individual foi comum a toda narrativa pelos colportores e de certo modo dominou a pregação evangélica. Destarte, essa valorização do indivíduo se mostrou uma novidade, especialmente se considerarmos que a ampla maioria da população brasileira era formada de pessoas pobres. A proposta evangélica também considerava o igualitarismo em suas predicas devido à universalidade do pecado, contudo, sem objetivos de nivelamento das camadas sociais, apenas como parte da mensagem que culmina na esperança de eternidade. Pois a doutrina da salvação pela fé e pela graça são pontos fundamentais da Reforma, sendo premissas básicas do discurso reformador. Desse modo, a narrativa chocava com a mensagem católica de salvação pelas obras, cuja intermediária é a Igreja, com condicionantes salvíficas atrelados a ofertas, filantropia e atos morais. O mote missionário “a salvação é gratuita pela fé no ato expiatório de Jesus Cristo”, daí que morrer leva o fiel a crer que tem garantido um lugar no céu e, após o grande julgamento, viverá no mundo perfeito e eterno, onde a noção de tempo se sobrepõe a noção de espaço, afinal sobrevirá um “tempo atemporal” para substituir a situação penosa e sofrida do presente. Cabe ao indivíduo exercer seu livre-arbítrio, isto é, aceitar este mundo e seus prazeres temporais e entrar num outro mundo de sofrimentos, ou rejeitar tudo isso e gozar a eternidade divina, de modo que a escolha é individual. Diante disso, o mundo proposto pela pregação missionária protestante era um mundo dual com tempo também dual, tempo sagrado e tempo profano. Portanto, a mensagem protestante se mostrava muito coerente estruturando a realidade, e tornando ela inteligível e praticável ao crente comum, podendo ele se inserir nessa cosmovisão e realidade, atestando que a teodiceia protestante é essencialmente transcendental na relação do fiel com o sagrado.

¹⁹⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo, Editora IMS, 1995, p. 93.

Nessa apresentação até aqui, o discurso da colportagem nas camadas sociais brasileiras provocou sem dúvida um confronto de teodiceias, a católica na sua variante popular e dominante, e a protestante no ideário messianismo importada, mesmo sendo ambas religiões de salvação. O confronto não se notabilizou pela radicalidade da opção, mas pela plausibilidade da mensagem que se aderiu bem a todas as mudanças políticas, culturais e sociais que naquele momento perfaziam o ambiente brasileiro da segunda metade do século XIX, portanto, seja pelo conjunto das crenças ou nas condições difíceis de existência, o invólucro missionário fazia sentido. Muito embora o choque das teodiceias possa significar mudanças sensíveis na conjuntura social, o conceito “bergeriano” também pode ocorrer o inverso, isto é, as mudanças sociais estruturais podem alterar as ideias religiosas.

Nesse aspecto então, a análise se detém na credibilidade da religião que no caso da católica era progressivamente colocada em xeque, primeiro como já discorrido, pelo espaço religioso rarefeito, onde a população era esparsa pela vastidão territorial, formado por núcleos distantes uns dos outros, aliada a precariedade de comunicação, tornava esses espaços praticamente autossuficientes. Por isso que os colportores preferiam os interiores, espaços abertos para uma autogestão religiosa que poderia sim abrir brechas e lacunas para outras formas de religiosidade. Segundo a presença do clérigo católico em muitas localidades era tida como prolongamento do poder dominante, quando não ele próprio proprietário de terras, exercendo influência efetiva em zonas civis, ou seja, detentora do poder divino e temporal criava certa antipatia do cidadão brasileiro ao sacerdote da Igreja. Terceiro fator, nesse embate de teodiceias que pendia a favor do protestantismo era que o culto protestante não exigia capela, nem igreja, por mais que fosse objetivo permanente dessa teodiceia. As reuniões se davam e se estabeleciam em casas, somente quando havia uma “célula” autóctone surgia o conceito de “templo”. Por fim, o nomadismo da colportagem era um processo mais simples e vantajoso para o avanço do protestantismo, pois essa teodiceia é desligada do espaço, o protestante emigra e onde ele se estabelecer o seu “deus” estará com ele, no caso do catolicismo isso já não ocorre, pois muitos ícones estão diretamente ligados ao ambiente e espaço.

Nesse jogo de forças estabelecido pelo embate das teodiceias católica e protestante não é errado dizer que era um equilíbrio de forças, mas com certo favoritismo para o lado protestante. Mesmo que duas contradições da teodiceia protestante a colocasse “na parede”, o institucionalismo/denominacionalismo e o intelectualismo. O primeiro aspecto é a “colcha de retalhos” da tradição protestante com suas multiformas denominacionais, ora, o Brasil era um país católico de uma única igreja, com seus símbolos, doutrinas, dogmas e valores alinhados. Já o protestantismo apesar de unidade naquilo que é essencial para o cristianismo, incorria em

diferenças e visões distintas de ritos, crenças secundárias, doutrinas e sistemas de governo eclesiásticos. Destarte, o ingresso numa igreja assim significava o rompimento com a cultura local, e muitas vezes até com laços familiares. Assim a teodiceia evangélica se apresenta como uma contracultura ao exigir pelo rigor eclesiástico e também dogmático normas de conduta que rompiam não somente com as formas de religiosidade, mas também da vida cotidiana. O segundo aspecto está diretamente ligado à leitura da bíblia, pois esse hábito era parte essencial do cotidiano protestante, daí a exigência de primeiro saber ler e segundo exigência de conhecimentos bíblicos. Destarte, um dos traços mais característicos do protestantismo, a leitura das escrituras, *ter sido no Brasil um componente negativo, dadas as condições sociais que enfrentou no momento de sua implantação.*²⁰⁰

Por fim, o confronto de teodiceias não poderia deixar de ser e de se constituir por cosmovisões diferenciadas, o mundo católico das trocas simbólicas, denotadas pelo mundo mágico onde o comércio do dar e receber se ajustam no imaginário religioso e servem de realidade, destoando do mundo protestante em que os ajustamentos do bem em relação ao mal se resolvem em dimensões cósmicas (sobrenaturais), ou seja, muita além da capacidade humana de participação. O protestante se via num mundo desarticulado, *anômico*, usando um termo “bergeriano”, e a urgência de restabelecer o *nomos* tem aderência numa moral com normas valorizadas da vida e do mundo, suas biografias importadas buscavam sentido e ordem, em relação ao mundo social brasileiro, esse ajustamento foi necessário na ânsia de encontrar relação com a própria consciência.

²⁰⁰ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo, Editora IMS, 1995, p. 147.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os missionários protestantes anglo-americanos que vieram para o Brasil na segunda metade do século XIX, em geral tinham boa cultura teológica, boa parte deles formada de propagandistas realmente vocacionados, apaixonados pela causa. Eram homens e mulheres piedosos e de testemunho impecável, dispostos a muitos sacrifícios em favor da disseminação de bíblias e pregação da mensagem evangélica. Alguns deles como vimos nessa dissertação eram bi ocupacionais, isto é, missionários e médicos, missionários e diplomatas, missionários e educadores, missionários e agrônomos, missionários e escritores. Eles fundaram igrejas, escolas, seminários, institutos bíblicos, universidades, clínicas, hospitais, jornais e editoras. Sem dúvida foram os que pela primeira vez na história brasileira de modo sistematizado colocaram a bíblia na mão do povo, trabalhando ao mesmo tempo em favor da liberdade religiosa. Mudaram completamente o rumo de muitas famílias, oferecendo outros modelos de vida e religiosidade. Nas biografias e nos escritos se observa que através da bíblia muitos brasileiros deixaram a mentira, o furto, a ira, a vingança, o ódio, a prostituição, a malandragem, o analfabetismo, e outros males por causa do temor as escrituras. Muitos missionários recém-casados, como Ashbel Green Simonton e Daniel Parish Kidder, ficaram prematuramente viúvos por causa das doenças daquela época, a febre amarela em especial, e por causa do clima diferente. Essas mortes não diminuíram nem o entusiasmo dos velhos missionários nem o fluxo de novos missionários. Eram homens e mulheres sérios e que tinham um amor legítimo pela salvação.

Não obstante, é verdade que os colportores cometeram erros, exageraram em algumas coisas e omitiram outras. Alguns trouxeram junto com o evangelho o espírito sectarista e denominacionista, que perdura até hoje. Falaram pouco sobre justiça social e muito sobre conduta moral. Enfatizaram a vida futura em detrimento da vida presente. Sem negar a importância da colportagem, por outro lado, diante desses resultados se denota o que já foi exposto nessa dissertação, havia uma disposição e necessidade religiosa da população brasileira, acalentada e sedenta, o qual o missionário colporteur auferiu sucesso em fazer prosélitos.

É evidente que a introdução do protestantismo no Brasil não acompanhou certos modelos históricos de mudança religiosa, como conquista militar, conversão dos governantes, imposição de fé pela força ou aliciamento, reforma religiosa revolucionário, nos moldes europeus do século XVI. Portanto, duas coisas são importantes serem destacadas, primeiro a entrada do protestantismo foi resultado de um processo de acomodação social, e segundo, de

uma nova proposta de comportamento religioso realizada oralmente e principalmente por escrito, sendo recebida de modo individual. Nesse processo, contudo, uma tensão permanente pairou no encontro das teodiceias, e a questão de retratar esses embates religiosos através das representações protestantes colaborou na compreensão desse recorte historiográfico. A dimensão e a realidade desse tempo foram extremamente complexas e a ideia dessa escrita foi contribuir e fomentar a discussão em torno da temática.

A questão dos enfrentamentos pontuados revela um fato: Perfeita tolerância não havia. Uma série de conflitos e embates vividos pela colportagem foi registrada. Xingamentos, violências, agressões insólitas, calúnias, intrigas, injustiças, foram apropriadas pelo vendedor ambulante como mentalidade de “perseguido”. Mas isso não o limitou, as perseguições que sofreram serviram de catalisador e apelo à disciplina e a união interior. A presença dos colportores no território brasileiro foi aceita de livre e espontânea vontade, mesmo que em muitas vezes em face de pesadas sanções sociais negativas. Essas sanções não foram eficientes a ponto de deterem a propagação protestante no país, incomodado pelo clero católico, esse instigado pelos bispos que simplesmente reverberavam as bulas papais romanas. À medida que o tempo passava, as tensões católicas iam se acomodando, conformada pela tenacidade dos colportores missionários ou mesmo quando advertida pelas autoridades legais. Em regra, o clero tentou hostilizar a causa protestante, mas não conseguiu sufocar a nascente do movimento, pois foram contidas pelas mudanças sociais que sacudiam a segunda metade do século, houve sim tentativas e violências impetradas contra os colportores, mas esses se mantiveram firmes nas suas vicissitudes como parte de significação de seus discursos legitimadores, características das minoridades e que encontra nesses conflitos a sua própria força e fé. As experiências enfrentadas pelos antepassados reverberam na ação eclesíastica e espiritual dos seus descendentes.

Portanto, a sociedade brasileira não ofereceu resistência sistematizada a penetração do protestantismo, nos altos escalões políticos recebeu simpatia, por partes das camadas sociais denominadas “superiores” certa indiferença ou mesmo não tomaram conhecimento da infiltração, e nas camadas “inferiores” de modo geral também simpatia e boa aceitação, a inquietação realmente vinha das autoridades católicas. Conclui-se então que a religião das classes superiores estava muitas vezes condicionada a sua posição econômica e social, marcada então por um duplo aspecto, convenção e tolerância. Em contraste com as expressões religiosas do povo simples, que em geral eram mais espontâneas e mais “intolerantes” quanto ao que não fosse da “nossa religião”, fatos pontuais, que eram instigados pela autoridade local católica. Outra reflexão sobre essa questão merece importante destaque, é que os agentes das sociedades

bíblicas não foram incomodados logo de início, isto é, nas suas primeiras incursões nos idos de 1830, 1840, os relatos expostos ao longo desse texto, mostram um asseveramento dos conflitos a partir do engajamento político e social dos bispos e a emissão de cartas pastorais por esses, a partir de 1850. Isso explica certa ambiguidade nos relatos das missões missionárias acerca dos enfrentamentos, exemplo é o de Daniel P. Kidder de 1838:

Devemos deixar aqui consignado o fato de, durante todo o tempo em que residimos no Brasil e mesmo durante as viagens que empreendemos no desempenho de nosso labor missionário, jamais termos encontrado o menor obstáculo ou recebido a mais leve desconsideração por parte do povo. Como seria de esperar, uns poucos sacerdotes procuraram nos causar toda sorte de embaraços, mas, o fato de não terem podido excitar o povo, mostra de quão pouco prestígio dispunham. Por outro lado, porém, número talvez igual de clérigos, dentre os mais respeitáveis do Império, manifestaram simpatia e interesse para conosco e para com nossa missão.²⁰¹

E a questão da bíblia? Na sua obra *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, Christopher Hill atesta, *a bíblia teve um papel central em toda a vida da sociedade: nós nos arriscamos ao ignorá-la*²⁰², Robert Darnton no seu *O Beijo de Lamourette*, denota que os livros não respeitam limites, operam em escala internacional e não simplesmente relatam a história, elas a fazem²⁰³, por fim, a frase de Pierre Bourdieu, *um livro muda pelo facto de não mudar enquanto o mundo muda*, corroboram a ideia do fator central que a bíblia exerceu em toda essa discussão. Não obstante, a história da expansão de uma doutrina é sempre feita, tendo-se em vista o agente, posição esta em que é mais fácil se obterem os dados. Daí, o caráter artificial muitas vezes rebuscado e falso da visão que é ordinário a esses estudos e os também falsos problemas aos quais contradizem os historiadores. De modo então surge à questão: como perceber e dimensionar com clareza as permanências deixadas por uma religião que chegou ao Brasil nos idos de 1850 com uma centena de agentes estrangeiros e que dispersos saíram pelo Brasil afora vendendo bíblias? Ou mesmo é possível decifrar as permanências deixadas pela bíblia no Brasil oitocentista?

Abre-se aqui um campo ainda muito inexplorado para essa questão, e que a “numerolatria” e nem a “numerofobia” respondem por si só, mas são elementos de uma construção. Contudo, é inegável quando se depara com algumas estatísticas que podem responder parcialmente à questão, além é claro de tudo que já foi escrito. A distribuição total de bíblias realizada no Brasil Império no século XIX foi de 960 mil exemplares (nesse número

²⁰¹ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Sul)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, p. 112.

²⁰² HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003, p. 24.

²⁰³ DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 130-131.

estão incluídos livros completos da bíblia, porções e testamentos). Fato é que em 1895 se calculava ter perto de 30.000 evangélicos²⁰⁴, no censo de 1940, um total de 1.074.857, e no último censo, o de 2010 somaram 42,3 milhões. São muitas as causas dessa expansão, mas sem dúvida o trabalho dos colportores não foi totalmente anônimo, saem de uma escuridão causada pelo distanciamento temporal e trazem luzes sobre aspectos que não tinham sido observados.

Essa dissertação “desenterrou” histórias, uma parte, nesse campo de pesquisa existem outros “cemitérios”, com outras histórias, com outros anônimos, bem verdade que faltam trabalhadores, pois a seara é grande, se deve então orar e trabalhar para que a história continue a levantar seus operários.

Desde o pontificado de Leão XIII (1893), a Igreja católica deixou de dirigir críticas às sociedades bíblicas e passou a manter com essas organizações um diálogo respeitoso e construtivo. Até que no Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, Igreja e sociedades bíblicas construíram juntas um esforço a favor da divulgação das escrituras no mundo. Fundada em 1948 a SBB – sociedade bíblica do Brasil – hoje é a maior produtora de bíblias do mundo, fabricando cerca de 7 milhões de bíblias por ano em mais de 30 idiomas. Atualmente a SBB em parceria com a Edições Paulinas, realiza também a fabricação da bíblia Católica.

Por fim, terminar uma dissertação com uma citação não é convencional, mas é uma história, e vale a pena lê-la como última lembrança dum tempo que se foi, mas que ainda faz sentido, num tempo atual onde nada faz sentido. Em seu último relatório do século XIX a SBBE revela a permanência deixada pela bíblia, no relato do colportor Antonio B. S. Miranda na província da Paraíba:

Miranda, nosso colportor no Nordeste, estava, como de costume, viajando pelas estradas secas e poeirentas da província da Paraíba, levando seu carregamento de escrituras no lombo de uma mula, quando encontrou um bando de tropeiros acampados à beira do caminho. Estava escurecendo e eles já haviam parado para passar a noite. Miranda se aproximou e pediu para se juntar a eles e dormir ali, um lugar seguro para quem estava viajando sozinho. Eles concordaram e o convidaram para tomar uma sopa. Enquanto tomavam a sopa, Miranda pediu licença para ler em voz alta alguns capítulos das escrituras. Leu a bíblia sob a luz de um lampião e depois fez alguns comentários sobre a passagem lida. Quando se preparava para dormir, aproximou-se dele um senhor bem vestido e pediu para falar com ele. Disse que estava passando por um momento muito difícil da sua vida. Sua mulher havia morrido havia poucos dias e ele tinha ido a uma cidade vizinha encomendar uma missa para livrá-la do purgatório. E ele estava injuriado com o padre por lhe haver cobrado tão caro pela missa.

–E pagou tudo isso por nada, se o que está escrito no livro deste homem é verdade– comentou um dos tropeiros, que estava ouvindo a conversa.

- Que livro é esse? –perguntou o homem que havia encomendado a missa.

–E a bíblia, a palavra de Deus–respondeu o colportor. E continuou:

–Se o senhor me permite, vou ler mais um pouco.

²⁰⁴ LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981, p. 85.

O homem ouviu em silêncio a leitura da bíblia e então pediu:

–Deixe que eu mesmo leia esse livro.

Pegou a bíblia com muito interesse, leu durante alguns minutos, e perguntou:

–Você poderia me vender um livro como este?

- Claro que sim– respondeu o colportor.

Então abriu uma caixa com vários modelos de bíblias e mostrou-as a ele.

O homem escolheu uma bíblia que achou mais bonita, pagou e guardou-a com cuidado na sua bagagem.

Alguns meses depois, Miranda ouviu falar de certo capitão que estava convidando as pessoas para ouvir a leitura de um livro em sua casa. Ele procurou a residência do capitão e encontrou uma bela mansão, dentro de uma grande fazenda. Miranda bateu à porte e, para sua surpresa, quem veio atendê-lo foi aquele homem que havia comprado a bíblia no acampamento dos tropeiros. Ele tinha continuado a ler a bíblia, estava se sentindo agora um novo homem e queria compartilhar as verdades do evangelho com seus empregados, com seus amigos e com todas as pessoas que quisessem ouvir a leitura da palavra de Deus.²⁰⁵

²⁰⁵ **The Ninety-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society, p. 304.**

REFERÊNCIAS

- Annual Report of the American Bible Society.** New York, 1816 a 1880. Disponível em: www.catalog.hathitrust.org.
- Annual Reports of the American Bible Society**, Vol. I. New York, 1838, p. 14.
- Annual Reports of the American Bible Society**, Vol. I. New York, 1853, p. 835.
- AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal.** São Paulo, Edições Paulinas, 1991.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. Edições Paulinas, São Paulo, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo, Editora Perspectiva, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** 3 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro.** São Paulo, Editora Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido.** 2 ed. Campinas-SP, Mercados de Letras, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações.** 2 ed. Algés, Portugal, Difel – Difusão Editorial, 2002.
- CHAVANTE, Esdras Cordeiro. **Apontamentos Históricos sobre a presença e atuação social e religiosa de Robert Reid Kalley no Brasil oitocentista.** ABHR, 2º Simpósio Internacional de História das Religiões, UFSC, 2016.
- Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brasil.** Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1868, p. 126.
- DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução.** São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional.** EST Edições, Porto Alegre-RS, 2002.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro.** 2 ed. São Paulo, Edusp, 2017.
- Fifty-Fourth Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1870, p. 728.
- Forth-Third Annual Reports of the American Bible Society.** New York, 1859, p. 513.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

- GIRALDI, Luiz Antonio. **Semeadores da Palavra**. Barueri-SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri-SP, 2012.
- GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a Bíblia no Brasil**. São Paulo, Associação Educativa Evangélica, 2018.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. Edusp, São Paulo, 2017.
- HAUCK, João Fagundes. BEOZZO, José Oscar. (org.) **História da Igreja no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, 1980.
- HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 1980.
- HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550 – 1800**. 2 ed. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1978.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. 3 ed. São Paulo, Edusp, 2017.
- HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **A Igreja no Brasil no Século XIX**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1980.
- KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Sul)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972.
- KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Norte)**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951.
- LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1981.
- MATOS, Alderi Souza de. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil**. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2004.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo, Editora IMS, 1995.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso, princípios e procedimentos**. 13 ed. Campinas-SP, Pontes Editores, 2020.
- PRIEN, Hans-Jurgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**. Editora Sinodal, São Leopoldo-RS, 2001.
- Reports of the British and Foreign Bible Society**. London, 1823 a 1900. Museu da Bíblia, Barueri-SP.

- REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo, ASTE, 2003.
- RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico**. São Paulo, Pioneira, 1973.
- ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Publicidade, 1941.
- SILVA, Edson Armando. **Identidades Franciscanas no Brasil: A Província da Imaculada Conceição – Entre a Restauração e o Vaticano II**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do Grau de Doutor. Rio de Janeiro, 2000.
- The Eighty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1890, p. 278.
- The Seventy-Third Report of the British and Foreign Bible Society**, p. 230.
- The Thirty-Eight Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1852, p. 137.
- The Twenty-Third Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1827, p. 63.
- Thirteenth Annual Reports of the American Bible Society – Appendix**. New York, 1829, p. 491.
- Twenty-Third Annual Reports of the American Bible Society**, New York, 1839, p. 16.
- The Eighty-First Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1885, p. 251.
- The Fifty-Fifth Report of the British and Foreign Bible Society**. London, 1859, p. 275.
- VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1980.
- ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggiornamento e a Solidão: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965)**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1999.